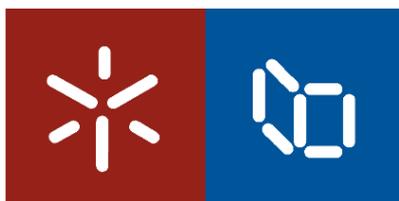




Universidade do Minho
Instituto de Letras e Ciências Humanas

Ângela Sofia Mendes de Miranda

**Depois do Adeus: Análise Comparativa
dos Costumes Fúnebres e do Simbolismo
da Morte na China e em Portugal**



Universidade do Minho
Instituto de Letras e Ciências Humanas

Ângela Sofia Mendes de Miranda

**Depois do Adeus: Análise
Comparativa dos Costumes
Fúnebres e do Simbolismo da Morte
na China e em Portugal**

Dissertação de Mestrado

Mestrado em Estudos Interculturais
Português/Chinês: Tradução, Formação e
Comunicação Empresarial

Trabalho efetuado sob a orientação da

Professora Doutora Sun Lam

e do

Mestre João Marcelo Mesquita Martins

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



Atribuição

CC BY

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Agradecimentos

Em primeira instância gostaria de agradecer aos meus orientadores, professora Doutora Sun Lam e Mestre João Marcelo Mesquita Martins pela amabilidade e pela sua disponibilidade. A sua ajuda e indicações minuciosas foram imprescindíveis para a elaboração da minha dissertação.

À professora Doutora Kuniko Ukai e ao professor Doutor G. L. Koster pela sua participação no acréscimo do meu gosto pela história. Os seus ensinamentos sobre a história da China e a do Japão facultaram bases para o meu entendimento histórico-cultural. Estas foram indiscutivelmente essenciais para a redação da presente dissertação.

A todos os docentes, colegas e amigos que moldaram o percurso durante a licenciatura e no mestrado. Com cada experiência cresci e aprendi como pessoa.

Às minhas amigas Andreia Carvalho, Cristiana Marques, Fátima Rei, Patrícia Pilar Almeida pela paciência, pela imensurável ajuda na leitura e correção das minhas tentativas questionáveis literárias, pela disponibilidade de escutarem os meus constantes desabafos a horas indecentes do dia e por serem a voz da razão quando necessário.

À Ana Cabo, Liliana Lopes, Pedro Sobral pela paciência, pelo encorajamento, por entreterem as minhas estranhas reflexões e por todos os momentos vivenciados em conjunto. Obrigada pelo impacto que têm na minha vida.

Ao meu amigo de longa data Miguel Ângelo Barbosa pela paciência e encorajamento ao longo deste projeto.

À minha tia avó Maria do Carmo pelo apoio e por me ter dado forças para terminar com esta dissertação.

À minha Joana Miranda, cunhado Carlos Gomes e sobrinhos Afonso, António e Rita pelo apoio ao longo da minha vida.

Por último, mas de certeza não menos importante, gostaria de agradecer aos meus pais pelos constantes sacrifícios e por todo o apoio ao longo da minha carreira académica. Obrigada por me permitirem ir mais longe do que outros pais ousariam deixar. A eles dedicado a presente dissertação.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho acadêmico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Depois do Adeus: Análise Comparativa dos Costumes Fúnebres e do Simbolismo da Morte na China e em Portugal

Resumo

Na vida de uma pessoa existem duas certezas: a mudança e a morte. A relação do ser humano com a morte tem sido parte significativa da sua esfera cultural, desde os primórdios da humanidade. A forma como cada comunidade reage e os costumes que daí se desenvolvem estão fortemente interligados com o seu ambiente e com a sua exposição a outras culturas. Sendo que, por meio do contacto intercultural, a cultura fúnebre de uma determinada sociedade é alterada.

A presente dissertação, no âmbito da interculturalidade, pretende analisar de forma comparativa os costumes fúnebres e o simbolismo da morte nas culturas portuguesa e chinesa. Este cruzamento cultural visa evidenciar as diferenças e as semelhanças fúnebres entre ambos os países. O que nos separa e o que nos une.

Tem como principal propósito promover uma melhor compreensão das características culturais de ambos os lados. Este projeto foi realizado através do enquadramento evolutivo histórico e da análise cultural de certos elementos frequentemente presentes no panorama mortuário e das principais festividades fúnebres.

Palavras-chave: China, Costumes Fúnebres, Interculturalidade, Morte, Portugal

After Goodbye: A Comparative Analysis of the Mortuary Customs and Death Symbolism in China and Portugal

Abstract

In one's life, there are two certainties: change and death. From the beginnings of Humanity, the relationship between the Human being and death plays a significant role in their cultural sphere. The way each community interacts, and the customs developed from it are tightly intertwined with their environment and contact with other cultures. Through intercultural contact, one's funerary customs from a certain culture are modified.

This Master's dissertation, inside the intercultural scope, intends to analyze comparatively the mortuary customs and death symbolism in the Portuguese and the Chinese cultures. This cultural crossing aims to showcase the similarities and differences between both countries. What unites us and what pulls us apart.

The main purpose is to promote a better understanding of the cultural characteristics of both sides. This was conducted via the observation of the historical evolutionary context and by the cultural assessment of certain elements frequently presented on the death landscape, as well as of the main death festivities.

Keywords: China, Death, Funerary Customs, Interculturality, Portugal

再见以后：在中国和葡萄牙的丧葬习俗和死亡的意思对比分析

摘要

在一个人的生活有两真理：变化和死亡。人类的起源以来，人跟死亡之间的关系在文化领域中占据很重要部分。每个社会的生活方式，他们的习俗，是与他们的环境以及其他文化的交往 紧紧交织在一起。经过跨文化联系，某社会的丧葬习俗开始变化。

本论文在跨文化范围中，意欲比较分析葡萄牙和中国文化的丧葬习俗和死亡的意思。要展示两国之间的异同，什么共同 还有什么大不相同。

主要目的是增进双方文化特征的了解。本论文是通过观察历史进化背景来进行的，另外通过对死亡景观某些特点以及主要庆祝活动的文化评估。

关键字：跨文化，葡萄牙，丧葬习俗，死亡，中国

Índice

Introdução	1
Capítulo I – O Conceito da Morte	4
1.1. Resenha histórica da morte em Portugal	4
1.1.1. Neolítico e Idade do Bronze	4
1.1.2. O caso português	5
1.1.3. O Império Romano	8
1.1.4. Idade Média e Renascimento	12
1.1.5. Períodos de mudança	18
1.1.6. Portugal nos séculos XVIII e XIX	22
1.1.7. O turismo cemiterial	27
1.2. Resenha histórica da morte na China	29
1.2.1. Do Neolítico até à unificação	29
1.2.2. O aparecimento das colinas funerárias	32
1.2.3. Dinastias Qin e Han	33
1.2.4. “Idade Média” da China Antiga e Dinastia Sui	37
1.2.5. Dinastia Tang	38
1.2.6. A crescente popularização do Budismo e do costume da cremação	39
1.2.7. Do período das Cinco Dinastias à Dinastia Song	41
1.2.8. Dinastia Yuan	42
1.2.9. As Dinastias Ming e Qing	43
1.2.10. Arquitetura fúnebre Ming e Qing	46
1.2.11. Do século XX à atualidade	47
Capítulo II- Costumes e Atitudes	49
2.1. A flora nos rituais fúnebres	49
2.2. Cores	54

2.3. Luto	58
2.3.1. Posição cultural	60
2.3.2. O choro	61
2.4. Geomancia chinesa: <i>fengshui</i>	65
2.5. Breves reflexões sobre algumas correntes religiosas	69
2.5.1. Budismo	70
2.5.2. Confucionismo e Taoísmo	72
2.5.3. Cristianismo	76
2.5.4. Diferenças fúnebres iniciais do Cristianismo na China	79
Capítulo III- Festivais associados à morte na cultura portuguesa e chinesa	81
3.1. Dia de Todos os Santos	81
3.1.1. Dia de Fiéis defuntos ou de Finados	84
3.1.2. Oferendas	87
3.2. O Festival Qingming	89
3.2.1. O Festival Shangsi	91
3.2.2. Limpeza dos túmulos	93
3.2.3. O Festival da Comida Fria	95
3.2.4. Oferendas	99
Conclusão	105
Bibliografia	109
Webgrafia	113
Anexos	118
Anexo 1- Breve cronologia da História da China	118
Anexo 2- Mapa da China	119
Anexo 3-Ladainha de Todos os Santos	119

Introdução

O tema desta dissertação centra-se no domínio da cultura e da interpretação cultural de uma das fases que mais contemplação desencadeia no pensamento humano desde a antiguidade, a Morte.

Com início em tempos imemoráveis, o conceito de morte tem sido alvo de inúmeras interpretações e práticas associadas. O falecimento de um indivíduo causa um impacto avassalador na comunidade e esta, através da realização de determinados costumes fúnebres, não só prepara tanto o morto para a sua nova existência, como também recebe consolo no processo de adaptação dos vivos.

A resposta cultural fúnebre de uma determinada sociedade com a morte altera-se consoante o seu contexto e com a sua exposição. A cultura não se apresenta como algo perpetuamente fixo nos seus métodos e convicções. A cultura pode ser vislumbrada como uma entidade viva em constante processo de mutação para melhor satisfazer as necessidades dos indivíduos da Comunidade onde é praticamente, evoluindo de acordo com a realidade vivida pela comunidade. A cada contacto com outra cultura distinta, ambos os lados mudam com diferentes graus de intensidade, incorporando elementos da outra na sua própria cultura.

O escritor Nicolas Standaert, no seu livro *The Interweaving of Rituals* de 2011, recorre a uma metáfora na qual compara a cultura de uma sociedade a uma tapeçaria em produção para ilustrar a evolução nos funerais advinda do intercâmbio cultural entre o Ocidente e a China. Com cada interação cultural com o outro, mais um "fio" distinto era adicionado à "tapeçaria" daquela cultura, transformando aos poucos o seu padrão num mais complexo e rico em detalhes. Com isto em mente, o panorama fúnebre e a relação da sociedade com a morte passaram por algumas mudanças ao longo das gerações.

Apesar dos inúmeros estudos de análise sobre a morte e do seu papel social nas mais variadas áreas de intervenção, nomeadamente estudos comparativos da postura religiosa entre o Ocidente e o Oriente, não existem, na realidade, muitos casos de comparação cultural fúnebre entre Portugal e a China para além da relacionada com o contacto inicial entre ambos os países e os primórdios do Cristianismo na China.

Identicamente, esta dissertação tem como seus objetivos:

- Estabelecer uma ponte entre a cultura portuguesa e a cultura chinesa no que diz respeito à temática da morte e respetivos costumes ou tradições associados;

- Analisar as diferenças e semelhanças culturais entre a cultura portuguesa e a chinesa;
- Analisar componentes culturais menos exploradas dentro do universo mortuário;
- Enriquecer o conhecimento referente às relações interculturais luso-chinesas;
- Fomentar o diálogo saudável de compreensão da Morte como parte integrante do tecido cultural da vida em comunidade.

Nas últimas duas décadas tem-se observado um crescimento no conteúdo académico de língua portuguesa em torno da cultura chinesa. No entanto, esta área continua bastante subexplorada, permitindo assim que certas preconcepções de cariz erróneo continuem a ser perpetuadas no conhecimento geral social. Embora a Morte e os costumes a esta associados serem alvo frequente de análise introspetiva numa sociedade, na realidade, o estudo da interculturalidade fúnebre, principalmente no caso de Portugal e da China, demonstra pouquíssimas referências, sendo, na sua maioria, comparações breves entre o Ocidente e o Oriente.

Outrossim, esta dissertação tem como principal propósito promover uma melhor compreensão sobre as características culturais de ambos os países, tanto próximas como distintas, que influenciam o seu comportamento em relação à morte.

Devido à escassez de referências de cruzamento cultural relacionado com a temática, nomeadamente entre Portugal e China, a investigação realizada para a presente dissertação ocorreu através de:

- Levantamento de referências bibliográficas, no âmbito das ciências sociais e das humanidades, bem como também, da área da botânica, relacionadas com a simbologia associada à morte e com os costumes culturais portugueses e chineses, redigidos em língua portuguesa, chinesa, inglesa, espanhola, etc.
- Visualização e análise de conteúdo videográfico de natureza documentária relacionado com a História e com a cultura fúnebre em Portugal e na China, pertencentes à RTP, Porto Canal, Instituto Smithsonian, etc.
- Consulta de podcasts e diálogos gravados em formato áudio referentes à evolução histórica da Península Ibérica durante o período da era do Bronze; evolução de certas festividades na cultura ocidental; Culto dos Santos; etc.
- Consulta de dicionários e enciclopédias de língua portuguesa e chinesa.

Com o intuito de participar com uma modesta contribuição para o enriquecimento da língua portuguesa, todas as citações na presente dissertação apresentam-se traduzidas para o

português. Deste modo, permitirá a compreensão plena do conteúdo por parte do leitor, independentemente do seu grau/ nível de proficiência linguística nos mais variados idiomas.

O primeiro capítulo foca-se na evolução histórica dos costumes fúnebres nas culturas chinesa e portuguesa desde o prelúdio da existência humana na área geográfica onde ambos os países estão localizados. A história fúnebre está marcada por um período cíclico de sumptuosidade e de simplicidade na arquitetura, no seu recheio e no cerimonial fúnebre realizado pela comunidade. A concentração de recursos e a interação com outras comunidades em seu torno impulsionou, a ritmos distintos, o desenvolvimento cultural de ambos os países. Ao longo dos tempos, a inovação tecnológica e o clima sociopolítico influenciaram profundamente o panorama fúnebre atualmente observado.

O segundo capítulo é dedicado à análise comparativa e compreensão de diversos componentes do foro religioso e cultural que influenciam os costumes fúnebres praticados em ambas as culturas. O papel da crença e a interpretação que cada religião realiza sobre o que acontece na vida após a morte tem inspirado fascínio e debate há várias gerações. Num outro ponto, o objetivo deste capítulo é também elucidar o leitor acerca de determinados aspetos muito frequentemente desvalorizados quando pensamos na temática fúnebre. A simbologia associada à flora, cor, localização, entre outros aspetos, altera-se dependendo do meio onde a comunidade está estabelecida e das interações interculturais por esta assistida. Apesar da constante exposição quotidiana a estes elementos culturais, nem todos compreendem o motivo por detrás do seu emprego.

Por fim, o terceiro capítulo aborda as festividades mais importantes associadas à morte e à memória dos defuntos nas culturas portuguesa e chinesa. Neste âmbito são evidenciadas as diversas semelhanças entre ambas as culturas, nomeadamente a importância dada à oração, à lembrança da memória dos familiares e amigos já falecidos. A realização da limpeza dos túmulos/campas e a oferta de oferendas fúnebres aos antepassados são costumes em comum entre ambos os países.

Por último, um reparo importante. Por motivos oriundos das atuais limitações do tipo de letra oficial da Universidade do Minho, NewsGotT, ao longo desta dissertação o pinyin encontra-se parcialmente redigido noutra forma de letra. Isto deve-se ao facto de que, por enquanto, o NewsGotT não ser capaz de acomodar tons no seu repertório.

Capítulo I – O Conceito da Morte

1.1. Resenha histórica da morte em Portugal

1.1.1. Neolítico e Idade do Bronze

Desde tempos remotos, o ser humano demonstrou uma preocupação com o enterro dos seus entes queridos. Os indícios mais antigos encontrados por arqueólogos datam do período paleolítico, em diferentes áreas do globo. A natureza nómada do *Homo sapiens* na pré-história é uma das causas prováveis para este fenómeno. À medida que estes se foram instalando em novas áreas, novas sepulturas foram surgindo. É importante salientar que, sendo um animal consciente e emocional, o *Homo sapiens* via o grupo como algo importante e, quando um dos seus integrantes falecia, a perda era colossal.

O corpo do defunto era tratado com o maior respeito, colocado em posições de conforto, como a posição fetal ou a de sentado com os joelhos encostados ao tronco. Vários especialistas têm considerado este padrão de posições como um semelhante ao da posição dos fetos dentro do útero, podendo possivelmente aludir a uma interpretação da “casa” como elemento com características femininas. Consequentemente, existe uma possível alusão ao renascimento após a morte, indicando, porventura a percepção de que a morte não representava o fim:

É possível concluir-se que no Neolítico, a casa era considerada exclusivamente como espaço com características femininas e funções simbólicas- a concepção, incubação, nascimento e crescimento. consequentemente, podemos interpretar o sepultamento do defunto (na posição fetal) dentro de casa como uma metáfora do feto no ventre (Naumov, 2010:258).¹

Este detalhe fúnebre é considerado como teoricamente parte do imaginário espiritual das primeiras religiões. Apesar da sua natureza abstrata hipotética, por falta de indícios definitivos que corroborem esta percepção, a sua presença frequente em milhares de necrópoles um pouco por todo o globo alude à ligação de toda a humanidade com a grande peregrinação nómada que decorreu nos finais da era glacial.

¹ (Orig.) “It can be concluded that in the Neolithic, the house was conceived as a space with exclusively feminine features and symbolic functions -conception, incubation, birth and growth. Consequently, we can interpret the burial of the deceased (in fetal position) inside the house as a metaphor for the fetus in the womb.”

Tal e qual o que decorria no resto do mundo neolítico, com a transição de comunidades coletoras caçadoras nómadas para umas mais interligadas à agricultura e domesticação de animais, as comunidades começaram-se a instalar em zonas férteis junto dos rios ou mares. Originalmente, os costumes fúnebres desta região apresentavam-se bastante simples em aparência e execução. Porém, como o tempo e o avanço tecnológico potenciado por condições propícias afetaram todas as áreas da vida, a sociedade desenvolveu uma estrutura complexa.

1.1.2. O caso português

A Europa desenvolveu-se a um ritmo lento durante o Neolítico. Enquanto, por esta altura, em outras partes do mundo, as primeiras civilizações começavam a emergir, no continente europeu ainda imperava o sistema de pequenas aldeias. As crenças da altura não eram muito complexas, sendo que o culto xamanístico da Mãe Terra e do Pai Sol afiguravam-se como as mais importantes. As práticas religiosas asseguravam a eficácia e o bem-estar da sua população. (Lafforgue, 1979). As campas dos defuntos seguiam o mesmo padrão de simplicidade da arquitetura das casas dos vivos e encontravam-se próximas ou dentro da povoação.

Em alguns casos, estes enterravam os seus entes queridos sob o próprio chão das suas casas, continuando sempre com o culto familiar dos antepassados, pois, apesar de falecidos, tal não significava que tivessem deixado de pertencer à família e à comunidade. No seu livro de 1979, *A Alta Antiguidade das origens a 550 a.C.*, Lafforgue menciona:

(...) o cadáver é com mais frequência orientado para o país dos mortos e munido de provisões e de material para a vida do além. A maioria das sepulturas fazem-se sob o chão das casas, e o culto fúnebre prolonga-se indefinidamente em culto familiar dos antepassados (Lafforgue, 1979: 56-57).²

À medida que a sociedade neolítica ia avançando e se organizando, o ritual fúnebre também foi evoluindo. Durante a época de difusão da metalurgia do cobre, verificou-se o surgimento, no mobiliário, fúnebre, a presença de punhais de cobre, equipamentos de arqueiro, vasos campaniformes, etc. A origem exata desta prática continua a ser uma incógnita (Lafforgue, 1979). Muito possivelmente, esta prática surgiu como um primordial mecanismo de luto e conforto para quem continuava vivo. Ao enterrar os seus entes queridos com tais objetos, sentiam que a vida destes na morte seria um pouco mais confortável e menos solitária.

² ver nº33 da Bibliografia

Já na Idade do Bronze, é possível encontrar os inícios de uma estruturação e complexificação dos ritos funerários. Claro que, em comparação com o resto da Europa e a China, o desenvolvimento das comunidades em Portugal decorreu a um ritmo muito lento.

Apesar de nesta época existirem bastantes indícios da presença humana em Portugal, o número dos mesmos é bastante mais escasso em comparação com os encontrados em outros países como a China, pois muitas das comunidades nómadas que se instalaram no território provavelmente só o fizeram num período posterior ao do Bronze, ou talvez se tenham instalado em regiões cujo nível de acidez no solo era bastante elevado (tal como acontecia a nordeste do país), o que deteriorou substancialmente os restos osteológicos encontrados. No entanto, existe uma panóplia alargada de indícios do meio e finais da Idade do Bronze, principalmente a sul do país.

Ao longo da Idade do Bronze, os enterramentos evoluíram das valas comuns em antas ou em galerias megalíticas para as campas individuais em cistas³ junto à povoação. Da mesma forma, as campas evoluíram de campas simples para umas mais elaboradas. Os cemitérios familiares, compostos por três a cinco ou mais cistas, começaram a surgir um pouco por todo o lado, especialmente em áreas com melhores recursos económicos, já que as pessoas eram frequentemente enterradas em aglomerados familiares (Barroca, 2003: 331).⁴ Eventualmente, estas necrópoles familiares desenvolveram-se em grandes cemitérios nas áreas mais populosas.

Estas alterações de comportamento desde o final do período Calcolítico⁵ (3,300 a 1,200 a.C.) e do Bronze inicial (3,300 a 3000 a.C.)⁶ são consideradas como consequência da introdução de novas técnicas de metalurgia e cerâmica nos rituais funerários, mas com a funcionalidade dos povoados (Gamito, 2004).⁷ Por outras palavras, o emprego das novas técnicas e ritos era diferente de povoado para povoado. O aparecimento gradual de inumações individuais em posição de decúbito dorsal⁸ é uma consequência destes avanços.

A nível de estrutura da campa, esta apresentava diferentes formas, desde sob retangulares, ovais, circulares, etc., de tamanhos e profundidades diversas. No entanto, em meados e finais da Idade do Bronze, esta tornou-se mais uniforme para poder acomodar as cistas fúnebres. O seu conteúdo sepulcral era enaltecido pela presença de oferendas de vasos de

³ (NdA) Urna funerária.

⁴ ver n.º3 da Bibliografia

⁵ (NdA) Também conhecido como Idade do Cobre

⁶ (NdA) A Idade do Bronze iniciou-se mais tardia na Europa, por volta de 2,300 a.C.

⁷ ver n.º30 da Bibliografia

⁸ (NdA) A posição decúbito dorsal ou supina é aquela em que o indivíduo se encontra deitado de costas, voltado para cima, com as pernas e os braços estendidos.

cerâmica e, em raras instâncias, de objetos, como o cossoiro⁹, peso de tear ou de rede e botões de osso. Com o avançar do tempo, mais elementos característicos do período começaram a ser introduzidos nas sepulturas como pontas de dardos, de setas, pequenos punhais de bronze, etc. (Gamito, 2004; Sampaio & Bettencourt, 2014).¹⁰

A orientação para onde a necrópole estava situada também era um aspeto muito importante. Com base nos dados da escavação realizada por Hugo Aluai Sampaio e Ana M. S. Bettencourt, em 2014, numa necrópole do meio da Idade do Bronze de Pego¹¹, a configuração desta releva um alinhamento do eixo mais longo das campas de nordeste para sudoeste. A sua disposição pode estar relacionada com grupos familiares, como vou explicar a seguir.¹²

Os túmulos dos elementos da comunidade que se encontravam em posições hierarquicamente superiores, considerados como os mais importantes para o funcionamento da comunidade, como por exemplo guerreiros, chefes ou membros religiosos, demonstravam características um pouco diferentes das do resto da população. Estes, em muitos casos, eram sepultados com elementos que pudessem simbolizar a sua posição (Gamito, 2004; Sampaio & Bettencourt, 2014). Isto tinha como propósito indicar a função social do defunto e distinguir a sua sepultura de todas as outras. Por exemplo, numa sepultura de um guerreiro dos finais da Idade do Bronze, foram encontradas imagens de baixo relevo de armas, ilustrando, com grande probabilidade, as armas que o sepultado possa ter utilizado em vida (Gamito, 2004). Esta característica sepulcral de distinção dos membros mais ilustres da comunidade manteve-se até ao presente.

A Idade do Ferro viu surgir as inovações metalúrgicas do trabalho do ferro e, conseqüentemente, a sociedade tornou-se mais estruturada e complexificada. A presença de objetos feitos de ferro nos túmulos das elites cresceu nesta altura. Em Portugal, na altura pertencente ao território da Hispânia¹³, foi essencialmente dominado pelo Império Romano durante parte da sua Idade do Ferro.

⁹ "As peças arqueologicamente designadas por cossoiros são elaboradas em matérias-primas diversificadas, como cerâmica, pedra ou osso, apresentam morfologias tendencialmente circulares e uma perfuração central. Em termos funcionais, o cossoiro seria colocado numa das extremidades do fuso, para que a sua secção horizontal circular o equilibrasse e imprimisse velocidade ao seu movimento giratório, permitindo assim a obtenção de um fio uniforme, resistente e fino" (Costeira, 2017: 3).

¹⁰ ver n.º 4 e n.º 30 da Bibliografia

¹¹ (NdA) Pego localiza-se no Souto, paróquia da Cunha, no concelho e distrito de Braga.

¹² ver n.º 46 da Bibliografia

¹³ (NdA) Nome dado pelos romanos à Península Ibérica e parte da nomenclatura do nome oficial das províncias lá localizadas: Hispânia Citerior, Hispânia Ulterior, Hispânia Ulterior Lusitana, *Gallécia*, Tarraconense e a Cartaginense.

1.1.3. O Império Romano

Os romanos tinham uma forte relação com a morte. Estes acreditavam na importância da preservação da memória do defunto, sendo que muitos dos rituais praticados revolviam em torno deste pormenor. Os cemitérios romanos também partilhavam esta característica.

Tradicionalmente, os cemitérios romanos localizavam-se fora das muralhas da cidade. Existem duas razões pertinentes para isto. A primeira prende-se com razões religiosas, o cadáver era visto como um ser potencialmente perigoso, *res funesta*¹⁴ (Figueiredo, 2001). A segunda razão por detrás do posicionamento estratégico das necrópoles prendia-se com a forma tradicional de tratamento dos restos mortais dos cidadãos romanos, a cremação. Os romanos tinham uma perceção sanitária avançada para a época, sendo que compreendiam a correlação entre o perigo da propagação de doenças e dos restos mortais em áreas, onde o volume populacional era elevado. Com isso em mente, no século V a.C. surgiram leis (*Lex Duodecim Tabularum*¹⁵), onde se requer o sepultamento do defunto longe dos vivos, juntamente com outros costumes específicos (Figueiredo, 2001).

Apesar de a prática da inumação também ocorrer, a cremação acabava por ser uma solução mais popular. Tendo em conta a necessidade de uma pira fúnebre para a elaboração de uma cremação, o local mais apropriado para tal era fora da cidade, tanto por razões sanitárias como principalmente por razões de segurança.

As cidades romanas eram centros metropolitanos avançados, onde coabitavam centenas, e no caso das cidades maiores, milhares de indivíduos. Por consequência, a possibilidade da ocorrência de incidentes relacionados com o fogo num meio tão concentrado dispara. A história das cidades romanas com os incêndios é deveras vasta. Estes ocorriam com muita frequência e com consequências muito devastadoras, que eventualmente levaram à criação e implementação de regras e mecanismos de defesa intrínsecos para a atual gestão de uma cidade.

A necrópole romana e seus monumentos fúnebres desempenhavam uma função importante à parte de meros lugares de repouso dos defuntos. Tudo, desde a localização até à magnitude e elementos decorativos, era importante para enaltecer o indivíduo e a sua família. Aqueles que tivessem posses prestavam muita atenção à imagem que transparecia os seus mausoléus:

¹⁴ (NdA) "Res" pode ser traduzido como coisa/objeto e "funesta" como fatal/funesto

¹⁵ (NdA) A Lei das Doze Tabelas foi escrita no século V a.C., após o fim do período monárquico de Roma, constituía a base de todo o tecido legislativo do Direito Romano.

Porque os túmulos eram monumentos de comemoração e de memória, estes localizavam-se ao longo da via que conduzia para fora das cidades e povoações rurais. Porém, os túmulos não eram só lugar de sepulcro, mas também podiam transmitir uma mensagem aos vivos. no seu papel como mensageiros, estes também desempenhavam uma função social, anunciando o estatuto social dos defuntos e das suas famílias (Figueiredo, 2001:4).¹⁶

Todavia, é importante mencionar que, como em muitas outras culturas, existiam exceções à regra para o caso do falecimento de pessoas importantes na comunidade. Estas pessoas ilustres eram sepultadas dentro da cidade e os seus mausoléus fúnebres desempenhavam o papel de marco citadino e representação de estatuto acima dos de mais.

Estes mausoléus, pelas suas dimensões opulentas e decorações intrincadas, eram ferramenta sempre presente de recordação da existência daquele indivíduo. Igualmente, pela sua localização, dimensões e aparência, estes mausoléus eram marcos do estatuto. “Como a monumentalidade dos monumentos funerários anunciavam a posição social do indivíduo ou da família que comemorava, tornou-se comum o seu posicionamento junto das ruas que conduziam até às cidades” (Figueiredo, 2001:9).¹⁷

Tal e qual ao que decorre na atualidade, a importância de fomentar um bom funeral e um lugar de repouso apropriado era extremamente importante na sociedade romana. Mesmo os cidadãos mais pobres esforçavam-se para conseguir juntar o suficiente para conseguir uma sepultura digna para a vida após a morte. Havia o costume de ingressarem em colégios funerários¹⁸, onde, após uma taxa de inscrição e contribuições periódicas, caso um membro falecesse o colégio facultaria dinheiro à família para cobrir as despesas funerárias deste, seguindo orientações específicas (como o tipo de mausoléu, inscrição na epígrafe, etc.) para indicar a relação de membro da instituição. Se não se pertencesse à instituição, as pessoas poderiam optar por outro tipo de monumento fúnebre. O elemento funerário mais comum escolhido pelas pessoas com posses mais modestas, como escravos e *libertus* (escravos libertados), era uma estela de pedra com uma epígrafe simples (Figueiredo, 2001).

Um dos monumentos fúnebres populares durante o império era o *columbarium*¹⁹. Este foi bastante popular até por volta do século I a.C. Normalmente, estes espaços eram propriedade

¹⁶ (Orig.) “Because tombs were monuments of commemoration and remembrance, they were located along the viae leading out of the cities and rural settlements. However, tombs were not only places of burial, but could also convey a message to the living. In their role of message transmitters, they also performed a social function, advertising the social status of the deceased persons and their families.”

¹⁷ (Orig.) “Since the monumentality of funerary monuments advertised the social standing of the individual or family it commemorated; it became common practice to place them along the roads leading into the cities.”

¹⁸ *collegium funeraticium*

¹⁹ (NdA) Columbário era uma construção funerária com vários compartimentos usados para depositar urnas com cinzas de cadáveres humanos.

privada e os proprietários permitiam a quem quisesse ser sepultado lá junto dos seus familiares.²⁰ Uma versão atual desta prática nos cemitérios portugueses são os jazigos. O espaço era composto de paredes com pequenos compartimentos embutidos onde as ânforas fúnebres podiam ser colocadas. Em alguns exemplos destes espaços encontrados, as próprias ânforas encontravam-se embutidas na parede. A existência do pequeno espaço dos compartimentos permitia aos familiares e amigos terem um espaço onde pudessem visitar os seus entes queridos e onde pudessem deixar oferendas. A presença de pessoas com posses era detetada através da existência de elementos decorativos no sarcófago, da presença de uma lápide onde se indicavam os dados pessoais do defunto.

Durante o século II d.C. (século III na região da Hispânia) o sepultamento em modo de sarcófago voltou a estar na moda, demonstrando, assim, uma evolução dos costumes influenciada pela inclusão cultural dos elementos praticantes dos cultos orientais e do Cristianismo. Confira-se:

Apesar de inicialmente uma necrópole crematória, as mudanças no costume funerário introduzidas pelos Cultos Orientais, significavam que ambos o edifício e o espaço circundante foram, depois do século III d.C., usados para inumação até ao século V ou no início do século VI (...). O impacto das religiões Orientais, como o Cristianismo, nas crenças em torno da morte e nos costumes fúnebres dos habitantes da Hispânia, mara outra fase, embora tardia, no processo de romanização da região (Figueiredo, 2001:7).²¹

Na época do Império Romano, as oferendas mais frequentemente escolhidas durante visitas e festividades eram incenso, vinho, bolinhos de cevada, etc..²² Um detalhe interessante a ter em consideração nos cidadãos romanos era o facto de serem muito frequentemente enterrados com coisas de que gostavam em vida.²³ Esta característica tem sido uma constante encontrada em variadas culturas pelos investigadores. Acaba por ser tanto um método de compreender a perceção da morte como sendo não algo assustador, mas sim como uma outra fase da vida. Ao enterrar, em conjunto ao cadáver, estes objetos de uma forma consciente, deseja-se que este passe para esta nova fase mais confortavelmente.

No ponto de vista dos vivos, ao realizar-se esta prática para confortar os mortos, acabam igualmente acabam por estar a apaziguar o pensamento dos que ficaram para trás. Ao enterrar

²⁰ ver n°38 da Webgrafia.

²¹ (Orig.) *“Although initially a cremation necropolis, the changes in burial rite brought about by Oriental Cults, meant that both the building and the space around it were, after the third century C.E., used for inhumation burials until the fifth century or early sixth centuries C.E. (...)The impact of Oriental religions, like Christianity, on the beliefs concerning death and on the burial customs of the inhabitants of the Hispaniae, marks another phase, albeit late, in the process of Romanization of the region..”*

²² ver n°2 da Webgrafia

²³ ver n°32 da Webgrafia

os seus bens mais preciosos, quem falece não fica tão desamparado no Além. É um mecanismo de luto utilizado desde tempos imemoráveis pelo ser humano.

Na Península Ibérica, devido à sua distância geográfica do centro do império, os costumes romanos eram essencialmente empregues com graus distintos de adaptação. Apesar do império aplicar o mesmo conjunto de normas por todo o seu território, nem todos se encontravam homogeneamente idênticos. Todas as partes do império tentavam emular com diferentes graus de sucesso o que acontecia na capital. As circunstâncias da adaptação e adoção variavam dependendo da região:

Em áreas remotas rurais as crenças religiosas nativas pareciam ter prevalecido após a Conquista Romana. as atitudes romanas coloniais para com as culturas indígenas são em parte responsáveis por esta situação. (...) A Romanização das crenças religiosas ocorreu através de um processo de sincretismo religioso entre a nativa e a romana (inclusive divindades Orientais) (Figueiredo, 2001:14).²⁴

Foram encontrados indícios em Portugal da presença romana e da adaptação cultural regional dos povos da região. No caso da Península Ibérica, esta interação exhibe uma certa resistência por parte dos locais em abandonar os seus costumes ancestrais e aceitar por completo o método romano.

O Império Romano é conhecido na história pela sua capacidade de absorção/amalgamação de diversos elementos culturais da região que estavam a ocupar e a sua adaptação à narrativa romana, ao invés de exterminar tudo o que não fosse romano. O que torna um império num ser omnipresente vitalício é a sua capacidade de absorção e adaptação consoante as circunstâncias em que se encontra, tornando-se assim mais poderoso. No entanto, o Império Romano nem sempre foi capaz de manter-se constante.

À medida que este começou a enfraquecer e a não ter resposta para lidar com os problemas, foi perdendo território. No caso da Península Ibérica, os Visigodos acabaram por gradualmente vir a ocupar o vazio deixado pelos romanos no território.²⁵ Apesar de serem tecnicamente um povo de origem celta, os Visigodos são bastante diferentes dos seus semelhantes escandinavos. As circunstâncias geográficas e culturais alteraram seriamente o povo durante a sua ocupação da Península Ibérica. Estes incorporaram vários elementos fúnebres romanos nas suas próprias práticas fúnebres. Este pormenor é considerado problemático na questão da

²⁴ (Orig.) *"In remote country areas indigenous religious beliefs seem to have prevailed well after the Roman conquest. Roman colonial attitudes to indigenous cultures were in part responsible for this situation. (...) The Romanization of religious beliefs occurred through a process of religious syncretism between indigenous and Roman (including Oriental deities)."*

²⁵ ver n°52 da Webgrafia

identificação de necrópoles visigodas e da época final do império, pois o intercâmbio cultural decorrido nesta região é muito visível.

Ademais, as evidências da presença são escassas e apresentam-se distribuídas de forma não uniforme a nível espacial e temporal, fomentando assim a realização de leituras muito diferentes do que decorria em cada período do reino visigodo (Leitão,2012:7).²⁶ Os trezentos anos de ocupação visigoda correspondem à denominada popularmente “Época das Trevas” (a meados da Idade Média), onde a sociedade retrocedeu e a instabilidade e a violência imperavam.

1.1.4. Idade Média e Renascimento

A Idade Média é vista como um período de grandes alterações (em alguns setores até de retrocesso) para a população da Europa. A população desenvolveu-se de simples aglomerados populacionais de diferentes culturas dispersos, imersos num clima de instabilidade social, com guerras constantes, doenças e fome, para reinos estruturados com sede de expansão da sua esfera de influência cultural. Identicamente, este período deu origem ao desenvolvimento exponencial de todas as diferentes áreas da sociedade, que serviram de impulso para o desenvolvimento e avanço cultural e de pensamento vislumbrado durante o período seguinte, o Renascimento.

A sociedade medieval era fervorosamente religiosa, estando a religião presente em todas as facetas da vida quotidiana, numa época onde a maioria do conhecimento geral e entretenimento da população vinha desta. Tendo isto em conta, a posição da sociedade em relação à morte era muito mais aberta e central do que na atualidade. A morte era uma constante sempre presente no quotidiano das pessoas, pois, a mortalidade nesta altura era bastante elevada devido à constante ameaça bélica, doença (mais concretamente, à falta da existência de medicamentos para o tratamento adequado de ferimentos e doenças) e fome.

Na tradição religiosa cristã existe um foco especial dado à morte e ao tratamento da alma no além. Uma pessoa deveria preparar-se para a vida após a morte, através de orações, boa conduta, boas ações, donativos à Igreja e sacrifícios em forma de jejuns, para assim poder evitar as chamas do Inferno e encaminhar-se sem problemas para o Céu.²⁷ A mudança mais significativa

²⁶ ver n°36 da Bibliografia

²⁷ ver n°7 da Webgrafia

sentida nesta altura foi a alteração da localização das sepulturas da população. Estas deixaram de estar afastadas da população para estarem no centro desta mesma, dentro e em torno do templo.²⁸

Os últimos séculos da Idade Média foram permeados por reformas e diferentes movimentos religiosos que trouxeram novos conceitos e, assim, modificaram a perceção inicial religiosa das pessoas. Naturalmente, os costumes fúnebres foram-se alterando para acomodar estas alterações, apesar de, no entanto, não terem sido mudanças tão visíveis na forma de tratamento e sepultamento do defunto.

Após a queda do Império Romano, a Península Ibérica foi mergulhada num clima de instabilidade e de competição bélica entre os Suevos e os Visigodos pela dominância territorial, sendo estes últimos os vitoriosos.²⁹ Identicamente, a invasão muçulmana dos Mouros³⁰, oriundos do Norte de África, na Península Ibérica fez-se sentir gradualmente, mas com efeitos duradouros. A população foi aos poucos sendo convertida para o Islamismo e, conseqüentemente, a cultura muçulmana foi sendo adotada. Estes permaneceram no território durante vários séculos até que foram expulsos pelos reis católicos durante a reconquista cristã.³¹ A sua presença ainda é visível a sul na arquitetura e noutros elementos culturais deixados para trás.³²

Um outro ponto interessante a evidenciar será que com o tempo e o esquecimento humano, achados arqueológicos de outras épocas encontrados pelas pessoas comuns eram considerados de origem moura e muitos foram maltratados e destruídos. Só mais recentemente foi possível apurar pelos historiadores e arqueólogos a sua natureza e origem. Um exemplar deste maltratar humano e eventual reconhecimento posterior da sua importância está presente nas sepulturas dos antigos cristãos, datadas dos séculos IX – XI, esculpidas na rocha em lugares ermos. Tal e qual o historiador Joel Cleto mencionou no seu programa televisivo “Caminhos da História” (2013-presente), transmitido semanalmente pelo Porto Canal, no episódio intitulado “Sepulturas escavadas na rocha” transmitido originalmente no dia 17 de outubro de 2017, estas eram popularmente conhecidas como “pias de Mouros”.

A população cristã, durante a alta Idade Média, encontrava-se reduzida e concentrada a norte do território, onde persistiam em resistir contra os mouros, tal e qual antigamente os povos dessa região contestavam contra os avanços romanos. Estas sepulturas datam do início do período de reconquista cristã. À semelhança do que ocorria com as necrópoles romanas, estas sepulturas

²⁸ ver n°18 da Webgrafia

²⁹ ver n°52 da Webgrafia

³⁰ (NdA) Designação utilizada durante a Idade Média para referir os muçulmanos, Árabes e Berberes, que ocuparam partes da Península Ibérica a partir do século VII.

³¹ (NdA) Recuperação do território da Península Ibérica ocupado pelos mouros (séculos VIII a XV).

³²ver n° 41 da Webgrafia

escavadas na pedra localizavam-se afastadas da população, em pontos desabitados, sendo que muitas foram encontradas em lugares elevados.

A sua aparência no seu estado atual é, no entanto, desconcertante, pois perderam muitos dos seus elementos identificativos, à parte da fossa talhada na rocha onde o corpo era depositado. Muitas destas campas detêm de um rebordo em torno da fossa que servia para impedir a infiltração de águas e permitir a colocação de uma tampa que selaria a campa e preservaria o corpo integralmente como a tradição cristã o impõe. Comparativamente às sepulturas do período do Bronze e do Ferro, estas seguiam as mesmas regras canónicas em que a orientação de nascente para poente é um requisito importante na sua construção.³³

Eventualmente, estas sepulturas talhadas na pedra foram-se alterando para incluir formas mais antropomórficas, possuindo uma cabeceira definida, assegurando assim a posição do corpo. Um detalhe importante a ter em consideração, seria que estas sepulturas eram só para a elite, as pessoas comuns não tinham posses suficientes para enveredar por uma sepultura desta magnitude, sendo, na grande maioria, enterradas diretamente na terra. As suas localizações e ereção eram claros enaltecedores do estatuto, mesmo na morte.

Durante o século XI, graças à influência da posição da Igreja na mentalidade da época, as localizações da realização dos costumes fúnebres modificaram-se para dentro do seio da comunidade, o templo.³⁴ Ao sepultar-se dentro da igreja ou em seu torno, as sepulturas estariam supostamente salvaguardadas de possíveis alterações territoriais que poderiam colocar em causa a permanência e integridade do corpo. Existe a crença na religião cristã de que as pessoas deveriam ser enterradas em solo sagrado, pois assim os seus corpos poderiam ter o eterno descanso até aos fins dos tempos, quando o corpo se voltaria a unir à alma. A partir deste momento na história, as pessoas passaram a ser sepultadas dentro ou em torno do templo religioso. Muito frequentemente, as pessoas comuns eram enterradas sob as pedras do chão desta e, em alguns casos, até nas paredes.

No entanto é importante salientar a importância dada à localização da campa em relação ao altar. Os lugares mais afastados do altar e junto à porta eram utilizados pelos mais pobres, enquanto que os mais aproximados eram essencialmente reservados só para quem tinha posses, neste caso a nobreza e o clérigo. O adro paroquial não era utilizado como lugar de sepulcro frequente. Este era apenas utilizado em circunstâncias especiais e de forma esporádica, devido,

³³ ver n°18 da Webgrafia

³⁴ ver n°18 da Webgrafia

em grande parte, à sua vulnerabilidade à perturbação das campas por animais selvagens (Queiroz, 2003:118).³⁵

O adro da Igreja era utilizado como recurso na eventualidade de epidemias com sinistralidades elevadas que não permitiriam que a resposta funerária comum fosse aplicada ou no caso de que os indivíduos falecidos fossem muito pobres sem família para assegurar um sepultamento dentro da igreja. A sepultura das elites também sofreu alterações das antigas talhadas na rocha para o aparecimento de sarcófagos de uma pedra única ao lado da igreja. Estes eram bastante remanescentes dos que existiram durante o período romano, sendo que estes sarcófagos foram-se tornando cada vez mais individualizados com a evolução do tempo, através da introdução de elementos decorativos elaborados que enalteciam a pessoa ali sepultada.³⁶

A sua localização também mudou de fora da igreja para o seu interior, juntos dos pontos mais sagrados desta. Uma boa razão por detrás disto prende-se com os donativos avultados que a elite oferecia à igreja em retorno por uma passagem direta para o Céu e de um lugar mais adequado para o seu descanso final. Eventualmente, sarcófagos fúnebres deram lugar a sumptuosas arcas tumulares adornadas com baixos relevos detalhados de iconografias bíblicas e com estátuas alusivas ao indivíduo ali sepultado, vestido e com elementos referentes à sua posição na sociedade. Estas esculturas eram realizadas em alto relevo, com tamanho real e com símbolos do seu estatuto juntamente esculpidos. Por exemplo, na sepultura de um cavaleiro, era possível visualizar-se a presença de uma escultura deste na tampa vestido com armadura e espada. Já desde tempos antigos, o dinheiro influenciava muito a forma como a pessoa seria recordada para a posterioridade. Tudo dependeria da escolha dos materiais e dos motivos.

Utilizando, por exemplo, as arcas tumulares de D. Pedro I e Inês de Castro presentes no Mosteiro de Alcobaça, é possível vislumbrar-se as influências góticas na sua edificação. A estátua no topo de cada uma das arcas apresenta uma representação bastante detalhada de cada um como se estivessem a repousar no “eterno descanso”. Identicamente, estas apresentam a coroa no topo da cabeça de cada um representando o seu papel com elementos da realeza.³⁷

Durante o século XIV, a Europa toda viu-se submergida numa das mais infames epidemias da história, a Peste Negra. Um terço da população europeia e entre um terço e metade da população de Portugal pereceu. Atente-se:

³⁵ ver nº48 da Bibliografia

³⁶ ver nº 18 da Webgrafia

³⁷ ver nº17 da Webgrafia

As consequências da Peste Negra foram de capital importância para a história demográfica portuguesa. Já sem atender aos queixumes exagerados da época, de que 2/3 ou mesmo 9/10 da população teriam morrido, há que admitir em paralelo com o que se verificou além-fronteiras, que um terço a metade das gentes pereceu de facto em poucos meses (Marques, 1987).³⁸

Devido à sua propagação rápida e consequências nefastas, não era possível dar-se resposta ao crescente número de cadáveres que necessitavam de ser enterrados. Uma imagem muito frequentemente vista pela população era o amontoar de corpos nas ruas e em carruagens para serem depositados em valas comuns. Foi neste momento que a iconografia da representação da morte tornou-se extremamente presente na literatura e arte da época como emulação do cenário experienciado quotidianamente pela sociedade medieval.³⁹ No artigo *A peste negra na epigrafia medieval portuguesa* de Mário Jorge Barroca, publicado em 2003, revela como o impacto desta peste se encontra mencionado em alguns exemplares de epigrafia medieval portuguesa, sendo dois dos casos mencionados explicitamente ligados à epidemia.⁴⁰

A Peste Negra teve um impacto avassalador na sociedade europeia medieval, o vazio populacional deu origem a um desenvolvimento social que potenciou diversas secções da sociedade, por exemplo melhores salários para os que ficaram para trás, a criação de guildas⁴¹, a especialização de áreas distintas por estas, etc. Igualmente alterou a posição das pessoas em relação à religião cristã, onde o descontentamento em relação a esta cresceu, o que levou, conseqüentemente, a reformas e ao aparecimento de novos movimentos religiosos nos séculos seguintes.⁴²

Durante o Renascimento, apesar das alterações socioculturais que decorreram nesta altura, as práticas fúnebres relativas aos sepultamentos mantiveram-se relativamente idênticas. A utilização de motivos decorativos detalhados projetados por artistas de renome e de uma epígrafe junto da sepultura manteve-se ao longo dos séculos seguintes. Continuando na temática das epígrafes, esse provavelmente é o indício mais reconhecível da influência romana. Durante a Idade Média encontravam-se simplesmente em sepulturas de indivíduos com estatuto.

O Renascimento é demarcado por um retorno artístico às influências clássicas pelos mais ilustres artistas da época e nem a moradia para a vida após a morte foi deixada de parte. A lápide

³⁸ ver n°44 da Bibliografia

³⁹ ver n°7 da Webgrafia

⁴⁰ ver n°3 da Bibliografia

⁴¹ (NdA) Associação de indivíduos pertencentes da mesma área de atividade laboral ou com interesses comuns para fins de assistência e proteção dos interesses comuns do grupo.

⁴² ver n°20 da Webgrafia

continuou em uso durante o período após a queda do Império Romano e a Alta Idade Média, porém não com o nível de importância que atualmente detém na fisionomia de uma sepultura.

Uma possível razão por detrás disto prende-se com a taxa de analfabetismo elevada existente nestes períodos e de como a população se encontrava bastante acostumada à leitura iconográfica. A Igreja medieval possuía muitos elementos decorativos com um duplo carácter: o de decorar e o de incutir à população analfabeta lições importantes. Tendo isto em mente, toda a decoração detalhadamente talhada na rocha de uma arca tumular transmitia a mensagem sobre a importância do indivíduo ali sepultado.

No Renascimento, influenciados pela cultura clássica, a epígrafe lapidária ao estilo romano voltou a ser inserida na decoração sepulcral. O foco na inscrição na pedra do nome do indivíduo voltou a tornar-se mais importante do que apenas uma arca sumptuosamente ostentada. Por outras palavras, a memória do defunto foi muito associada com o nome do mesmo, a sua data de nascimento e/ou de falecimento. Esta mentalidade continua presente até à atualidade.

As arcas tumulares renascentistas portuguesas exibem elementos arquitetónicos característicos do período. Mais tardiamente, durante o período dos Descobrimentos, tornaram-se mais opulentas graças às riquezas provenientes das expedições marítimas e das novas colónias. A escolha decorativa podia ser tão detalhada, chegando mesmo a influenciar escolha do tipo de pedra específico a utilizar como base.

A maioria das alterações relativas aos costumes fúnebres decorrentes neste período relacionam-se a nível sociológico, a evolução social da comunidade mudou costumes antigos, adaptando-os para incorporar parte da nova narrativa social que influenciava as cortes europeias durante o renascimento e, em alguns casos, cessando a sua continuidade. Um dos aspetos que sofreu mais alterações, principalmente no ciclo da elite portuguesa, foi o método de execução do luto. Antigamente, existia a crença de que o luto deveria ser visível na aparência, pois, deste modo, as pessoas poderiam prolongar na memória acontecimentos importantes:

Nas sociedades medievais e modernas tomar luto era, ao contrário dos dias de hoje, bastante frequente, fazendo-se luto por mortes, desastres nacionais ou acontecimentos infaustos ocorridos fora do reino. Este manifestava-se nos prantos e lamentações públicas, no corte e no despentear dos cabelos, no arrancar ou no deixar crescer as barbas, no abandono dos preceitos de higiene, no desprezo pelo corpo, na cor das roupas e nos tipos de tecido utilizados. No entanto, na transição do século XV para o século XVI, o luto sofreu algumas transformações. (...) O luto passou a expressar-se através do vestuário, da duração e da intensidade do luto, e em cerimónias fúnebres mais sofisticadas, mas menos violentas em termos comportamentais (Lopes, 2017: 5-6).⁴³

⁴³ ver nº41 da Bibliografia

A elite portuguesa, influenciada por novas condutas sociais que surgiram um pouco por todas as cortes europeias da época, ao longo de gerações foi modificando o seu comportamento em relação ao falecimento de algum elemento familiar próximo para um cada vez menos focado em demonstrar o seu sentimento visivelmente no seu corpo, um mais recolhido e distante, onde a tristeza não era para ser transparecida para os outros.

Já no final da Dinastia de Avis, com o falecimento do príncipe herdeiro João Manuel (pai de D. Sebastião) em janeiro de 1554, o comportamento exibido pela família real era diferente do visualizado em tempos anteriores. Enquanto tais alterações decorriam na elite portuguesa, a população comum continuou a utilizar práticas mais tradicionais de luto até muito recentemente na história. O uso de carpideiras persistiu até muito recentemente em algumas regiões mais rurais do país.

1.1.5. Períodos de mudança

Os séculos XVIII e XIX foram períodos de profunda mudança nas mais diversas esferas da sociedade. Durante este período, influenciada por variados fatores, a sociedade passou de uma mais simples, focada nos costumes tradicionais praticados desde a Idade Média, para uma nova adaptada para a nova sociedade industrial moderna. A morte e a forma como esta era encarada foi um dos aspetos culturais que mais passou por mudanças. Dois países pioneiros nesta linha de alterações foram a França e a Inglaterra.

Durante o século XVIII, as cidades passaram por um crescimento populacional exponencial que degradou consideravelmente a qualidade de vida e sustentabilidade da cidade. As condições sanitárias encontravam-se em níveis deploráveis, permitindo assim que surtos epidémicos decorressem mais frequentemente nos centros urbanos.

Identicamente, a nível espacial, existia cada vez menos espaço para albergar adequadamente tanto os vivos como os mortos. Até aí, as características típicas do sepultamento intramuros nas igrejas eram adequadas para acomodar o crescimento substancial de defuntos. No entanto, por esta altura, a procura suplantava drasticamente a oferta.

No caso francês, uma das medidas implementadas foi a construção de catacumbas subterrâneas onde os mortos seriam enterrados. Dessa forma, o complexo subterrâneo citadino

seria um cemitério a uma escala maior do que existia anteriormente. Esta medida não foi a única resposta ao problema, pois novos complexos cemiteriais foram erigidos no século XIX.

Cemitério público (<i>cemetery</i>)	Cemitério paroquial (<i>graveyard</i>)
<ul style="list-style-type: none"> ● Dimensões grandes; ● Estrutura interna de fácil navegação; ● Perímetro muralhado com entrada; ● Localizado longe das zonas mais populosas da cidade; ● Uso comum desde o século XIX; ● Pertencente a entidades seculares; ● Uso permitido para todos os membros da sociedade, independentemente da religião e circunstâncias da morte; ● Fortemente regulado por legislação; ● Permanência íntegra assegurada 	<ul style="list-style-type: none"> ● Dimensões reduzidas (dependente das dimensões do recinto da igreja e do seu adro); ● Estrutura interna de fácil navegação; ● Perímetro muralhado com entrada; ● Localizado no centro da povoação; ● Utilizado há séculos; ● Frequentemente pertencente a entidades eclesiásticas; ● Terra santa; ● Dependendo do seu grau de influência, eram sepultados dentro da igreja junto ao altar ou em torno do adro; ● Destinado para os membros da paróquia; ● Exclusividade para cristãos católicos; ● Interdito o uso no caso de serem elementos de outras crenças, tenham cometido suicídio ou não terem sido batizados; ● Não significa permanência íntegra; ● Invoca uma imagem mais rústica

Tabela 1 Sumarização das características do Cemitério tradicional paroquiano e do Cemitério Público

Estes novos cemitérios possuíam atributos bastante distintos dos cemitérios tradicionais paroquianos. Encontravam-se localizados longe das zonas mais populosas da cidade sobretudo por razões sanitárias.⁴⁴ Tal como decorreu no período romano, houve um ressurgimento da

⁴⁴ ver nº49 da Bibliografia

perceção do corpo morto como um elemento perigoso, auxiliante da propagação de surtos epidémicos nos meios mais populosos. Confira-se:

No século XIX, por toda a Europa a prática de enterrar pessoas dentro das igrejas e nos adros foi sujeita a críticas que testemunham o aparecimento de uma nova atitude perante a morte, sendo esta encarada como algo de muito mais ameaçador (Feijó, Martins & Pina Cabral, 1987; 178).⁴⁶

Uma vantagem esta mudança territorial do espaço fúnebre relaciona-se com um certo grau de separação da relação íntima da Igreja relativamente às fases mais importantes da vida do indivíduo proporcionando assim um espaço amplo não dependente da exclusividade religiosa e hierárquica oferecida no método tradicional. Nestes novos espaços, desde que pudessem pagar o custo de compra de uma sepultura, todos os diferentes estratos sociais poderiam usufruir das instalações e construir uma sepultura considerada digna, recordando a sua imagem.

A burguesia foi quem mais beneficiou desta mudança, pois um bom lugar de descanso eterno não estava dependente das circunstâncias do nascimento ou grau hierárquico, mas sim das suas posses económicas. A partir deste momento na história, já não eram só os ricos da nobreza ou clero que tinham direito a ser recordados para a posterioridade, um indivíduo comum também poderia ser recordado.

Proporcionar um bom funeral e boa sepultura espalhou-se por toda a sociedade como uma marca de estatuto na sociedade. É possível verificar-se uma correlação entre o ressurgimento do interesse da sociedade pelas culturas clássicas greco-romanas durante o século XIX e a evolução social do recurso da necrópole para demonstrações de poder e riqueza.

As suas extensas dimensões com uma estrutura interna organizada de fácil navegação permitiam a existência de uma cenografia paisagística singular, onde o cemitério passava não só a ser lugar de repouso, mas lugar convidativo para os vivos visitarem, com uma variada flora complementar da arquitetura fúnebre das sepulturas. O convívio dos dois lados da medalha é uma visão evidentemente romântica, onde a morte tem um destaque diferente ao que possuía anteriormente.

O Romantismo espalhou-se na sociedade do século XIX, influenciando com grande destaque as artes e a mentalidade social da época. Um dos conceitos mais associados a esta vertente artística é a morte e o seu impacto na vida.

⁴⁶ ver nº17 da Bibliografia

Contrariamente à percepção popular, o Romantismo não tem um fascínio pela Morte mais liberal do que ocorria noutras épocas. A visão da Morte no Romantismo não está ligada ao morrer em si, mas sim aos sentimentos por ela desencadeada. A melancolia e a saudade em junção à efemeridade compõem a base intrínseca do pensamento sensível romântico. Por outras palavras, uma romantização dos sentimentos e conceitos interligados à morte.

Muitos dos intelectuais conectados ao pensamento romântico encontravam-se em circunstâncias que, por doença (muitas vezes, a tuberculose), os aproximava da morte em si em comparação com o resto da sociedade. Com isto em mente, indivíduos nestas circunstâncias tendem a focar-se mais no que os mantinha vivos, neste caso nos seus sentimentos.

Durante o século XIX a arquitetura foi muito influenciada pelas sensibilidades românticas, pelo Neoclássico e pelas descobertas arqueológicas realizadas nas terras longínquas do Egito. O seu impacto na arte fúnebre continua a ser sentido até à atualidade na cenografia cemiterial.

Com o tempo, a exuberância e opulência da arte romântica deu lugar à simplicidade das linhas retas do Moderno no século XX. Talvez o maior indício desta alteração seja na estrutura epigráfica nas lápides e nas fachadas de jazigos.

Antigamente, a Floriografia, a arte das flores e o seu simbolismo, era considerada indispensável na etiqueta social. As pessoas, independentemente da hierarquia e escolaridade, reconheciam o simbolismo de certas flores e utilizavam-nas para expressar sentimentos e emoções. Por exemplo, é bastante recorrente em sepulturas do século XIX a presença de alguma gravura da flor Perpétua ou da flor Saudade.

Com a mutação artística, de uma corrente romântica para uma mais moderna linear, a expressão dos sentimentos também passou a ser mais linear. Auxiliado com o aumento da alfabetização, cada vez mais as mensagens não verbais transmitidas por símbolos deram lugar a epígrafes inteiramente escritas.

Com o perdurar da simplicidade, a simbologia iconográfica, outrora era considerada cultura geral, desvaneceu-se do conhecimento comum. A linearidade e dependência das palavras são reflexo do impacto das tumultuosas alterações na esfera política e social ao longo do século XX. A única constante decorativa presente nos cemitérios ao longo dos séculos, autonomamente das dimensões e riqueza, é a forte presença iconográfica religiosa nas sepulturas dos crentes.

1.1.6. Portugal nos séculos XVIII e XIX

Em contrapartida com o que decorria na França e no Reino Unido, a adoção de novas medidas fúnebres no caso português decorreu de forma muito mais vagarosa. A sua essência mais tradicional e religiosa influenciou efetivamente o ritmo da modernização, mas não foi certamente o único motivo.

Enquanto que noutros países europeus a criação e implementação de um novo sistema funerário fazia muito sentido para combater os problemas sanitários e a falta de espaço nas igrejas, originados pelo crescimento demográfico urbano acentuado, no caso de Portugal, a imagem era um pouco diferente.

O país nunca teve valores demográficos suficientes para cobrir todo o seu território. Durante o período dos Descobrimentos ainda menos. Parte da razão da ocupação nas colónias numa fase inicial se prender nas zonas costeiras era a falta de população para ajudar a colonizar e defender as áreas mais interiores. Neste seguimento, é possível vislumbrar-se uma certa ligação com estes problemas e com o início e sequente exploração do mercado negreiro nos territórios coloniais.

Com a exceção das cidades grandes, a sobrepopulação não era um problema que afetasse muito Portugal. Sendo assim, em muitas comunidades mais pequenas não existia a necessidade de construir cemitérios grandes ao padrão dos novos erigidos noutros países. Igualmente, a mentalidade tradicionalista e religiosa da população portuguesa foram parte dos problemas na implementação das alterações.

A localização afastada destes novos complexos era considerada um ponto reticente controverso para os portugueses, pois há séculos que a igreja havia incutido com sucesso a ideia de que os defuntos deveriam ser enterrados em solo sagrado na igreja, cuja localização era o centro da comunidade.

O espaço da igreja era considerado suficiente, como havia sido há gerações. Isto não era só uma aflição que afetava as comunidades pequenas no país, pois nas cidades grandes acontecia exatamente o mesmo. A existência de variados lugares de devoção permitia a existência de mais espaços disponíveis aos fiéis para serem sepultados em solo sagrado.

Utilizando por exemplo o Terramoto de Lisboa de 1755⁴⁶, mencionado no artigo de Francisco Queiroz e Julie Rugg, *The developmet of cemeteries in Portugal c.1755-c.1870*, de

⁴⁶ (NdA) O terramoto do dia 1 de novembro 1755 na cidade de Lisboa foi o maior terramoto de que se tem registo na história portuguesa. A intensidade do terremoto e das suas réplicas levaram à ocorrência de um maremoto e ao desencadeamento de diversos fogos,

2003, publicado na revista *Mortality*, cuja dimensão dos estragos materiais e da perda de vidas foi avassalador, na altura poderia ter sido utilizado como pretexto para a construção de um novo espaço fúnebre à luz dos novos avanços científicos da época.

O médico António Ribeiro Sanches⁴⁷ na sua obra “Tratado Da Conservação Da Saúde Dos Povos”, publicado em 1756 (no seguimento do Terramoto de Lisboa) evidenciou a necessidade da existência de novas soluções de enterro para a cidade, nomeadamente o impacto nefasto dos “miasmas” na pureza do ar causados pela continuação das práticas tradicionais das igrejas:

(...) a imensidade de exalações que saem dos seus corpos em lugar encerrado, tão juntos e apertados, juntamente com aquelas que se levantarão das sepulturas, e que necessariamente devem respirar aquele Ar por tanto tempo, não nos admiraremos de ver cair desmaiadas muitas vezes as pessoas de constituição delicada: o calor da atmosfera excitado por tantos corpos juntos, por tantas luzes das velas, e lâmpadas, que a piedade aumentou, fará exalar a terra com maior excesso; e por este círculo de exalações continuadas, e aumentadas, dos vivos e dos mortos, ninguém saíria dali com vida, se os obstáculos à corrupção do Ar que ali se acham, não remediasses tanto dano (Sanches, 2003:31).⁴⁸

Porém, a sua campanha não foi capaz de atrair muitos adeptos. Por isso, no seu lugar, para lidar com a calamidade, foram erigidas novas igrejas na cidade de Lisboa para acomodar as necessidades fúnebres dos defuntos (Queiroz, 2003:117).⁴⁹

Antes do surgimento do primeiro cemitério público em Portugal, já existiam cemitérios de carácter privado no solo português. Na sua grande maioria, estes surgiram como resposta por parte das minorias religiosas que procuravam proporcionar um espaço de repouso para os seus familiares, tendo em conta a sua interdição ao uso do espaço exclusivo típico de sepultamentos da comunidade portuguesa maioritariamente cristã, a Igreja. Aqueles que podiam investir nos seus próprios cemitérios para resolver a lacuna desencadeada por um país maioritariamente cristão.

Já desde a época do Império Romano, existia o costume de cemitérios privados. Estes eram construídos por patronos para proteger e salvaguardar os seus defuntos da vulnerabilidade desencadeada por uma inumação em espaço aberto, sujeito ao transtorno animal e humano. Estes espaços estavam abertos a quem os proprietários aceitassem ser enterrados nas suas imediações.

destruindo assim quase por completo a cidade de Lisboa e vitimizando milhares de pessoas. Estima-se que possa ter tido uma magnitude de 8,5 - 9,5 na escala de magnitude de momento.

⁴⁷ (NdA) António Nunes Ribeiro Sanches foi médico e investigador, nascido em 1699 e falecido em 1783. Devido à sua conversão ao Judaísmo deixou país. Viveu na Rússia, onde foi médico e conselheiro do imperatriz Catarina, e veio a morrer em Paris em 1783. Pertenceu a diversas academias científicas europeias.

⁴⁸ ver n°48 da Webgrafia

⁴⁹ ver n°48 da Bibliografia

Em Portugal, um dos casos mais famosos de cemitérios privados são os dos cemitérios da comunidade protestante inglesa. Originalmente, estes procediam ao costume de enterrar os seus mortos no mar, mas, nos finais do século XVIII e no século XIX, com o crescimento da sua relevância e proporções no país, uma nova estratégia fúnebre surgiu.

Estes foram capazes de adquirir terras para edificação de um espaço cemiterial para os seus. A singularidade deste espaço prendia-se com a aplicação de novas medidas fúnebres e estéticas, influenciadas pelas novas descobertas científico-médicas no ramo sanitário e das novas ideias românticas, o que era possível de ser vislumbrado nos novos cemitérios da época na Inglaterra e na França.

O cemitério passou de ser simplesmente um espaço interligado ao lugar de culto onde os indivíduos poderiam ser sepultados em solo sagrado, para um espaço muralhado com um *layout* ergonómico onde a memória de quem estivesse lá pudesse ser recordada. Os cemitérios localizavam-se fora das muralhas das cidades e conferiam uma proteção contra os animais semelhante à proporcionada pela igreja. O seu design arquitetónico não estava só associado à aparência das sepulturas, mas sim também à importância da utilização de certas espécies de árvores para proporcionar uma imagem pitoresca, fomentando assim uma visão mais agradável do espaço cemiterial em comparação com o que decorria antes (Queiroz, 2003).⁵⁰ Identicamente, estes espaços proporcionavam um espaço de memória a todos os seus integrantes, algo que não era possível numa igreja:

O enterro nos adros era concebido como um prolongamento do enterro dentro das igrejas. Havia uma gradação de valor entre ser sepultado perto do altar e a uma distância dele cada vez maior. (...) No início do século XIX em Portugal, tanto nas cidades como no campo, os mortos eram enterrados dentro ou à volta das igrejas paroquiais. Quando não havia lugar para todos dentro das igrejas, só os ricos tinham o privilégio de aí serem enterrados, sendo a maioria dos paroquianos sepultada no adro, quer em sepulturas comuns, quer em individuais (Feijó, Martins & Pina Cabral, 1987: 177).⁵¹

No caso das igrejas, só quem tivesse posses para tal, maioritariamente elementos da nobreza e clero, tinham a possibilidade de ter uma epígrafe comemorativa da sua memória junto da sua sepultura. O resto da população, singular ao povo, falecia no anonimato. Com a exceção dos importantes registos das igrejas dos nascimentos e óbitos, não restam provas da existência da maioria dos indivíduos da comunidade.

⁵⁰ ver n°48 da Bibliografia

⁵¹ ver n°17 da Bibliografia

O perímetro muralhado do cemitério servia de barreira entre o reino dos vivos e o dos mortos, bem como entre os cristãos e os protestantes. Com o passar do tempo, estes espaços cemiteriais também passaram a ser utilizados por outras comunidades para além da protestante (Queiroz, 2003:119).

Outro exemplo de um cemitério privado que operava em Portugal neste período era o do cemitério das Misericórdias. O seu contributo nesta vertente da vida era auxiliar a proporcionar o sepultamento dos mais pobres e dos condenados à morte. Muito frequentemente, a dignidade do indivíduo em períodos mais antigos não era idêntica para todos os estratos sociais.

A condição de pobre era diferente à de criminoso, porém, nem sempre eram vistos como entidades separadas. Existia a mentalidade de que os mais pobres da sociedade eram culpados do crime da pobreza, conseqüentemente não tendo direito a sepultamento dentro da igreja idêntico ao da maioria.

Todavia, mesmo assim, os cemitérios privativos das Misericórdias não eram vistos por todos como um lugar de repouso adequado devido ao impacto religioso da salvação da alma e preservação do corpo através de um sepultamento na igreja na mentalidade portuguesa da época:

No século XIX, em Portugal, assistimos a uma série de transformações ideológicas, sociais e económicas em grande parte desencadeadas por um processo político derivado de princípios formulados anteriormente sob o impacto do Iluminismo (Feijó, Martins & Pina Cabral, 1987: 175).

A primeira metade do século XIX em Portugal foi demarcada por grande instabilidade política ocasionada por três invasões napoleónicas, uma guerra civil e sucessivos surtos epidémicos que vitimizaram milhares de pessoas. Influenciados por estes aspetos e pelas alterações que decorriam noutros países europeus, o governo decidiu proceder a variados esforços para modernizar o país na vertente fúnebre.

Durante a segunda década do século XIX, debates sobre este tópico foram realizados. Porém, só na década seguinte medidas começaram a ser implementadas. Impulsionadas por um surto de cólera que dizimou centenas, compelindo comunidades a recorrer aos adros das igrejas para dar resposta ao número crescente de defuntos.

Nas cidades de Lisboa e Porto, surgiram os primeiros cemitérios de cariz público recorrendo ao padrão dos cemitérios românticos da época. Estes espaços novos foram vistos como elementos importantes, pois, contrariamente ao espaço tradicionalmente sob controlo eclesiástico,

estes encontravam-se sob patronagem secular. Auxiliaram no aumento da influência da facção liberal e na redução da força da Igreja (Queiroz 2003:121).

Porém, no resto do país, a reticência perante estas mudanças persistia, sendo que a continuação das práticas ancestrais continuava. Variados cemitérios construídos entre 1835 e 1839 foram abandonados. Em algumas povoações, estes eram vistos como um desperdício pois a população era diminuta, o que não justificava a construção de espaços tão extensos. Igualmente, a fraca escolha de materiais de construção tornava-os vulneráveis ao ataque de animais, que, na sua procura por comida, perturbavam o defunto.

Em 1844, com a vitória do regime liberal após a guerra civil, uma lei que proibia as inumações intramuros nas igrejas foi aprovada.⁵² A promulgação desta nova legislação deu azo ao surgimento de mais cemitérios públicos em Portugal. No entanto, isto não decorreu sem entraves impostos pela Igreja e população.

Durante várias décadas, a Igreja recusou-se a aceitar estes novos espaços e a consagrá-los. O impacto de novos surtos epidémicos de cólera e tifoide acelerou o processo de aceitação do povo devido ao exponencial aumento da sinistralidade e à falta de espaço nas igrejas.

O processo de aceitação do novo sistema funerário em Portugal foi bastante tumultuoso e lento. A população resistia aos novos cemitérios ao continuarem a sepultar os seus defuntos dentro das igrejas. Ocorreram até algumas alterações mais violentas pela população contra as novas ideias, até pela destruição dos novos cemitérios em algumas zonas.

Em meados da década de 1850, impulsionadas novamente por uma epidemia de cólera, novas reformas fúnebres foram implementadas. Nos anos de 1855 e 1856, novos cemitérios públicos foram contruídos um pouco por todo o país, principalmente em cidades portuárias, como foi o caso da cidade de Viana do Castelo.

Nas décadas que se seguiram, mais cemitérios foram edificados, sendo que, pelo ano de 1875, a maioria das cidades portuguesas possuía um cemitério público. Na maioria dos casos, estes novos cemitérios encontravam-se apenas a poucos metros da igreja (Queiroz, 2003:124).

É possível teorizar-se que a distância entre os novos cemitérios e as igrejas possa ter sido o meio-termo necessário para a aceitação da comunidade, pois esta estava acostumada há gerações a sepultar os seus entes queridos no centro da comunidade. Verifica-se:

(...) pelo menos no Minho, quando os enterros foram interditos pela lei, os adros desempenharam um papel intermédio entre os enterros dentro das igrejas e os enterros nos cemitérios. Além disso, e mais uma vez com exceção dos ricos e

⁵² ver nº 16 da Webgrafia

famosos, era raro haver sinais exteriores que especificassem onde cada pessoa fora enterrada e as famílias não possuíam ou detinham para uso privado qualquer parte dos terrenos destinados às sepulturas (Feijó, Martins & Pina Cabral, 1987: 178).

As ideias românticas interligadas à saudade e à recordação da memória dos defuntos para toda a comunidade, não era só para a elite, o que aliciou bastante a população a adotar estes novos espaços. Nestes novos cemitérios, quem pagasse tinha direito a possuir um espaço onde poderia construir uma campa ou um jazigo familiar com todas as sensibilidades onde o nome do defunto era recordado para a posterioridade.

Os cemitérios tornaram-se num novo campo onde quem tivesse mais posses poderia demonstrar o seu estatuto no requinte e trabalhar das construções arquitetónicas fúnebres. Proporcionar uma boa morte tornou-se num objetivo de vida a cumprir para os portugueses.

Por exemplo, no Cemitério dos Prazeres em Lisboa, erguido a meados do século XIX, a riqueza arquitetónica fúnebre é levada a um nível superior ao que decorria no resto dos cemitérios um pouco por todo o país. Desde a sua criação, tornou-se um marco importante na estrutura cemiterial nacional pelo seu rico conteúdo arquitetónico romântico, influenciado pelas modas de bom gosto da sociedade da elite portuguesa.

As sepulturas e jazigos familiares serviam marco de homenagem e demonstração de riqueza dos mais abastados da sociedade. Quem podia, contratava arquitetos e artesãos de renome para a elaboração das suas residências fúnebres. A importância de um bom funeral e uma sepultura adequada como demonstração de estatuto gerou inevitavelmente uma competição não declarada pela sepultura mais sumptuosa.

Na viragem do século, a saturação da ostentação desencadeou uma resposta contrária por parte dos intelectuais, que viram na simplicidade sepulcral um “retorno necessário às origens”. O cemitério romântico do século XIX deu lugar a um onde a simplicidade da forma do estilo moderno voga até aos dias de hoje.⁵³

1.1.7. O turismo cemiterial

A escolha de motivos decorativos intrincados com uma profunda simbologia religiosa e de veia romântica, envoltos num ambiente melancólico invocativo de outros tempos e da intemporalidade da morte, são agora parte do motivo pelo crescente interesse pela arte fúnebre e

⁵³ ver n°40 da Webgrafia

consequente desenvolvimento de uma vertente turística cemiterial. Na atualidade, vários cemitérios históricos, um pouco por todo o mundo, postam na oferta lúdica de visitas guiadas para além dos serviços comuns encontrados num cemitério.

A dicotomia deste assunto gera bastante controvérsia no seio académico, pois uns veem estas visitas como uma transmissão valiosa cultural de perceção e compreensão da morte e da evolução artístico-arquitetónica ao longo das décadas do património cemiterial. Igualmente consideram-no um ponto importante na manutenção e sobrevivência do espaço cemiterial, pois estas visitas normalmente são de carácter pago e os fundos revertem para a gestão e cuidado dos espaços (Diogo, 2017:3).⁵⁴

Do outro lado, há quem defenda que tais investimentos turísticos são uma exploração dos espaços mais íntimos após a morte de um indivíduo. A comunidade na sua maioria pode não visualizar com bons olhos a perturbação do repouso dos seus familiares e a presença de indivíduos com comportamentos considerados menos apropriados para a utilização do espaço cemiterial. Deixar de ver o espaço como lugar de respeito para com os mortos para um mais mundano e material.

Esta questão na sua essência afeta todas as facetas do estudo histórico arqueológico. A linha entre aprender e teorizar recorrendo aos vestígios dos antepassados, e a perturbação e exploração da permanência do espaço necrópoles muito frequentemente apresenta-se ténue, invocando assim debate dentro da própria comunidade académica para o procedimento mais adequado.

O consenso atual é de que, apesar de possuir fatores desfavoráveis, os pontos a favor de um turismo alicerçado no património cemiterial pesam mais, servindo em alguns casos para a sobrevivência e permanência do cemitério após a redução na sua oferta primordial, o espaço disponível para enterrar.

⁵⁴ ver nº15 da Bibliografia

1.2. Resenha histórica da morte na China

1.2.1. Do Neolítico até à unificação

A história funerária chinesa passou por consideráveis alterações ao longo da sua longa história milenar. Tal como descreve Edward L. Shaughnessy no seu livro *A Antiga China, Cultura e Civilizações*, publicado em 2005, “a arqueologia da China é esmagadoramente mortuária por natureza e é provável que seja mais do que qualquer outra civilização...”⁵⁵ A longevidade civilizacional da cultura chinesa fornece-nos uma imagem do processo evolutivo fúnebre humano ao longo das épocas face aos parâmetros sociopolíticos e religiosos em constante mutação. Em todas as dinastias da história da China, é possível observar-se alguns túmulos notórios que sobreviveram, até um certo ponto, intactos. A história mortuária chinesa iniciou a sua trajetória de forma semelhante à de outras primeiras civilizações.

Durante o Neolítico, as comunidades instalaram-se ao longo das bacias do Rio Amarelo (黄河, *Huánghé*)⁵⁶ e no Rio Wei (渭河, *Wèihé*)⁵⁷. Por efeito de uma elevada concentração de recursos e de características propícias à realização de atividade agrícola, a fixação humana naquela região foi facilitada. Consequentemente, a comunidade progrediu mais celeremente do que as de outras regiões. Em valas mortuárias deste período começou a ser possível observar-se a presença de oferendas. Estas acompanhariam o defunto na sua jornada após a morte. Os objetos de cerâmica são dos mais frequentemente encontrados no espólio funerário. Através indícios encontrados em escavações arqueológicas, atualmente os especialistas têm conhecimento da presença de duas correntes diferentes de cerâmica⁵⁸ que se sucederam e da troca cultural na fase de transição entre ambas na região.

⁵⁵ ver nº51 da Bibliografia

⁵⁶ (NdA) (TdA) “Nascendo nas montanhas Kunlun da China da Ásia Central, o rio Amarelo percorre 5464km antes de desaguar na baía de Bohai, abastecendo a quase totalidade do Norte da China. Grande parte da área por onde o rio corre é composta por um solo de partículas muito finas, em geral denominado como loesse, que o rio transporta consigo” (Shaughnessy, 2005: 34).

⁵⁷ (NdA) O rio Wei (渭河, *Wèihé*) é o maior afluente do rio Amarelo. A sua nascente localiza-se na montanha Nianshu (鸟鼠山, *Niǎoshǔ shān*) na Província Gansu (甘肃省, *Gānsù shěng*), percorrendo 818 km entre as Províncias de Gansu e Shaanxi (陕西省, *Shǎnxī shěng*) até desaguar no rio Amarelo.

⁵⁸ (NdA) Em relação à evolução da cerâmica na China, de todas as culturas neolíticas encontradas pelos arqueólogos no território da China atual, há duas que se distinguem localizadas perto do rio Amarelo, a cultura *Yangshao* (仰韶文化, *Yǎngsháo wénhuà*, 5000 a.C.-3000 a.C.) e a cultura *Longshan* (龙山文化, *Lóngshān wénhuà*, 3000 a.C.-2000 a.C.). A primeira decorreu ao longo da área central do rio Amarelo, nas atuais Províncias de Henan (河南省, *Hénán shěng*), Shaanxi e Shanxi (山西省, *Shānxī shěng*). Esta cultura caracteriza-se pelo processo à mão sem o auxílio ferramentas como a roda de oleiro (esta ainda não havia sido inventada). Os motivos decorativos de caras humanas, animais e padrões geométricos e a utilização das tonalidades de preto, branco e vermelhos são principais indicativos culturais. A cultura *Longshan* decorreu em sucessão da *Yangshao*, no centro e parte inferior do rio Amarelo. Comparativamente com a precedente, esta caracterizou-se pelo recurso a técnicas mais avançadas de olaria que permitiam a criação de peças polidas com paredes mais finas e designs mais complexos. A cerâmica *Longshan* caracteristicamente utilizava o preto na sua coloração.

A imagem que as pessoas queriam transmitir após a sua morte assistiu a um processo de mutação à medida que a sociedade foi-se estruturando e complexificando. Já desde tempos imemoráveis, a importância de demonstrar o estatuto após a morte foi sempre visto como um aspeto crucial da vida a ter em conta. O progresso tecnológico e o acesso a múltiplos recursos permitiram à elite chinesa destacar-se mais rapidamente do resto da população. As primeiras dinastias principiaram, e posteriormente as seguintes converteram em norma, o costume de que determinadas dimensões (tanto a nível da altura como do comprimento) eram do uso exclusivo de certos estratos sociais, sendo que a classe governante se encontra frequentemente associada ao pináculo dimensional da arquitetura fúnebre de um determinado período da história fúnebre.

Num ponto de vista sociológico, o propósito humano de fomentar uma boa morte aos elementos da sua comunidade, e dos elementos considerados mais importantes para a sobrevivência do grupo possuírem túmulos que enalteçam e demonstrem a sua classe na estrutura, é um aspeto muito presente em todas as sociedades e assegura a posição social e presença na memória do indivíduo falecido.

Inicialmente, nas primeiras dinastias, os túmulos eram simples, compostos por um único compartimento escavado no solo, onde o corpo era depositado. Este encontrava-se acompanhado por um espólio de oferendas de cerâmica, jade e de recipientes de bronze. Com o passar do tempo, panóplia de artigos diversificados começaram a ser incluídos, como por exemplo ornamentos e instrumentos musicais.

Duas das dinastias mais importantes para evolução fúnebre da história da China Antiga foram a Dinastia Shang (商朝, *Shāng Cháo*, 1500-1050 a.C.) e a Dinastia Zhou (周朝, *Zhōu Cháo*, 1050-221 a.C.) devido aos seus contributos nos conceitos base da cultura chinesa, nomeadamente os que principalmente participam na relação da comunidade com a mortalidade. A Dinastia Shang decorreu em plena Idade do Bronze (3.300 - 700 a.C.) da História Mundial. A presença de objetos elaborados a partir do bronze foi continuamente desenterrada em escavações arqueológicas das cidades e túmulos desta era. Adicionalmente, neste período assistiu-se à introdução de equipamento bélico nas oferendas mortuárias da elite guerreira. Os túmulos reais dos Shang apresentam um espólio vasto de objetos valiosos, animais e de escravos sacrificados junto dos seus mestres falecidos. Confira-se:

A aristocracia *Shang* era enterrada em túmulos sumptuosos. Os encontrados em *Anyang* são tipicamente em cruciforme, com uma a quatro rampas em direção descendente até ao caixão no fundo. Embora tenham sido saqueados, foram deixadas suficientes provas que evidenciam que os caixões eram lacados, e, em alguns casos, incrustado. Por debaixo do

caixão estava um cão ou humano sacrificial, ou conjunto de humanos sacrificados em torno da vala tumular ou nas rampas. Por vezes, as vítimas sacrificiais eram decapitadas. Quadrigas completas eram enterradas junto do seu dono (Hogarth, 1999: 14).⁵⁹

Os sacrifícios humanos serviam para apaziguar os espíritos, acompanhá-los na vida após a morte e servi-los para toda a eternidade. Existem bastantes indícios que apontam para a prática frequente de sacrifícios humanos nas cerimónias xamanistas dos Shang. Esta prática manteve-se na dinastia seguinte. Todavia, aos poucos perdeu popularidade, possivelmente por efeito da impraticabilidade de manter um número gradualmente superior de escravos sacrificados por cada funeral numa época de alterações e de crescente instabilidade social. Na fase final da Dinastia Zhou foi descartada em favor de réplicas de cerâmica.

Um ponto a ter em consideração quando falamos deste excerto da história, os antepassados começaram a ser vislumbrados como comunicadores entre os deuses e os vivos, e merecedores de todo o respeito. O rei, como sacerdote máximo da religião xamanista dos Shang, era visto como veículo de comunicação entre os vivos e os mortos. Este possuía um canal bilateral, sendo capazes de enviar como também receber mensagens (Koster, 2013 *apud* Lam, 2013:142).⁶⁰ Dessa forma, o sistema de sacrifícios aos antepassados e aos deuses foi instaurado. Através de sacrifícios, poderiam consultar e pedir pela intervenção dos deuses nas suas questões terrenas. Na Dinastia Zhou, este tornou-se mais sistematizado, sendo que altares e templos foram erigidos para servir este propósito.

Com a passagem do tempo, o culto dos antepassados (拜祖, *bàizǔ*) embrenhou-se profundamente na sociedade chinesa, recebendo, com cada nova geração, um foco progressivamente mais elevado. É impossível remover-se este aspeto cultural da sociedade chinesa, faz parte da sua identidade cultural. Tanto por tentativas religiosas de propagação de outras religiões, bem como medidas governamentais para apagar o passado, na verdade sem este elemento cultural (e o seu apoio) nada é capaz de vencer permanentemente.

⁵⁹(Orig.) *“The Shang aristocracy were buried in lavish tombs. Those at Anyang are typically cruciform in shape, with one to four ramps leading down to the coffin at the bottom. Although plundered, there is enough evidence to show that coffins were lacquered, and sometimes inlaid. Beneath the coffin was a sacrificial dog or human, or series of human sacrifices surrounding the coffin pit area or on the ramps. Sometimes, the sacrificial victims were beheaded. Whole chariots were buried with the owner.”* ver nº51 da Bibliografia

⁶⁰ ver nº34 da Bibliografia

1.2.2. O aparecimento das colinas funerárias

Os períodos da Primavera e Outono (春秋时代, *Chūnqiū Shídài*, 1050-770 a.C.) e dos Estados Combatentes (战国, *Zhàn Guó*, 770-221 a.C.) marcaram-se pela instabilidade social. Durante o primeiro, “um número significativo de novos poderes apareceu ao longo das margens do território central dos Zhou” (Koster, 2013 *apud* Lam, 2013:150). Já no segundo período, “a partir do ano 335 a.C., os senhores feudais começaram a chamar-se reis e recusaram reconhecer a soberania dos Zhou” (Koster, 2013 *apud* Lam, 2013:150). O poder do reino Zhou aos poucos foi-se deteriorando, devido a recorrentes confrontos entre os diferentes estados. Não obstante, também foram períodos de evolução fúnebre, nomeadamente a nível arquitetónico.

A partir do período da Primavera e do Outono, a prática arquitetónica das colinas funerárias (冢, *zhǒng*) começou a ser adotada pela elite para se destacarem de forma visível do resto da população. Esta prática durou mais de um milénio desde o período da Primavera e Outono até à Dinastia Song (宋朝, *Sòng Cháo*, 960-1258 d.C.). Estas eram compostas camadas de terra colocadas por cima da câmara tumular, onde o ataúde do defunto e as suas oferendas se encontravam. Estas assemelhavam-se a cumes de colinas, daí a sua denominação de colinas funerárias. Um exemplar das primeiras colinas funerárias foi a colina funerária do rei Ling de Zhou (周灵王, *Zhōu Líng wáng*, 471–545 a.C.) localizada perto de Louyang (洛阳, *Luòyáng*), na atual Província de Henan (河南省, *Hénán Shěng*), região central da China.

A partir da Dinastia Qin (秦朝, *Qín Cháo*, 221-206 a.C.) as colinas funerárias imperiais alcançaram valores exponenciais, pondo em causa a própria sobrevivência da dinastia. No entanto, na Dinastia Tang, utilizaram as próprias montanhas para manter a altura referente ao seu estatuto sem fomentar o mesmo impacto económico do passado.

Anterior a este desenvolvimento, uma variante desta prática de cobrir a campa do defunto já era observada nos túmulos da Cultura Hongshan (红山文化, *Hóngshān Wénhuà*)⁶¹. De acordo com achados encontrados na área arqueológica de Niuheliang (牛河梁, *Niúhéliáng*)⁶², o corpo e as suas oferendas eram cobertos por uma camada de pedras assemelhando-se deste modo à estrutura fúnebre em pirâmide.

⁶¹ (NdA) Cultura neolítica localizada no nordeste da China, que se desenvolveu em torno da bacia do rio Liao (辽河, *Liáo hé*). O território desta cultura estendia-se entre a atual a região autónoma da Mongólia Interior (内蒙古自治区, *Nèiménggǔ zìzhìqū*) e a Província de Liaoning (辽宁省, *Liáoníng shěng*).

⁶² (NdA) Este espaço arqueológico localizado na Província de Liaoning é uma das zonas neolíticas de maior presença da cultura Hongshan.

Durante o período dos Estados Combatentes, com a introdução de alterações arquitetónicas na estrutura tumular, o espaço tornou-se mais complexo do que o anteriormente observado. De uma simples divisão quadrangular, onde o ataúde do defunto e as oferendas residiam em simultâneo, a planta tumular passou a incluir câmaras laterais. O propósito destas novas áreas era acolher todos os objetos que lhe permitissem viver uma vida após a morte confortável.⁶³ Posteriormente, mais alterações foram feitas que permitiam o acesso mais facilitado das visitas dos vivos aos complexos tumulares. O papel do túmulo neste tempo elevou-se acima do de altares e templos como local de realização de rituais fúnebres e de veneração ancestral. Em alguns túmulos imperiais, espaços dedicados com altares foram incluídos no diagrama tumular.

1.2.3. Dinastias Qin e Han

Com a unificação do território pelo reino de Qin (秦朝, *Qín Cháo*, 221-206 a.C.) a 221 a.C., iniciou-se uma nova fase na história da China Antiga, a China Imperial. Muitos dos costumes anteriormente praticados mantiveram-se, porém, numa escala superior nunca vista. O Primeiro Imperador (秦始皇帝, *Qínshǐ Huángdì*, 259-210 a.C.), em todos os seus empreendimentos arquitetónicos, teve a predileção de deixar a sua marca bem visível na história, mobilizando não só quantias astronómicas como também mão de obra na casa das centenas de milhar. O seu mausoléu não foi exceção à regra, pois:

Pouco após a unificação mobilizou mais de 700 000 trabalhadores para construir o seu mausoléu numa grande escala. A construção durou 37 anos. A altura da montanha sobre a campa era de 64 metros, com um perímetro de 350 metros. Devido à erosão pelo vento, chuva e pela destruição humana, a atual montanha fúnebre é muito mais pequena em comparação com seu tamanho original. Estima-se que a altura original da montanha possa ter sido superior a 120 metros (WANG, 1998: 117).⁶⁴

Durante a década de setenta do século XX, a localização de um dos principais elementos caracteristicamente associados com o mausoléu foi descoberto, o Exército de Terracota do Primeiro Imperador (秦始皇兵马俑, *Qínshǐhuáng bīngmǎyǒng*). Posicionados a vários quilómetros do próprio túmulo, este exército tinha a função de o proteger no Outro Mundo

⁶³ ver nº51 da Bibliografia

⁶⁴(Orig.) "Soon after the unification he mobilized more than 700 000 laborers to build his mausoleum on a large scale. construction work lasted 37 years. The height of the mound upon the grave is 64 meters, its perimeter 350 meters. Due to erosion by wind and rain and destruction by man, the present mound is much smaller than its original volume. It has been estimated, the original height of the mound was more than 120 meters."

(Koster, 2013 *apud* Lam, 2013:161).⁶⁵ O salto tecnológico na produção cerâmica em direção ao realismo durante a Dinastia Qin, em comparação com as peças produzidas anteriormente, foi colossal. Infelizmente, devido a medidas de zelo do segredo da sua produção, sob decreto imperial, muitos dos artesãos responsáveis pela sua produção foram assassinados. Consequentemente, o nível de realismo dos Qin só tornou a ser alcançado passados muitos séculos.

Este exército, tal como o nome indica, fora elaborado a partir de terracota e pintado com colorações vivas de forma a emular o mais autenticamente possível as feições humanas e as características distintas existentes no fardamento militar da época. Desde o soldado raso até ao general a cavalo num majestoso varão, cada um dos diferentes regimentos que compunham o exército encontravam-se lá representados em réplicas de tamanho real. Apesar da quantidade de estátuas na casa das centenas de milhar, nenhuma exibe feições idênticas, sendo todas diferentes umas das outras. Originalmente apresentavam-se armadas com armamento verdadeiro. Porém, com a queda da dinastia, uma parcela significativa foi salteada e reaproveitada.

Até ao presente, o túmulo do primeiro imperador permanece selado, sem que ninguém saiba indubitavelmente se o seu conteúdo lendário faz jus à forma como este foi descrito nos registos antigos. A magnitude e riqueza do mausoléu do primeiro imperador nunca mais voltou a ser alcançada devido ao seu papel devastador na economia da dinastia, e consequente declínio dinástico. As dinastias seguintes aprenderam com o seu impacto e procuraram soluções menos dispendiosas para alcançar a mesma sumptuosidade.

Na Dinastia Han (汉朝, *Hàn Cháo*, 206 a.C.-220 d.C.) decorreram alterações na arquitetura mortuária. A configuração tumular da dinastia anterior continuou durante a Han Ocidental (西汉, *Xīhàn*). Por volta de 1 a.C., os complexos tumulares tornaram-se estruturalmente mais organizados e maiores. Disponham de uma entrada principal ampla que permitia o acesso facilitado dos vivos ao seu interior. Possivelmente esta foi fruto da primazia atribuída ao túmulo do falecido em relação ao altar ancestral para a realização das cerimónias e oferendas aos antepassados. Altares junto ou divisões dedicadas para esse propósito começaram a surgir. Atente-se, assim:

Anteriormente à Dinastia Han Ocidental, as câmaras fúnebres imperiais eram feitas de madeira na forma de uma grande caixa com tampa. Existiam alguns compartimentos no seu interior. O caixão encontrava-se no centro. O resto dos compartimentos eram utilizados como arrumos para as oferendas fúnebres. As câmaras luxuosas eram feitas a partir de

⁶⁵ ver n°34 da Bibliografia

estruturas complicadas de madeira que simulavam os aposentos imperiais. Estes tinham portas, câmaras centrais e traseiras e passagens. Em alguns casos, existiam caixões exteriores com pinturas impressionantes (Wang, 1998:127).⁶⁶

Os complexos tumulares da elite e imperiais rivalizavam, e em várias instâncias eram superiores, aos seus palácios em vida. Com galerias, jardins amuralhados e com casas para os oficiais imperiais e guardas nas suas proximidades. Igualmente, surgiu o costume por parte da nobreza de terem os seus túmulos nas áreas circundantes do mausoléu imperial. À medida que o poder estatal da Han Oriental (东汉, *Dōnghàn*) ia diminuindo, os seus mausoléus, apesar de permanecerem estruturalmente idênticos com os anteriormente construídos, eram de dimensões muito mais reduzidas.

Noutro ponto de importante relevância, na Dinastia Han observou-se um foco superior na preservação do corpo para a eternidade com a introdução de novos métodos. A integridade física intacta do cadáver era considerada fundamental, sendo que diversos rituais de proteção oriundos de tempos imemoráveis persistiram na cultura chinesa até bem recentemente.

As especiarias, perfumes, e até mesmo mercúrio, eram elementos indispensáveis no processo de conservação do cadáver. Este cocktail para a Eternidade só de si não tinha a capacidade de suspender a decomposição. Reiteradamente era acompanhado por técnicas avançadas de selagem do caixão e pelo depósito de forma deliberada de camadas de sedimento específicas (como o carvão e o barro branco) por cima da câmara mortuária. Num ambiente vedado da exposição a agentes aceleradores de decomposição (ar, humidade, insetos, etc.), resultou na descoberta de alguns exemplares de múmias chinesas em singulares estados de conservação.

Um dos exemplares mais famosos no mundo inteiro é oriundo da Dinastia Han, o do túmulo da Senhora Dai, Xin Zhui (辛追, *Xīn Zhūi*), esposa do Marquês de Dai, Li Cang (利蒼, *Lì Cāng*). Aquando da abertura do seu túmulo, no século XX, os arqueólogos foram surpreendidos por um vasto espólio fúnebre intacto e por um corpo mumificado em excepcional estado de preservação.⁶⁷ A senhora Dai continuava com a aparência de um cadáver recente, como se tivesse falecido há poucos dias e não há milénios atrás. O composto químico injetado nas suas veias, em conjuntura com um caixão hermeticamente selado, permitiu a sua conservação imaculada. Após o primeiro contacto com o ar ao fim de milénios selado, o corpo da Senhora Dai iniciou um

⁶⁶ (Orig.) "Prior to the Western Han dynasty, the imperial coffin chambers were made of timber in the shape of a big box with a cover. There were some compartments inside. The coffin was in the center. The rest compartments were storage of sacrificial objects. The luxurious chambers were made of complicated wood structures in simulation of imperial chambers. They had doors, central and rear chambers, and passages. In some cases, there were outer coffins with brilliant paintings."

⁶⁷ ver n°51 da Bibliografia

processo de deterioração célere. Na atualidade, este encontra-se num ambiente altamente regulado, em conjunto com o recheio do túmulo, no Museu Provincial de Hunan (湖南省博物馆, *Húnán Shěng bówùguǎn*).⁶⁸

Outro método de preservação para a imortalidade frequentemente utilizado neste período envolvia a jade (玉, *yù*). Considerada a pedra do imperador, a jade, já desde tempos antigos, fora reverenciada pelas suas propriedades místicas. Acreditava-se que teria poderes místicos que poderiam ajudar contra a decomposição. Quando um governante falecia eram colocados em todos os seus orifícios “tampões” feitos de jade para impedir que a sua vital essência escapasse do corpo. Para a boca, por ser considerado o orifício mais importante, utilizavam um em forma de cigarra. Simbolicamente, tal como a cigarra sai da terra após sete anos de incubação, e descarta o seu exoesqueleto, o homem após um certo período, descartaria o seu “exoesqueleto” e renasceria.⁶⁹

A partir de 2 a.C., fatos compostos de milhares de pedras de jade, cozidas com fio de ouro ou um fio vermelho, apareceram nos túmulos da elite. Acreditava-se que concediam poderes mágicos ao seu usuário no Outro Mundo, sendo, deste modo, uma armadura especial que protegeria a sua alma. Estes fatos de jade eram somente reservados para um número muito reduzido dentro da própria elite chinesa da época. Por obra desta mesma exclusividade e da sua produção muito dispendiosa, no final da dinastia, os fatos de jade deixaram de ser utilizados.

Por muita proteção para o Outro Mundo que a jade pudesse conceder, na realidade, contra salteadores era algo bastante obsoleto. De acordo com declarações feitas por Cao Pi (曹丕, *Cáo Pī*), formalmente conhecido como imperador *Wendi* do reino de *Wei* (曹魏文帝, *Cáo wèi wéndì*), os mausoléus Han eram frequentemente alvo do interesse dos salteadores. Estes varriam sem muito cuidado os complexos tumulares à procura de ouro e outros artigos de valor no meio das oferendas fúnebres, destruindo no entretanto tudo o que estivesse no seu caminho, como por exemplo os fatos feitos à medida de jade e caixas do mesmo material (Cao Pi, *apud* Wang, 1998:117).⁷⁰

Apesar do valor inestimável do jade na cultura chinesa, o facto de que esta pedra ornamental esteve durante milénios associada ao poder imperial e, assim sendo, do uso quase exclusivo do imperador, limitava consideravelmente o seu uso por parte da restante população.

⁶⁸ ver n°5 da Webgrafia

⁶⁹ ver n°49 da Webgrafia

⁷⁰ ver n°57 da Bibliografia

Para os salteadores era vista como algo inútil, pois não teriam maneira de escoar o produto sem serem apanhados.⁷¹

1.2.4. “Idade Média” da China Antiga e Dinastia Sui

Os intervalos temporais após a queda da Dinastia Han são considerados períodos de grande turbulência política e social. Este momento na História da China Antiga pode-se, de uma certa forma, equiparar à Idade Média na História Europeia. Antes de fazer uma análise da evolução do costume fúnebre no decorrer deste período é crucial realizar uma breve introdução do contexto político-social. No início do século III, a China encontrava-se dividida em três parcelas e cada uma destas proclamou-se como governante, o Reino de Wei (曹魏, *Cáo Wèi*), o de Wu (孙吴, *Sūn Wú*) e o de Shu (蜀汉, *Shǔ Hàn*). Conflitos entre os três reinos eram constantes, mas no final, a 265, o reino de Wei conseguiu impor-se sobre os restantes, iniciando uma nova dinastia, a Dinastia Jin (晋朝, *Jìn Cháo*, 266-420).

A Dinastia Jin não permaneceu muito tempo unida após ter sido atacada por rebeldes hunos e de outras tribos. A 311, a capital da Jin Ocidental, Luoyang (洛阳, *Luòyáng*), fora destruída e milhares de pessoas debandaram para sul do rio Yangtze (长江, *Chángjiāng*), onde, poucos anos depois, instauraram uma nova capital, Chang'an (长安, *Cháng'ān*). Dando assim início ao período das Dinastias do Sul e do Norte (南北朝, *Nánběi Cháo*, 265-589), no qual os dois polos cardinais eram governados de forma independente um do outro. No Sul decorreu uma sucessão de dinastias chinesas de curta duração, enquanto que o Norte era governado por dinastias etnicamente não-chinesas, como por exemplo a Dinastia de Wei do Norte (北魏, *Běiwèi*, 386–535), Qi do Norte (北齐, *Běiqí*, 550–577), Zhou do Norte (北周, *Běizhōu*, 557–581) e por último culminando na Dinastia Sui (隋朝, *Suí Cháo*, 589-618).⁷²

As práticas fúnebres dos Han continuaram a observar-se na paisagem fúnebre, porém, à medida que a instabilidade aumentou, uma ideia de simplicidade mortuária ganhou prevalência. A planta tumular novamente assistiu a dos túmulos sofreu grandes alterações. Confira-se:

A estrutura tripartida (porta de entrada, corredor, câmara mortuária) presente na Dinastia Han manteve-se, contudo, mais simplificada. Da planta retangular com variadas divisões para uma quadrangular com uma única câmara observada em túmulos da Wei do Norte. A localização da entrada passou para o lado direito do quarto para acomodar o ataúde de pedra

⁷¹ ver n°49 da Webgrafia

⁷² ver n°34 da Bibliografia

onde o caixão do defunto estava localizado. Ao longo corredor que ligava o interior do túmulo foram inseridos um par de nichos para arrumos (Fong, 1999:4-5).⁷³

Com isto em mente, é possível observar-se que a sociedade fora perturbada por constantes conflitos de interesses e de guerras. Por consequente, a necessidade de descomplicação do método fúnebre em comparação com o anteriormente empregue ganhou novos adeptos (Wang, 1998).⁷⁴

Os excessos das dinastias anteriores tornavam os seus mausoléus alvos vulneráveis de assalto, sendo que muitos foram salteados e destruídos nesta altura da história. Numa época de constante incerteza, depositar vastos recursos monetários e tempo numa única obra era considerado algo altamente condicionante para a sobrevivência da dinastia. Os túmulos erigidos durante este período eram de dimensões mais reduzidas, alguns mesmo sem a característica colina em cima da campa, e com oferendas de valor simbólico.

A nível da evolução dos valores e crenças, assistiu-se à estruturação de certos elementos taoistas, como o *fengshui* (風水, *fēngshuǐ*), em conjuntura com confucionistas no costume tradicional funerário. Com a chegada do Budismo à China presenciou-se à introdução de alguns elementos budistas na cultura chinesa.

1.2.5. Dinastia Tang

A Dinastia Tang (唐朝, *Táng Cháo*, 618-906) é considerada por muitos como a época de ouro da história da China. O Reino do Meio era detentor de uma das civilizações mais avançadas do Mundo Antigo, gozando um período de prosperidade e paz prolongada. A convergência populacional nos seus centros urbanos era multicultural. Essa multiculturalidade é visível nas oferendas incluídas nos túmulos desta dinastia. As figuras de cerâmica, apesar de mais reduzidas em tamanho, continuavam a desempenhar o papel de acompanhar o defunto na sua jornada no outro mundo.

A nível arquitetónico, o método herdado do passado manteve-se presente nas Dinastias Sui e Tang, tornando mais estruturado e organizado. Os túmulos de uma divisão passaram a incluir mais nichos ao longo do corredor que unia o exterior ao interior. Em alguns casos, novas galerias voltaram a ser incluídas na planta. A decoração interna destes mausoléus era rica em murais

⁷³ ver n°21 da Bibliografia

⁷⁴ ver n°57 da Bibliografia

delicadamente pintados e/ou em baixo-relevo com motivos religiosos de divindades protetoras e/ou de episódios da vida quotidiana.

Por outro lado, durante a Dinastia Tang surgiu uma nova tendência nos túmulos imperiais, uma câmara mortuária talhada no interior da montanha. Desta forma, o imperador poderia alcançar a altura pretendida para o seu estatuto sem arruinar o seu império com a edificação de uma montanha humana. Relativamente à estrutura interna, continuava-se a obedecer ao estilo tripartido, no entanto, no interior da montanha.

Com o declínio da dinastia, também desapareceram os túmulos nas montanhas. Os problemas relacionados com instabilidade político social, bem como o défice topográfico de formas de relevo adequadas levaram à queda em desuso desta prática em favor do jazigo no solo.

1.2.6. A crescente popularização do Budismo e do costume da cremação

Na Dinastia Tang observou-se uma crescente popularização do costume da cremação, que continuou no período das Cinco Dinastias e Dez Reinos (五代十国, *Wǔdài Shíguó*, 906-960 e 902-979). Eventualmente, este atingiu o seu pico durante a Dinastia Song (宋朝, *Sòng Cháo*, 960-1258), uma vez que era realizado com alguma frequência pelos nos mais diferentes estratos sociais. O período de prosperidade vivido impulsionou uma cultura cosmopolita multicultural e o crescimento do Budismo (佛教, *Fójiào*) na China, fez com que a perceção popular se altera-se. A cremação, um dos elementos mais associados com esta religião, devido a uma imagem mais positiva e a sua praticidade ganhou novos adeptos nos diferentes estratos sociais.

Trazido por comerciantes estrangeiros na Rota da Seda, o Budismo foi introduzido na China no decurso do século I. Inicialmente, este meramente atraiu o interesse de alguns elementos da elite intelectual (Koster, 2013 *apud* Lam, 2013: 176).⁷⁵ No século seguinte, outros mais começaram a adotar a crença e a viver segundo os ensinamentos budistas, isto posto, a optar pela cremação.

O Budismo ganhou bastantes apoiantes graças ao Culto de Relíquias. As pessoas veneravam relíquias parcialmente compostas por restos mortais de mestres e monges budistas famosos, como prova concreta de que estes foram capazes de alcançar o seu potencial espiritual, tornando-se, assim, exemplos a seguir de conduta plena religiosa para os crentes comuns. Este método de disseminação religiosa não é da exclusividade do Budismo, sendo possível identificar-

⁷⁵ ver n°34 da Bibliografia

se a sua execução noutras religiões. Por exemplo, no Cristianismo, o Culto de Relíquias está em grande medida interligado ao Culto dos Santos e de como estes foram capazes de atingir a santidade.

A cremação já era executada na China desde o período Neolítico, primordialmente por comunidades étnicas localizadas no norte do território atual da China como o método fúnebre adequado. Em contrapartida, a sua prática pela sociedade chinesa Han não era muito bem vista. A integridade do corpo era considerada um aspeto essencial na sociedade filial para o eventual renascimento do defunto. No entanto, não significa que estava excluída por completo a sua execução.

Efetivamente, existia uma divergência cultural associada à prática de incineração como método de deposição mortuária. Ao longo dos séculos a incineração, tanto dos mortos como dos vivos, foi sendo utilizada na sociedade chinesa por diversos motivos: retaliação; suicídio por emulação; surtos epidemiológicos. A teia de relações interpessoais da sociedade chinesa era encarada como algo extremamente importante e mantinha-se no além como uma relação simbiótica de ajuda e de recordação da memória. Caso uma rutura acontecesse no veículo de ligação, por outras palavras, se o corpo do defunto fosse profanado e/ou destruído, a memória da existência da pessoa cessava de existir e a sua família estaria amaldiçoada.⁷⁶

A natureza cosmopolita próspera da Dinastia Tang indica que a migração e interculturalidade estavam em alta. Muitos grupos étnicos de diferentes origens residiam sob o domínio do governo Tang. Enquanto uma parcela adotou os costumes confucionistas e taoistas para assim assimilarem-se com a cultura da massa, outros mantiveram as suas tradições e costumes, pois o governo permitia que tal fosse possível. Ou seja, a prática da cremação por diversas comunidades étnicas continuou e apresentou-se mais visível para a comunidade proeminentemente Han em comparação com anteriormente ocorria.

Com o declínio da influência do Governo Central, as comunidades não étnicas do Norte viram o seu poder fortalecer-se durante a época das Cinco Dinastias e, por consequente, o costume propagou-se. Durante o início da Dinastia Song, o Budismo alcançou o seu pico. A normalização do processo foi em grande medida agilizada pelo crescimento contínuo desta religião, como também pelo pragmatismo da cremação em comparação com o sistema tradicional por inumação. Numa época de instabilidade, onde o tempo e os recursos são comodidades valiosas, a aceitação e incorporação de um método simplificado funerário tornou-se numa escolha

⁷⁶ ver n°24 da Bibliografia

acertada para alguns indivíduos. Todavia, apesar da popularização do método, a norma religiosa fúnebre continuava a ser confucionista. Confira-se:

De facto, a base ideológica para o costume fúnebre- a crença na função social e na corporalidade sustentada do corpo morto- também de origem a três formas de incineração corporal, em grande escala, levadas a cabo pelos chineses Han ao longo da história. (...) Como podemos ver, o vínculo entre a cremação e a incineração corporal tornou-se mais aparente no período sociopolítico volátil das Cinco Dinastias, à medida que a linha entre ambos frequentemente tornava-se mais tênue. O costume de queimar o corpo foi um importante jogador na abertura do caminho para a eventual aceitação e apropriação da cremação. Um detalhe importante que ilumina as raízes profundas da cremação na cultura tradicional chinesa (Han, 2012:2).⁷⁷

1.2.7. Do período das Cinco Dinastias à Dinastia Song

O período referente às Cinco Dinastias e Dez Reinos e à Dinastia Song foi marcado pelo retorno imperial ao método tradicional tumular no solo com colinas funerárias antrópicas, em oposição aos esculpidos nas montanhas. Por norma, as construções obedeciam a estipulações definidas em concordância com o *fengshui*. A harmonia alcançada no espaço entre a paisagem e o túmulo era considerada fundamental para o bem-estar do defunto no Outro Mundo, bem como para o futuro da sua descendência.

Os túmulos da Song do Norte (北宋, *Běi Sòng*, 960-1123), em comparação com os erigidos nas Dinastias Han e Tang, eram mais reduzidos. Estes eram em especial limitados pelo poder estatal, de forma a que os custos e construções fossem mais simplificados e práticos do que os do passado. As colinas fúnebres imperiais tinham no máximo 20 metros de altura. A praticidade de um único túmulo com proporções diminutas significava menos tempo e recursos consumidos. Como compensação, os seus complexos tumulares estendiam-se por quilómetros, desde a entrada principal até ao espaço fechado com bases de pedra e circuitos amuralhados, onde se encontrava a própria colina fúnebre.

⁷⁷ (Orig.) “In fact, the ideological basis for the burial custom—the belief in the social function and sustained corporeality of the deceased body—also gave rise to the three forms of body burning widely carried out by the Han Chinese throughout history. (...) As we will see, the link between cremation and body burning became even more apparent in the socio-politically volatile Five Dynasties, as the boundary between the two often became blurred. The custom of body burning played a vital role in paving the way to the eventual acceptance and appropriation of cremation, an important detail that sheds light on cremation’s deep roots in traditional Chinese culture.”

1.2.8. Dinastia Yuan

Durante o século XIII, a China dos Song, juntamente com uma parte da Eurásia, foi conquistada pelos Mongóis. Por volta do ano 1206, os chefes das tribos mongóis proclamaram Genghis Khan (成吉思汗, *Chéngjísī Hán*) como seu chefe, iniciando assim o processo de conquistas e ocupação que deu origem a um vasto império mongol. Já num período posterior, sob a liderança de Khubilai (忽必烈, *Hūbīliè*), uma nova era foi instaurada na China, a Dinastia Yuan (元朝, *Yuán Cháo*, 1258-1367).

Os Mongóis governaram o império sob costumes autoritários em adição ao modo de governo chinês confucionista. Numa fase inicial, tentaram preservar a todo o custo a sua identidade cultural, recorrendo a métodos fortemente restringidos de interação cultural entre mongóis e chineses. A sociedade encontrava-se fortemente estratificada numa hierarquia de mongóis no topo da cadeia, em segundo lugar os seus aliados não chineses, em terceiro os chineses do Norte (nomeadamente os súbditos da antiga Jin) e no fim da cadeia os chineses do Sul (súbditos da Song) (Koster, 2013 *apud* Lam, 2013:205).⁷⁸

A situação alterou-se um pouco de figura com adaptação da comunidade não Han à cultura da maioria Han. Com o passar do tempo, elementos chineses foram assimilados nos túmulos da elite mongol. Tradicionalmente, a morte era um aspeto familiar privado. A falta de registos escritos nativos e o secretismo são evidenciados como obstáculos na identificação de túmulos deste período que mantenham os costumes ancestrais (Cui et al., 2015).⁷⁹ Recentemente foram descobertos alguns túmulos da elite Yuan, cuja informação revela a eventual incorporação de alguns dos elementos fúnebres chineses no método tradicional mongol. Por exemplo, a presença de influências ornamentais han nos murais e esculturas tumulares.

A elite mongol demonstrou bastante interesse, em conjunto com a crença tradicional xamanista, pelo Budismo e pelo Taoísmo Religioso. Por ação das semelhanças traçadas com a sua própria tradição, o misticismo e todo imaginário destas duas religiões atraía-os mais do que o Confucionismo.⁸⁰ Quando comparado com períodos homólogos, este período assistiu a uma maior abertura a influências estrangeiras. É possível de observar-se alusões a estas interações nos murais tumulares.

⁷⁸ ver n°34 da Bibliografia

⁷⁹ ver n°13 da Bibliografia

⁸⁰ ver n°34 da Bibliografia

Com a morte de *Khubilai*, em 1294, o Império começou a desmoronar-se em várias regiões dominadas por movimentos rebeldes com fortes aspirações dinásticas, que resultaram na perseguição dos mongóis para as estepes a norte da muralha de onde originalmente tinham saído (Koster, 2013 *apud* Lam, 2013:207-208).⁸¹

1.2.9. As Dinastias Ming e Qing

O período referente às duas dinastias que sucederam a Yuan, a Dinastia Ming (明朝, *Míng Cháo*, 1367-1644) e a Dinastia Qing (清朝, *Qīng Cháo*, 1644-1911) é visto como de elevada importância do procedimento correto dos rituais. Os costumes estruturaram-se em torno de inúmeras regras detalhadas e rígidas de conduta social com foco na piedade filial.

A Dinastia Ming, com o aparecimento do Neoconfucionismo⁸² e com novo vigor atribuído às tradições e rituais da China Antiga, assistiu à complexificação das infraestruturas culturais. O retorno do poder governamental da etnia Han trouxe alterações marcantes na sociedade. De acordo com Standaert, no seu livro “The Interweaving of Rituals” de 2008, estes quiseram distanciar-se dos costumes Yuan e retornaram a costumes oriundos da China Antiga.

O imperador Taizu (明太祖, *Míng Tàizǔ*) observou o ritual como um meio de controlo para restituir a ordem hierárquica à sociedade. Consequentemente, a regulamentação social e ritualística dos Ming foi fortemente influenciada pelo livro *Rituais da Família* (朱子家礼, *Zhūzǐ jiā lǐ*)⁸³ de Zhuxi (朱熹, *Zhūxī*)⁸⁴. Os costumes lá descritos deveriam ser considerados norma e, se possível, serem replicados com a máxima reverência e fidelidade.

Os assuntos fúnebres receberam nova legislação onde a piedade filial e a correta representação do luto estava representada. O Luto foi dos processos onde mais diretrizes detalhadas foram implementadas para especificar o comportamento apropriado a ser exibido dependendo do membro da família/comunidade falecido em questão, das circunstâncias da sua

⁸¹ ver n°34 da Bibliografia

⁸² (NdA) O Neoconfucionismo é uma filosofia ética desenvolvida por eruditos confucionistas durante a Dinastia Song e Ming com o intuito de responder a questões apresentadas pelo Taoísmo e Budismo. É considerada uma tentativa intelectual de revitalização do Confucionismo face a uma realidade diferente. Este apresenta uma visão mais secular do Confucionismo, sendo que remove os elementos de natureza mais sobrenatural do poder estatal e observa as coisas por um prisma mais realista do que anteriormente observado.

⁸³ (NdA) Escritor Zhuxi (朱熹, *Zhūxī*, 1130-1200), também é conhecido pelo nome Zhuzi (朱子, *Zhūzǐ*), confucionista da Dinastia Song creditado como o fundador do Neo-Confucionismo.

⁸⁴ (NdA) O livro *Rituais da Família* de Zhuzi (朱子家礼, *Zhūzǐ jiā lǐ*) é uma coleção de normas rituais compiladas pelo mestre de Neo-Confucionismo Zhuzi. Este livro encontra-se dividido em cinco partes, onde são explicadas em detalhe diferentes tipos de rituais considerados auspiciosos (吉禮, *jí lǐ*) ou não (凶禮, *xiōng lǐ*). Por exemplo neste livro encontram-se descritos costumes relacionados com o matrimónio, rituais fúnebres, costumes associados ao culto dos antepassados, etc

morte, etc. O estatuto e a piedade filial eram pontos extremamente essenciais em ter em consideração. Por outras palavras, a cultura fúnebre viu-se mais elaborada e embrenhada em camadas de etiqueta do que alguma vez havia sido no passado.⁸⁵

A complexidade burocrática do sistema político da China Imperial durante as últimas duas dinastias foi projetada para a realidade burocrática na vida após a morte. Este não é um conceito novo na história, já a Dinastia Han a projeção do sistema político-burocrático no Outro Mundo era observada, porém, numa escala mais reduzida. Novos departamentos especializados nos mais variados assuntos, desde departamentos peritos em determinadas causas da morte consoante a espécie de ser vivo até tribunais dedicados à avaliação de casos muito particulares de pecados cometidos durante a vida, foram integrados na estrutura infernal.

Os costumes neoconfucionistas fúnebres não substituíram os budistas. Na realidade, apesar dos costumes divergirem, ambos coexistiam na sociedade chinesa. O pico de popularidade alcançado pelo Budismo na Dinastia Song não voltou a ser presenciado, mas alguns dos seus elementos foram incorporados no sistema fúnebre tradicional. A presença do Budismo continuava vigorosa e fortemente associada com a passagem da vida para a morte.

De acordo com Michael Saso no capítulo sobre as religiões chinesas no livro *The Penguin Handbook of the World's Living Religions* (2011), desde a Dinastia Song até ao final do período imperial em 1912, a religião na China passou por uma fase de transformação e reforma religiosa. Certos elementos budistas e taoistas, com o tempo, foram amalgamados na cerimónia tradicional fúnebre.⁸⁶

Durante o século XVI o Cristianismo chegou ao Reino do Meio através de missionários estrangeiros. Numa fase inicial, os missionários Jesuítas viram-se em contraposição com os costumes tradicionais chineses. A exuberância do funeral chinês colidia com a austeridade do método cristão católico europeu daquela época. As diferenças marcantes entre ambos abrangiam desde o tratamento do defunto, o seu lugar de descanso, manifestações de Luto, etc.

Um dos pontos de mudança na abordagem missionária fez-se sentir com a interligação com conceitos do sistema confucionista, a incorporação parcial do culto dos antepassados dentro da cerimónia fúnebre cristã. De certa forma, na estrutura do funeral tradicional chinês, a componente religiosa cristã substituiu a taoista e a budista. Diversos elementos tradicionais, como as procissões e os banquetes, foram aproveitados e adaptados à narrativa cristã. Os fiéis podiam na mesma exercer o seu dever de piedade filial através da realização de boas obras em nome do

⁸⁵ ver n°53 da Bibliografia

⁸⁶ ver n°26 da Bibliografia

falecido como dar as oferendas e bens aos mais desfavorecidos, ao invés do método tradicional chinês.

Apesar das alterações na abordagem missionária, mais aberta e adaptada ao contexto cultural daquela região, a densidade de adeptos cristãos na China nunca chegou a alcançar a do Budismo no seu auge. A entrada da força missionária de outras ordens, como por exemplo os Dominicanos, afetou um pouco a eficiência da transmissão da mensagem cristã junto das comunidades. Estes consideravam as ideias menos ortodoxas dos Jesuítas como indo contra os princípios da Igreja, sendo que fortemente as criticavam e continuavam a tentar impor o Cristianismo através da negação de todos os costumes locais como heresia.

Noutro ponto, o aumento de oportunidades económicas também influenciou profundamente a estrutura social chinesa e a forma como esta demonstrava o seu estatuto. Por ação do aumento da importância da face do indivíduo e a da sua família na sociedade deste período, a extravagante competição funerária, intensificou-se. O luxo na execução dos rituais veio a tornar-se a norma, independentemente da classe social a que um indivíduo pertencia. Tal como foi possível observar-se ao longo das dinastias, quando condições económicas e de paz estão asseguradas durante algum tempo, existe a predisposição de divergir para a sua tendência mais excêntrica em prol do dever filial e da reputação social.

Standtaert no seu livro evidencia a posição de reprovação de alguns académicos contemporâneos perante o estado do método fúnebre da época. Criticavam a opulência, argumentando que os costumes funerários tinham perdido o seu propósito principal de expressar o luto. Identicamente, tinham críticas severas em relação ao facto de como as linhas que separavam as classes hierárquicas haviam-se tornado ténues devido ao excesso. O funeral de um aristocrata e o de um plebeu não aparentava muitas diferenças, pois ambos desembolsavam grandes quantias na sua elaboração.⁸⁷

Com a entrada do poder Manchu no trono durante a Dinastia Qing, algumas alterações foram sentidas com incorporação e adaptação dos costumes fúnebres tradicionais manchu no método tradicional chinês. De acordo com Standtaert, os costumes Manchu divergiam dos Han, em pontos como na prática frequente da cremação pela população, no costume de suicídio das viúvas, no luto, etc.

Até ao seu abandono no final do século XVII, a cremação era frequentemente praticada pelos Manchus. No final da Dinastia Qing o costume foi proibido por decreto imperial, pois era

⁸⁷ ver n°53 da Bibliografia

visto como oposição à piedade filial. Assim sendo, a inumação observou uma crescente popularização no seio do povo Manchu.⁸⁸

Os chineses Han preservaram a sua própria cultura fúnebre, enquanto que os Manchus adotaram vários elementos Han. “No Geral, os funerais Manchu tornaram-se mais complexos e elaborados. Consequentemente, os governantes Manchu focaram-se no desperdício dos rituais Han como obstáculos a evitar, insistindo que os costumes de luto não deveriam desperdiçar recursos preciosos” (Standaert, 2008:24).⁸⁹

1.2.10. Arquitetura fúnebre Ming e Qing

Com início da Dinastia Ming, a construção dos mausoléus imperiais entrou numa nova fase. Tal e qual o acontecia noutros períodos mais prósperos na história da China, por efeito de circunstâncias favoráveis ao logo dos séculos sob um governo estável, a arquitetura fúnebre imperial demonstrou proporções progressivamente superiores. Conjuntos de mausoléus imperiais numa grande escala e com planta organizada começaram a aparecer. Todos os seus elementos, desde os acessos, passando pela paisagem organizada, pela decoração e pela arquitetura, foram enaltecidos. A escala dos túmulos durante a Dinastia Ming variou em tamanho, mas a forma manteve-se essencialmente a mesma.⁹⁰ A tradição de construção segundo as normas delineadas pelo *fengshui* prosseguiu.

Na sua planta retangular, para além da câmara principal onde o ataúde imperial residia, estavam designados um conjunto de espaços distintos para a elaboração de sacrifícios, arrumos, templos, etc. As colinas funerárias deste período deram lugar a uma nova variante apelidada de “*baoding*” (宝顶, *bǎo dǐng*). Estas eram circundadas por paredes num layout circular chamadas “*baocheng*” (宝城, *bǎo chéng*). Já na Dinastia Qing, em torno desta existia uma segunda parede, ambas eram ligadas através de torres de vigia.⁹¹

A nível de motivos decorativos, com a adoção pelo primeiro imperador da Ming do Dragão de cinco dedos como sua imagem, este passou a ser inserido na decoração imperial.

⁸⁸ ver nº53 da Bibliografia

⁸⁹ ver nº53 da Bibliografia

⁹⁰ ver nº58 da Webgrafia

⁹¹ ver nº57 da Bibliografia

Consequentemente a presença do dragão de cinco dedos foi inserida na decoração mortuária imperial desde a Dinastia Ming.

Nem todos os imperadores Ming foram enterrados em mausoléus construídos a propósito para si, alguns ocuparam os mausoléus de outros. Por exemplo, aquando do destronamento e execução do imperador Jingtai (景泰帝, *Jǐngtài dī*), o seu mausoléu ainda se encontrava em construção, sendo que este foi enterrado noutra local. Posteriormente, o seu mausoléu incompleto, até aquele momento abandonado, acabou por ser utilizado para albergar o imperador Taichang (泰昌帝, *Tàichāng dī*), cujo o reinado durou meramente 29 dias por motivos de doença.⁹²

1.2.11. Do século XX à atualidade

Ao longo do século XX, a cultura fúnebre chinesa assistiu a profundas alterações influenciadas diretamente por um clima de intensas transformações sociopolíticas que abalaram a estrutura cultural da sociedade tradicional. Com o fim da dinastia Qing após a abdicação do último imperador em fevereiro de 1912, o sistema milenar imperial chegou à sua conclusão e no seu lugar entrou em vigor a República da China (中华民国, *Zhōnghuá Mínguó*, 1912-1949).

No entanto, nos socalcos da devastação causada por reiterados desastres naturais e pelas consequências da Primeira Guerra Mundial e da Segunda Guerra Sino-Japonesa no território chinês, este Governo não permaneceu no poder muito tempo, sendo sucedido pela República Popular da China (中华人民共和国, *Zhōnghuá Rénmín Gònghéguó*) em 1949 após uma guerra civil impetuosa.

A sociedade chinesa passou de um sistema altamente ritualizado de elevado contexto social no início do século para um secularizado simplificado na segunda metade do século. O método tradicional continuava a ser praticado, porém, sem a mesma popularidade de outrora.

Na atualidade, a China atravessa uma crise acentuada no setor mortuário. Devido à sobrepopulação desencadeada pelo desenvolvimento rápido económico há décadas, o método tradicional fúnebre não é considerado factível, tendo em conta as prioridades vigentes do Governo e da nação. A necessidade de terreno fértil e próspero para a construção de um túmulo, consoante as diretrizes ancestrais definidas pela tradição e geomancia chinesa, entram em conflito com a necessidade de espaço para o setor da construção e o da indústria.

⁹² ver n°58 da Webgrafia

Como resposta para lidar com o problema divergido da realocação de todas as sepulturas antigas e novas, o Estado escolheu apostar na edificação de novos cemitérios para acomodar os restos mortais transladados. Estes assemelham-se aos cemitérios observados no Ocidente. Existe uma panóplia de opções diferentes dependendo da devoção, laços familiares e carteiras de cada um.

Apesar da transformação drástica do setor num curto espaço de tempo, ideias e métodos ancestrais continuam a ser vislumbrados na paisagem da China atual. Em meios mais rurais, ainda é possível visualizar-se a realização do funeral tradicional, em algumas instâncias na calada da noite.

Um pouco por todo o mundo, não só na China, a sociedade em geral tem demonstrado um certo distanciamento para com a temática da Morte. Cada vez mais, principalmente nos centros urbanos, a organização e execução dos rituais funerários está nas mãos das agências funerárias em contraposição com a posição intimista da família na organização do funeral tradicional.

Capítulo II- Costumes e Atitudes

2.1. A flora nos rituais fúnebres

O uso de flores pela sociedade humana remonta a tempos imemoráveis. Desde a Antiguidade as flores têm vindo a ser utilizadas, desempenhando um papel muito importante na comunidade. Acompanhando a evolução e a complexificação social, as flores começaram a ocupar papéis mais concretos do que apenas meros objetos vivos de beleza efémera. Disseminaram-se como ferramenta de comunicação não verbal na sociedade. Com o passar do tempo, a perpetuação do simbolismo da flora no universo lendário e nas histórias alcançou a intemporalidade como um elemento próprio cultural de uma sociedade. Frequentemente é possível visualizar-se referências da utilização das flores na cultura e literatura de um povo.

Cada cultura atribuiu um conjunto específico de características e simbolismos às plantas e flores que se encontravam nas suas proximidades. Consequentemente, toda a simbologia associada a uma específica flor reflete o contexto, território e situação social de um povo. Apesar de ser possível que uma flor possua um significado semelhante entre duas culturas, este pode não necessariamente adequar-se para as mesmas circunstâncias sociais em ambas.

Dependendo da tradição cultural, a escolha da flora adequada para cada ocasião e a sua simbologia altera-se. Muito do seu simbolismo está relacionado com a sua cor, o cheiro e o aspeto (Bruce-Mitford, 2008:82).⁹³ Ademais, o seu significado encontra-se sempre interligado às conotações culturais ou religiosas de determinada comunidade num determinado espaço. Com o intercâmbio cultural advindo de movimentos migratórios e comerciais, certas ideias e objetos foram-se disseminando para além do seu lugar de origem, sendo gradualmente adaptados e incorporados por diferentes culturas.

Certas flores e plantas passaram a ser utilizadas em associação a ideias e expressões específicas, permitindo assim serem mais um método de expressão de emoções e relações sociais. A introdução e evolução da linguagem não verbal das flores na esfera sociocultural pode ser vista potencialmente como uma resposta ao problema da representação de conceitos abstratos. Ao recorrer a objetos físicos, como as flores, para expressar conceitos e sentimentos abstratos, estamos a atribuir-lhes uma imagem mais concreta e palpável. São vários os exemplos

⁹³ ver nº15 da Bibliografia

do emprego floral como metáfora visual, particularmente relacionados com os conceitos de Amor, Saudade e de Morte.

Refletindo por um prisma mais filosófico, para além do seu papel na visualização do abstrato, as flores podem ser interpretadas como uma representação da relação humana com a Morte e a efemeridade da vida. É especialmente visível esta associação em comunidades onde a prática do Budismo decorre há gerações. A natureza efémera da vida, em algumas instâncias, é metaforicamente associada à efemeridade das flores. A sua beleza e existência não são permanentes, eventualmente irão desvanecer-se.

Desde os tempos antigos que o uso de flores nos rituais fúnebres desempenhava a função muito pragmática de resolver o problema relacionado com os odores libertados durante o processo de decomposição do cadáver. Num período onde a tecnologia para combater tal ainda não existia, a fragrância perfumada contribuía a mascarar o odor nefasto nos dias que antecedem ao enterramento ou à incineração do corpo. Em muitas instâncias, em conjunto a perfumes e especiarias, o corpo era coberto e/ou rodeado por flores fragrantas.

Naturalmente que, à medida que os séculos se sucediam, certas plantas e cores passaram a ser exclusivamente associadas com a morte, enraizando-se assim na cultura. Com o avanço tecnológico dos sistemas de refrigeração e de produtos anuladores de odores, o seu papel tornou-se obsoleto, mas a prática manteve-se na comunidade. Tanto o ato de cobrir o corpo e/ou a estrutura tumular persistiram.

Atualmente em contexto fúnebre as flores são utilizadas de formas diferentes:

- A nível social, estas servem para homenagear a pessoa falecida e dar condolências à família desta;
- A nível religioso, encontram-se presentes em alguns rituais cerimoniais importantes;
- A nível ornamental, estão presentes muito frequentemente em complexos sepulcrais como linguagem não verbal.

Quando se trata da escolha da flor adequada, no Ocidente, existe uma panóplia de opções disponíveis para escolha. A espécie e a cor são elementos importantes a ter em conta no momento de passagem da informação não verbal entre todos. Não existe nenhuma aparente restrição de cores ou flores como acontece, por exemplo, na cultura chinesa.

No caso de algumas plantas, como os crisântemos e os cravos, a cor desempenha papel influenciador na mensagem. No entanto, no caso de flores tidas como mais exóticas, cuja história, na cultura portuguesa, não é muito extensa, como acontece no caso das orquídeas, tal não é fator

determinante. No geral, os significados mais frequentemente descritos são o de pureza, renascimento, saudade, respeito e amor.

O hábito de expressar ideias e conceitos com recurso às flores e plantas é um costume antigo na cultura portuguesa, em grande medida graças às conotações religiosas que a elas são empregadas. Na Idade Média, era usual a presença de metáforas visuais na arte e literatura religiosa.

Durante o século XIX, a linguagem das flores, a Floriografia, foi priorizada pela mentalidade romântica da época. Era considerado como parte fundamental da educação e etiqueta da elite da época o conhecimento da linguagem das flores e a sua correta interpretação. Eventualmente, esta capacidade social tornou-se senso comum um pouco por toda a sociedade europeia. A escolha das flores utilizadas nos velórios e nos funerais era muito calculada. Não só estas exprimiam os devidos respetos, como analogamente eram símbolos de estatuto social.

Tal como decorria nos novos cemitérios públicos erigidos neste século, a ostentação da fortuna e estatuto eram palavras de ordem. As proporções das grinaldas fúnebres, a quantidade, bem como o tipo de flor optado revelavam muito sobre um indivíduo neste período. A linguagem das flores na iconografia fúnebre portuguesa era muito frequentemente empregada em lápides e jazigos. A flor saudade⁹⁴ e a flor perpétua⁹⁵ eram bastantes vezes usadas para exprimir não verbalmente os sentimentos da família para com os seus entes queridos falecidos de “saudade perpétua”.

Com a entrada do século XX, a postura artística social na arquitetura cemiterial, impulsionada pela nova mentalidade dos académicos da época, mudou drasticamente do seu recurso à opulência e simbologia iconográfica para a adoção de uma imagem mais simples e direta. A popularidade da linguagem das flores na iconografia fúnebre caiu em favor da utilização das letras para transmitir a mesma mensagem. Na atualidade, não são muitos que têm conhecimento pleno da simbologia das flores, sendo que a crença atual é de que qualquer flor se adequa num cemitério.

Em contrapartida, o mesmo não se assiste no continente asiático. Na China, como acontece nos países vizinhos, Japão e Coreia do Sul, a escolha de flores para ocasiões fúnebres é bastante mais restringida. Popularmente são utilizados crisântemos (菊花, *júhuā*), rosas (玫瑰,

⁹⁴ (NdA) A alcachofra ou saudade (*Cynara cardunculus*) é uma planta ciclicamente regeneradora com flores arroxeadas. Tal como acontece com a flor perpétua é frequentemente representada na decoração arquitetónica fúnebre devido à literalidade do seu nome.

⁹⁵ (NdA) A flor perpétua (*Gomphrena globosa*) é uma planta herbácea com flores roxas. Na linguagem das flores simboliza amor eterno, mas a sua representação na arquitetura cemiterial está ligada diretamente com o seu nome.

méiguī) e cravos (康乃馨, *kāngnǎixīn*). Assim Chavalier e Gheerbrant referem no seu livro *Dicionário dos Símbolos* de 1997:

A disposição regular e irradiante das suas pétalas faz do crisântemo um símbolo essencialmente solar, associado, portanto, às ideias de longevidade e mesmo de imortalidade. (...) Do Japão à China e ao Vietname, muitas homofonias dão-lhe um papel de mediador entre o céu e a terra, e associam-no não às noções de longevidade e de imortalidade, mas também às de plenitude, de totalidade. torna-se, assim, símbolo de perfeição e, portanto, de alegria para o olhar. Na Ásia como na Europa, é por excelência a flor outonal (Chevalier & Gheerbrant, 1997: 241).

As cores empregadas são o branco e, em raras instâncias, o amarelo. Com a exceção de ambas é extremamente improvável e, até de cariz altamente supersticioso, a presença de outras cores, como por exemplo o vermelho. Na mesma nota, a oferta de flores brancas noutras ocasiões sociais podem ser vistas como um tabu social na cultura tradicional chinesa (Cf. Lam, 2013).⁹⁶

Na sua essência, a utilização de flores no costume fúnebre em Portugal e na China assemelha-se bastante. Existem certas ligações de flores e cores muito frequentemente vistas nas sepulturas de ambos os países. Contudo, também existem algumas diferenças bastante delineadas que interditam o seu uso em diversos contextos. Antes de mais, é muito importante relembrar que o papel das flores e a sua simbologia nas culturas portuguesa e chinesa são espelho do percurso social e religioso destas duas culturas.

Na atualidade, o propósito das flores é servir como expressão visual dos sentimentos e respeito dos vivos para com o falecido. É considerado costume social levar um arranjo ou uma coroa de flores que simbolize a relação tida com o defunto na ocasião do velório e do funeral. No Ocidente, existe o costume dos visitantes oferecerem ramos de flores na ocasião da sua visita ao funeral ou à campa do falecido.

Para além das flores, as plantas arbóreas identicamente têm um papel indubitável na identidade e na essência do espaço cemiterial e dos costumes fúnebres em ambas as culturas. Tanto no Oriente como no Ocidente, a escolha de árvores de folha persistente apresenta-se em simultâneo nos espaços cemiteriais, tais como os pinheiros, os ciprestes, os salgueiros, etc.

De acordo com o livro *Sinais e Símbolos, Guia Ilustrado das Origens e dos Significados* de Miranda Bruce-Mitford de 2008, as árvores são:

* ver n°34 da Bibliografia

Fonte de sustento, abrigo, material de construção e lenha, as árvores são associadas à fertilidade, longevidade e força. representam a vida dinâmica, a morte e o novo crescimento e ligam simbolicamente o céu, a terra e o submundo. Muitas são sagradas e associadas às divindades ou espíritos, enquanto as árvores de fruto, como a tamareira, representam a Árvore da Vida. as perenes representam a imortalidade, enquanto as caducifólias significam renascimento (Bruce-Mitford, 2008:94).

As árvores nos complexos tumulares e nos cemitérios têm a função de auxiliar a ocultar da visão de fora do seu interior e de ajudar a abafar os sons do exterior, facultando assim no seu perímetro um espaço mais privado e solene ideal para o repouso dos mortos. Igualmente, o aroma perfumado destas remove do ambiente o cheiro da morte, tornando-o assim num espaço mais acolhedor e menos tenebroso para os vivos (*cf.* Santos, 2016).⁹⁷

Simbolicamente as árvores perenes são muitas vezes culturalmente associadas à imortalidade e fecundidade (*cf.* Lehner & Lehner, 1960), pois aparentam nunca falecer, mantendo-se firmes nas estações mais frias do ano, conseqüentemente são símbolos da Árvore da Vida.⁹⁸

Na cultura portuguesa, as árvores nem sempre tiveram um papel tão importante no espaço fúnebre até ao final do século XVIII. O mesmo já não pode ser dito durante o século XIX, época em que decorreu uma acentuada reforma fúnebre por toda a Europa, impulsionada pelos avanços científicos e novas ideias. A introdução de um novo estilo cemiterial de jardim à sociedade europeia fomentou a escolha predileta de certas espécies específicas para complementar a imagem nova destes como espaço de união entre vivos e mortos, um espaço de repouso para os mortos e um ambiente convidativo para os vivos.

Na China Antiga, nomeadamente a partir da Dinastia Shang (商朝, *Shāng Cháo*, 1600 a.C.-1046 a.C.), a presença de árvores junto do montículo mortuário auxiliava na identificação de que naquele lugar encontrava-se um túmulo.⁹⁹ Nesta época o culto dos antepassados surgiu e irradiou-se como elemento intrínseco da cultura chinesa. Ao saberem o local de repouso dos seus familiares, mesmo após séculos desde a sua construção, as famílias poderiam posteriormente deslocar-se até lá para prestar os seus devidos respeitos e imolar sacrifícios.

A importância da escolha de uma boa localização para o túmulo, para que assim trouxesse boas influências tanto para os vivos como para os mortos, representa o equilíbrio da relação harmoniosa entre o homem e a natureza. Assim sendo, com a introdução do conceito de *fengshui* (風水, *fēngshuǐ*)¹⁰⁰ ao costume fúnebre, as árvores receberam uma atenção especial na estrutura

⁹⁷ ver n°40 da Webgrafia

⁹⁸ ver n°35 da Bibliografia

⁹⁹ ver n° 13 da Webgrafia

¹⁰⁰ (NdA) O propósito da teoria do *fengshui* é explorar a natureza, adaptar e usá-la naturalmente, criando o melhor para a saúde física e mental das pessoas e para a suas necessidades comportamentais. (Li, Li & Tao, 2009: 127).

do complexo tumular. Através dos séculos, o seu número foi regulado com muita atenção. Nos complexos tumulares imperiais é comum a presença de florestas de pinheiros e ciprestes.

Uma das variedades mais frequentemente encontradas em ambos os países é o cipreste. Este é uma das plantas arbóreas de folha persistente que mais se encontra em comum nos complexos tumulares e cemiteriais, devido às suas associações com os conceitos de resistência e imortalidade. Em Portugal são popularmente conhecidos por ciprestes fúnebres.¹⁰¹

Esta espécie oriunda do Oriente foi introduzida na Europa durante o período greco-romano da história europeia. Desde cedo teve o seu simbolismo associado à morte e ao deus do submundo.

Bruce-Mitford defende que o “símbolo ocidental de morte e luto, é associado ao deus do submundo e pensa-se que conserva o cadáver, daí ser usado nos cemitérios. No Oriente o cipreste fálico representa a resistência e a imortalidade.”¹⁰²

Tanto para os gregos como os romanos, esta era a árvore que guiava os mortos até ao submundo. Devido à sua madeira incorruptível foi sendo utilizada pelos egípcios e gregos na maçonaria dos seus caixões (Lehner & Lehner, 1960:57).¹⁰³ Pelas suas características naturais é uma perfeita escolha na paisagem cemiterial, pois as suas raízes verticais não perturbam as campas na sua proximidade.

2.2. Cores

As cores são um elemento cultural muito importante para todas as comunidades humanas. Dependendo da simbologia a elas facultada, estas praticam um papel colossal no entendimento social, pois:

O primeiro caráter do simbolismo das cores e a sua universalidade, não apenas geográfica, mas a todos os níveis do ser e do conhecimento, cosmológico, psicológico, místico, etc. as interpretações podem variar e o vermelho, por exemplo, receber diversos significados consoante as áreas culturais; as cores permanecem, no entanto, sempre e sobretudo os suportes do pensamento simbólico (Chevalier & Gheerbrant, 1997: 220-221).

Em tempos antigos, a importância social de uma distinta cor estava ligada com as circunstâncias geográficas e socioculturais do lugar onde se encontrava. A sua raridade e

¹⁰¹ ver nº38 da Bibliografia

¹⁰² ver nº8 da Bibliografia

¹⁰³ ver nº35 da Bibliografia

dificuldade de obtenção também influenciaram a sua percepção e estatuto. Certas tonalidades eram de exclusivo uso da elite. A subjetividade da simbologia das cores dependendo da cultura tem sido alvo de estudo há centenas de anos. Algo que para uma comunidade signifique uma coisa para outra pode significar o oposto. Atente-se:

Em todas as culturas, as pessoas reagem emotivamente a cores, muitas vezes se se aperceberem. por exemplo, os psicólogos estabeleceram que as cores "quentes" (vermelho, amarelo e laranja) estimulam, enquanto que as cores "frias" (azul, indigo e violeta) acalmam e relaxam. Apesar de as interpretações poderem variar de cultura para cultura, o simbolismo das cores é universal, tornando-o um dos sistemas mais importantes de símbolos (Bruce-Mitford, 2008:280).

Relativamente à questão relacionada com a morte, tanto a cultura portuguesa como a chinesa apresentam um conjunto de semelhanças e diferenças muito interessantes. À primeira vista, ambas as tonalidades consideradas em sinonímia com o conceito de Morte em ambos os países, o branco e o preto, são completos opostos. No entanto, a realidade cultural não é assim tão linear.

O branco é uma das cores mais proeminentemente utilizadas por ambas as culturas nos seus rituais fúnebres, só que em áreas diferentes de emprego. Na cultura portuguesa, como acontece noutros países no Ocidente, o branco está associado aos conceitos de pureza e de inocência. Assim sendo, esta cor está presente em todas as fases mais importantes da vida de um indivíduo em comunidade: o nascimento, o matrimónio e a morte.

Nesta última, está muitas vezes associada à pureza e ressurreição. A alma despe-se da corrupção do pecado e regressa ao seu estado de inocência no Paraíso Celestial. A sociedade portuguesa tradicionalmente apresenta uma marca profundamente religiosa na sua cultura. A simbologia cristã muitas vezes cruza-se com a cultural. Com isto em mente, é frequente a visualização de arranjos florais brancos durante todo o cerimonial fúnebre.

Outro exemplo do uso do branco na morte em Portugal está na cor dos caixões. Normalmente, os caixões em Portugal são de cores mais neutras como a da própria madeira utilizada na sua produção. Privilegiam-se as tonalidades mais escuras, pois normalmente são ataúdes de madeiras consideradas mais nobres. No entanto, no caso do falecimento de um elemento da comunidade durante a fase da infância ou adolescência, os caixões destes são brancos. De acordo com a crença popular, o caixão branco identifica os inocentes que não chegaram a percorrer todas as etapas da vida.

É relevante mencionar que, na cultura portuguesa medieval, o branco era considerado como cor de luto, já que as vestes utilizadas pela maioria da população nesta altura eram de

materiais mais crus/em bruto, sem qualquer tipo de decoração ou tintura. A tintura era um processo bastante moroso e dispendioso, por isso visto como elemento de estatuto. Durante o período de luto pela perda de um ente querido, a elite da época trocava as suas vestes sumptuosamente decoradas por outras mais simples por respeito à alma do falecido.

No entanto, durante os séculos XVI-XVII observou-se uma alteração da prática pela elite. Na Europa, o preto começou a ganhar notoriedade nas esferas mais altas da sociedade, tornando-se assim na cor luto de eleição (Lopes & Pereira, 2017).¹⁰⁴ Este começou a representar a escuridão após a morte. Com o passar do tempo, a prática espalhou-se por toda a sociedade portuguesa e perdura até aos dias de hoje.

Já na cultura chinesa, o branco está associado à morte. De acordo com a explicação presente no livro *The interweaving of rituals, funerals in the cultural exchange between China and Europe* de Nicolas Standaert, publicado no ano de 2008, a utilização do branco pela cultura chinesa relaciona-se com o facto de este ser uma tonalidade natural, enquanto as outras eram tingidas e artificiais. O significado disto era que para expressar a verdadeira mágoa a natureza era suficiente, pois nem arte nem orgulho deve ser visto.¹⁰⁵

Com isto em mente, duas das instâncias onde esta cor está mais presente na cultura chinesa é na demonstração visual do sentimento de perda da morte do indivíduo através do traje de luto tradicionalmente branco e das flores brancas utilizadas durante todo o cerimonial fúnebre.

Passando para outra tonalidade, o preto na cultura portuguesa está associado à morte e ao luto. A cor em si possui diversos significados, dependendo do contexto em que é empregue.¹⁰⁶ É considerada como sendo uma representação da escuridão após a morte, uma representação visível da dor e tristeza desencadeada pela ausência da pessoa que partiu. O uso do preto como cor de luto surgiu aquando da morte de D. João I., mas só se propagou por toda a sociedade durante o reinado de D. Manuel I. (Lopes & Pereira, 2017:12).¹⁰⁷

Esta tonalidade está presente um pouco por todos os costumes funerários desde vestimentas, às decorações mortuárias. Com isto em mente, é impossível a não associação desta cor com a morte. É frequentemente referenciada como uma cor respeitável, sendo que na cultura portuguesa esta está presente em dois contextos: na morte e na gala. Na região do Alto Minho, o traje de casamento apresenta a característica singular de ser inteiramente preto. Este era usado

¹⁰⁴ ver nº41 da Bibliografia

¹⁰⁵ ver nº53 da Bibliografia

¹⁰⁶ ver nº50 da Bibliografia

¹⁰⁷ ver nº41 da Bibliografia

pela jovem vianense na sua primeira “mordomia”, servindo-lhe depois para o casamento e posteriormente como mortalha no final da sua vida.¹⁰⁸

Em contrapartida, na cultura chinesa o preto possui características diferentes. Na cultura popular é considerada como uma metáfora para o mal. Todavia, nas óperas chinesas, a máscara da cara preta (黑脸, *hēi liǎn*) simboliza um homem da justiça, um bom juiz (S. Lam, comunicação pessoal, 16 de janeiro, 2014).¹⁰⁹ Outrossim, é uma cor associada a entidades do foro mitológico de elevado estatuto hierárquico, sendo a cor muitas vezes associada do Rei/ Imperador do Céu.

Nos dias de hoje, o preto também pode ser interpretado como tonalidade da morte e do luto graças a intercâmbios culturais com o Ocidente. Todavia, não é invulgar ver-se pessoas envergando vestimentas pretas no seu quotidiano, já que igualmente é considerada uma cor sofisticada.

Apesar de serem as mais reconhecíveis, estas não são as únicas colorações a surgir em conjuntura fúnebre. O amarelo é considerado como sendo uma tonalidade associada à amizade e simpatia, o que faz com que seja bastante utilizada. Na China, o amarelo é das cores mais importantes na cultura chinesa. Frequentemente era uma das cores associadas ao imperador. No Budismo tem conotações relacionadas com a liberdade do desprender da materialidade da vida.

Na morte, o vermelho é uma escolha muito invulgar para ambas as culturas, pois esta cor está mais associada a eventos felizes ou ao esforço coletivo de um povo. No entanto, em raras instâncias esta poderá estar presente. O vermelho é considerado uma das cores mais importantes para a cultura chinesa, pois esta simboliza boa sorte, felicidade e alegria. A sua utilização em práticas fúnebres na atualidade é considerada tabu.

Sem embargo, durante a Dinastia Tang (唐朝, *Táng Cháo*, 618-906.) foram erigidos alguns complexos tumulares com as suas paredes pintadas de vermelho carmim. Este fornecia um ar de superioridade e esplendor para aqueles que não queriam investir quantias avolumadas na sua construção e enchimento de oferendas, pois estes eram muito frequentemente alvos fáceis para salteadores.¹¹⁰

Apesar de ser uma cor viva com um significado relacionado com o amor e com a felicidade, com a exceção das flores, não é uma tonalidade bem vista. Na linguagem das flores, o cravo vermelho simboliza admiração e a rosa vermelho escuro num contexto fúnebre pode simbolizar luto. Outrora, na sociedade portuguesa era considerado de muito mau tom se alguém que

¹⁰⁸ ver n°1 da Bibliografia

¹⁰⁹ ver n°54 da Bibliografia

¹¹⁰ ver n°54 da Webgrafia

estivesse a passar pelo luto envergasse cores fortes como o vermelho. Principalmente se esta fosse pertencente à família direta do falecido. Em alguns casos poderia ser considerado uma falta de respeito imensurável para com o falecido, sendo motivo para comentários e isolamento social. Atualmente, as normas relacionadas com o luto já não são tão rigorosamente seguidas, estas estão ao critério da sensibilidade do indivíduo de as seguir ou não.

O cinzento simboliza muita tristeza, anonimato ou incerteza, mas como equilíbrio entre preto e branco, também é uma cor de meditação (Bruce-Mitford, 2008:282). A cor cinza é uma cor associada ao luto e à mortificação.¹¹¹ Faz alusão à tonalidade dos restos mortais carbonizadas após a incineração. Talvez por ser a cor que se apresenta no meio do espectro entre o branco e o preto, esta também está bastante presente no simbolismo fúnebre. Na cultura chinesa é uma cor associada ao monótono e ao indeterminado.

Antigamente no distrito de Viana do Castelo, região do Alto Minho, numa época onde os velórios eram realizados em casa, as famílias tinham como costume decorar a sala com panos negros e prateados com o objetivo de escurecer o espaço e torná-lo mais solene. Dantes a sala de estar só tinha dois propósitos, o de acolher a cruz durante o período da Páscoa e o de acolher o caixão durante o velório antes da cerimónia do funeral. Este costume caiu em desuso devido ao facto de na atualidade, durante o velório, os caixões serem encaminhados para as capelas mortuárias (M.C.A.M. Miranda, comunicação pessoal, 17 de junho, 2019).¹¹²

A morte na atualidade da sociedade portuguesa é vista como algo que deve ser mantido longe do espaço dos vivos, sendo o corpo do defunto visto como um perigo para a saúde dos elementos daquela casa. Noutra ponta, o cinza é utilizado no processo de aliviar o luto. Após o pesado preto de luto, a cor seguinte empregue é o cinzento. Aos poucos vai-se aliviando o luto através da utilização de cores cada vez mais claras e vívidas, indicando assim um gradual saída do período de luto e aceitação visual do falecimento da pessoa.

2.3. Luto

Antes de mais, é imperativo explicar de forma sucinta o que é o luto. O processo de luto corresponde à resposta emitida pelo indivíduo e/ou comunidade em relação à perda de algo ou alguém. A morte de alguém causa alterações profundas na estrutura do tecido sociológico, sendo

¹¹¹ ver nº37 da Bibliografia

¹¹² ver nº43 da Bibliografia

necessário um determinado espaço de tempo para lidar com as mudanças causadas por este evento. É um processo de cariz complexo, que influencia os aspetos emocionais, físicos, comportamentais, entre outros, de um determinado indivíduo ou comunidade.

Essencialmente, o período de luto tem uma dupla função: por um lado, é uma tentativa dos vivos de ajudar a alma de quem morreu; por outro, é um período de transição, onde os vivos aprendem a lidar com uma realidade nova; realidade esta onde falta alguém com quem costumavam conviver. Para além disto, o luto traduz igualmente o respeito/ estima por quem faleceu.

Independentemente das culturas e das suas divergências no que diz respeito à temática da morte e do luto, de acordo com a conclusão de Parkes & Laungani & Young no seu livro de 2003, *Morte e Luto através das Culturas*, do trabalho de comparação realizado por Rosenblatt, Walsh e Jackson em 1976 sobre o pesar e luto em sociedades diferentes: “o choro, medo e ira são tão comuns virtualmente omnipresentes” em todas as culturas quando falamos de luto. Igualmente concluem que “a maioria das culturas sancionam socialmente a expressão destas emoções nos rituais fúnebre e manifestações de luto” (Parkes, Laungani & Young, 2003:17).¹¹³

A sua expressão é, no entanto, alvo de posições divergentes, havendo diferenças, não só por causa da localização geográfica, mas também por causa da cultura e do período em questão. Tradicionalmente, demonstrar ou fazer o luto é visto como indispensável, tanto na cultura chinesa, como na cultura portuguesa.

Com o passar do tempo, devido à complexificação dos costumes, o luto viu-se inundado por uma preocupação de demonstrar o estatuto hierárquico da família e dos participantes. A vontade de enaltecer o defunto, através de pomposas cerimónias, bem como por demonstrações lascivas de remorso e luto, foram frequentemente alvo de críticas.

Uma alteração nas últimas décadas das mentalidades e dos comportamentos em relação à morte e à conduta adequada de ação face a esta meta invariável da vida, levou a que manifestações públicas de luto passassem a ser mais sancionadas por várias sociedades (como no caso das ocidentais). A imagem e o que se considerava comportamento apropriado moldaram em grande medida as alterações comportamentais.

Nos tempos modernos, o ser humano tende a evitar discutir o tópico da morte, preferindo celebrar apenas a juventude e a vida. Apesar da compreensão e entendimento quase universal da morte como um período de transição no ciclo natural, a incerteza e a natureza derradeira desta

¹¹³ ver nº47 da Bibliografia

causa inquietação e desconforto no Homem moderno em comparação com o vivenciado pelos seus antepassados. Confira-se:

Juntamente com o declínio da nossa capacidade para enfrentar a morte advém um declínio de confiança nos rituais que a acompanham e seguem. Os tradicionais costumes de luto têm sido largamente abandonados e os rituais de cremação ou enterro dos mortos perderam muito do seu significado emocional que, no passado, muitas vezes, fez deles fonte de conforto para os indivíduos de luto, em vez de se transformarem numa provação (Parkes, Laungani & Young, 2003:16).

Todavia, isto não significa que não existam atualmente réstias dos rituais tradicionais.

2.3.1. Posição cultural

Dentro da cultura tradicional chinesa, o luto é um dos elementos da tradição fúnebre mais rigidamente estruturados, com um conjunto de normas próprias com um grande grau de simbolismo. No Confucionismo, este ocupa uma parte significativa das normas fúnebres presentes nos registos. A duração dos próprios rituais, a opulência/frugalidade destes mesmos, o estatuto na estrutura hierárquica familiar e social são pontos frequentemente discutidos e analisados. A forma de demonstrar o luto está interligada com a família e com piedade filial.

O vestuário devia corresponder a diretrizes sociais minuciosas. “Caso o material ou corte não se ostentassem segundo estas mesmas, seria preferível nem o envergar para não incorrer no erro de ofender profundamente” (Liji *apud* Legge, 1885:136).¹¹⁴ O desempenho do ritual de forma exímia para expressar a piedade filial e o respeito era tido em grande estima na sociedade antiga chinesa.

Os rituais de passagem, neste caso os associados à morte, fazem e sempre fizeram parte do conhecimento e encargo da família, sendo estes transmitidos ao longo de gerações até ao presente. A família é uma das instituições mais importantes na cultura chinesa. É a principal emissora de tradição viva cuja criança interage desde o seu nascimento. Através de exemplos práticos, esta aprende a sua cultura e as normas e valores a esta associadas.

A cultura portuguesa também não se distancia muito desta noção. Os costumes tradicionais portugueses têm como núcleo a família, sendo do conhecimento geral desta e da

¹¹⁴ (Orig.) “15. It is better not to wear mourning at all than not to have it of the proper materials and fashion. When wearing the sackcloth with the edges even (for a mother), one should not sit unevenly or to one side, nor should he do any toilsome labour, (even) in the nine months' mourning.” (Legge, 1885:136)

família alargada que é a comunidade. O ritual é transmitido entre gerações oralmente e/ou através da observação de exemplos práticos vivenciados durante a realização dos costumes fúnebres.

Durante muito tempo, o choro exagerado durante o velório e o funeral foi tido como norma, sendo o recurso a carpideiras (mulheres profissionais na arte do pranto) essencial. Na época medieval, era importante que os familiares e amigos demonstrassem a perda e a dor. Marcas físicas de sofrimento e desespero como escoriações ou arranhões autoinfligidos eram uma imagem recorrente na população medieval portuguesa.

Através de influências estrangeiras, processo iniciado durante os séculos XVI e XVII, a conduta moral e a forma de expressão do luto tornaram-se, gradualmente, mais intimistas e introspectivas, focando-se no impacto emocional da perda para o indivíduo. Inicialmente, estes novos hábitos foram introduzidos pela elite aristocrática portuguesa, tendo sido gradualmente popularizados ao longo dos séculos seguintes. No entanto, resistência por parte da população mais conservadora em áreas rurais fez com que alguns elementos tradicionais culturais portugueses se mantivessem em uso.

As manifestações públicas de luto continuaram, mas comportamentos considerados divergentes da conduta social adequada eram sancionados. Numa época em que o estatuto e a imagem começavam a pesar na consciência social, a realização de comportamentos menos ortodoxos ou considerados inferiores poderia afetar negativamente a reputação dos indivíduos.

2.3.2. O choro

O choro é uma das componentes mais reconhecíveis do luto. É considerada uma resposta normal natural de expressão da dor. Para além da reação biológica, este mecanismo foi sendo alvo de simbolismo cultural das interações humanas e da estima do indivíduo/comunidade para com o morto. Em algumas culturas, este recebeu uma codificação detalhada transmitida de geração em geração. A lamentação ritualizada varia de acordo com a fase da cerimónia. O comportamento apresentado durante a fase inicial do luto diverge em alguma medida do executado no final do período de luto.

Com isto em mente, é necessário realizar-se uma breve reflexão dos caracteres associados ao conceito de choro na própria língua chinesa:

O termo *ku* (哭, *kū*)¹¹⁵, que significa as lamentações dos participantes nos rituais funerários deve oferecer no curso das exéquias, deve então não ser interpretado como uma reação emocional não deliberada, mas sim como uma ação ritualizada onde o sujeito que emite os gemidos retém um controlo significativo sobre as suas faculdades (Galvany, 2012:22).¹¹⁶

Na língua chinesa existem dois caracteres fortemente associados com o conceito de choro, o *ku* (哭, *kū*) e o *qi* (泣, *qì*). A principal diferença entre ambos se prende nomeadamente com a intensidade sonora do choro. O carácter *ku* expressa o som de verter lágrimas por motivos de tristeza, desespero ou de sofrimento. Este é um termo mais generalista para o choro, podendo englobar tanto um pranto ruidoso como um mais leve quase silencioso.

Em contrapartida, o carácter *qi* pode significar lágrimas ou um choro soluçado de pouca intensidade sonora. Por exemplo, com o carácter *ku* expressa um choro baixinho quase silencioso (哭泣, *kū qì*). Em conjuntura com o carácter para escuro (黯, *àn*) expressa um choro às escondidas (黯泣, *àn qì*). Por sua vez, esta palavra é o encurtamento do expressão *anzhong kuqi* (暗中哭泣, *ànzhōng kū qì*).

No caso da cultura tradicional chinesa, existem registos antigos detalhados sobre conduta fúnebre adequada. Num dos clássicos do Confucionismo, o *Livro dos Rituais* (礼记, *Lǐjì*) uma grande parte do livro é dedicada ao funeral e ao luto, sendo o choro um dos elementos mencionados.

A etiqueta fúnebre foi inicialmente abordada em detalhe no capítulo *Tangong* (檀弓, *Tángōng*), onde através dos diálogos de Confúcio, apresenta a norma fúnebre minuciosamente delineada. O momento do visitantes irem à casa dos defuntos prestar condolências (吊丧, *diàosàng*) era acompanhado por um protocolo muitíssimo elaborado. Este determinava a sua execução, sendo alguns dos elementos importantes a posição hierárquica do defunto, dos participantes, a idade do defunto ou dos participantes, o género feminino/masculino, etc.

De acordo com análises de algumas passagens do livro *Zhuangzi* (庄子, *Zhuāngzǐ*), do autor taoísta com o mesmo nome, feitas por Galvany seu artigo de 2012, *Death na Ritual Wailing in Early China: Around the Funeral of Lao Dan*, tudo, desde a distância dos familiares e amigos

¹¹⁵ Este apresenta-se composto por dupla boca (口, *kǒu*) na parte superior e pelo radical *quan* (犬, *quǎn*) na parte inferior. De acordo com a interpretação atual do carácter na sua versão original presente escrita nos Ossos de Oráculo (甲骨文, *jǐǔwén*), a dupla boca (𠩺, *xuān*) expressa clamor, já a parte de baixo assemelha-se a uma pessoa. Enquanto a parte superior é de fácil compreensão, a de baixo revela uma questão interessante na escolha do radical usado. O carácter *quan*, para além de ser o radical nº94 do dicionário de Kangxi (康熙字典, *Kāngxī zìdiǎn*), alternativamente significa cão. Talvez possa existir alguma associação sonora antiga do som do choro com o latido.

¹¹⁶ (Orig.) "The term *ku* 哭, which denotes the laments and wails that participants in funerary rites must offer in the course of the obsequies, should therefore not be understood as a non-deliberate emotional reaction but rather as a ritual action in which the subject who is emitting the groans retains a significant degree of control over his own faculties." ver nº59 da Bibliografia

em relação ao caixão, a entoação dos lamentos, até às circunstâncias que poderiam comprometer a presença dos participantes no funeral, encontram-se pormenorizadamente planeadas.¹¹⁷

Se as lamentações dos diretamente afetados não fossem expressas visualmente e de forma audível pelos padrões definidos pela comunidade era encarado como uma ofensa. Como Galvany comenta, estas eram classificadas como oferendas emocionais: “expressões corporais de luto dos participantes durante o enterro, como bater no peito (辟, *pi*), saltar (踊, *yǒng*) devem ser avaliadas (节, *jié*), medidas (算, *suàn*), temperadas (文, *wén*) e convertidas num tipo de linguagem convencional por todos usada e compreendida”.¹¹⁸

No caso da cultura portuguesa, a codificação do pranto estava interligada com a religião cristã. A crença na Boa Morte, de que há uma forma adequada para um fiel de falecer na graça de Deus, influencia a forma como o luto e o próprio choro devem ser executados durante as cerimónias fúnebres. A preparação para a eventual entrada no além ajudava à aceitação da perda.

Em algumas zonas do país, existia a crença de que demonstrações visíveis de tristeza e de pranto, principalmente no caso das almas daqueles que faleceram precocemente por motivo de acidente ou doença aguda repentina, pudessem auxiliar a que estes realizassem uma travessia segura até ao Céu. Confira-se:

Finalmente, há a morte violenta, a má morte. Trata-se do tipo de morte que provoca a maior reação na comunidade local. as manifestações de luto são mais fortes e todas as práticas ligadas ao medo de que a alma da pessoa que morreu possa não se ter separado do mundo dos vivos são muito reforçados (Pina Cabral, 1985 *apud* Feijó, Martins & Pina Cabral, 1985:67-68).¹¹⁹

O receio de que a alma ficasse presa no mundo dos vivos por assuntos não resolvidos ou se tornasse alvo dos apetites dos demónios encontrava-se mais presente em períodos anteriores, como a época medieval.

Curiosamente, o recurso a carpideiras, pessoa contratada com o propósito de prantear durante as celebrações fúnebres, no funeral tradicional é um costume presente em ambas as culturas. Esta profissão essencialmente feminina apresenta raízes milenares em várias culturas espalhadas pelo mundo. Fundamentalmente, têm como missão prestar auxílio à família na

¹¹⁷ ver n°59 a Bibliografia

¹¹⁸ (Orig.) “*bodily expressions of bereavement expressed by the participants during the burial, such as the breast-beating (pi 辟) or leaping (yong 踊), should be graded (jie 节), measured (suan 算), tempered (wen 文), converted into a type of conventional language which they all use and understand*” (Galvany, 2012:29).

¹¹⁹ ver n°17 da Bibliografia

demonstração visível de angústia, e, assim, ajudar a alma do defunto a realizar uma travessia para o além mais descansada.

Em Portugal, até muito recentemente, era prática comum em algumas zonas do país o vislumbre de uma carpideira em funções durante toda a cerimónia fúnebre. Atualmente, no século XXI, é uma prática em desuso. As pessoas já não acreditam na necessidade de demonstrações excessivas, ou nem sequer na execução de alguns rituais associados ao velório e funeral. Com o avanço da medicina e ciência, da crescente confiança colocada sobre médicos, a religião e o misticismo perderam uma grande parte do poder que tinham na vida quotidiana. As pessoas apresentam-se mais céticas, sendo assim, já não acreditando na importância de certos rituais em comparação com o passado.

Na cultura chinesa, a profissão de carpideira (哭丧女, *kūsāng nǚ*) encontra-se em sintonia com os valores confucionistas. O choro desempenha um papel de destaque na etiqueta fúnebre. Assim sendo, as carpideiras ajudam a expressar as lamentações com o nível de primor exigido culturalmente pelos costumes tradicionais/por esta sociedade tendencialmente tradicional. Durante o período da Revolução Cultural (文化大革命, *Wénhuà Dàgémìng*, 1966-1976), a prática foi alvo de perseguições, mas assistiu a um ressurgimento durante a Política de Portas Abertas (改革开放, *Gǎigé Kāifàng*) nos anos 80.¹²⁰

Atualmente, ainda é possível encontrar-se com relativa facilidade, principalmente nas áreas mais rurais, para aqueles que pretendam realizar o funeral nos moldes tradicionais, carpideiras que ainda executam funções. Porém, a tradição das carpideiras na China, tal como aconteceu em Portugal, começa a cair em desuso. A secularização dos costumes e perda de uma certa parte da influência das religiões na sociedade atual global também tem começado a sentir-se na China.

Todavia, é na execução que esta profissão diverge culturalmente. Apesar do pranto ruidoso ser a ferramenta de ofício primordial das carpideiras na cultura portuguesa, na cultura chinesa estas não se resumem só a isso. Para além do pranto, cantam cânticos em tons tristes e dançam em honra do falecido. Além disso, ajudam a família em luto na preparação de outros rituais funerários: limpeza do pátio; confeção das oferendas consumíveis; produção e cunhagem do “dinheiro dos espíritos”; queima de incenso em favor da alma do defunto; etc.¹²¹ Toda esta prática é algo de invulgar quando visto pelos padrões mais sóbrios e tradicionais portugueses.

¹²⁰ ver n°33 da Webgrafia

¹²¹ ver n°59 da Webgrafia

2.4. Geomancia chinesa: *fengshui*

Tanto na cultura Ocidental como na Oriental, a morada final dos mortos, longo do tempo, demonstra evidências das diferentes perspectivas sobre a morte e a sua relevância na vida quotidiana, nomeadamente no pós-morte e a sua influência sobre os vivos. Frequentemente, esta seleção está incutida de simbolismo cultural e espiritual.

A localização fúnebre, indiretamente, pode indicar qual o valor dado à possibilidade de perturbação do corpo por condicionantes exteriores. Em certas culturas e religiões é enaltecida a integridade física do defunto como elemento essencial para obtenção da boa morte¹²².

A seleção dum posicionamento adequado no enquadramento paisagístico, na cultura tradicional chinesa, acreditava-se, poderia afetar tanto a vida dos que partem como a vida dos que ficam. A prática responsável por tal seleção era a Geomancia. Antes de mais, é imperativo facultar uma explicação sobre o conceito Geomancia. “O termo geomancia - adivinhação pela terra - é, efetivamente, impróprio para designar a verdadeira ciência cosmológica tradicional, da qual o estudo atual dos segredos do vento e da água é a sobrevivência” (Chevalier & Gheerbrant, 1997:351).¹²³

No Ocidente, este vocábulo é amiudadamente utilizado para descrever dois processos de divinação bastante distintos, sendo possivelmente a única semelhança entre ambos o facto de se relacionarem com a natureza, com a terra e com o equilíbrio cósmico das energias.

Como evidenciado por Chevalier & Gheerbrant, no seu livro *Dicionário dos Símbolos* de 1997, a palavra geomancia também é a terminologia empregada para indicar adivinhação pela terra, onde figuras traçadas na terra ou padrões formados por pedras ou terra arremessados sobre uma superfície plana são interpretados.

Este género de adivinhação encontra-se presente, com algumas variações, nas mais diversas culturas humanas, estando muitas vezes associada a conotações religiosas. Tal deve-se ao facto de a adivinhação ser considerada como interpretação da vontade divina sobre o desígnio consultado.

¹²² (NdA) Em várias culturas existe a crença de que existe uma forma adequada para se falecer, onde a sua alma, se a condições forem correspondidas, é encaminhada para o melhor cenário.

¹²³ ver nº10 da Bibliografia

Em contrapartida, a Geomancia Chinesa, cujo termo *fengshui* (风水, *fēngshuǐ*)¹²⁴ facultava uma imagem mais concisa da sua natureza e função. Este processo era usado para determinar o plano das cidades e das fortificações, bem como também a localização e a orientação das casas e dos túmulos (Chevalier & Gheerbrant, 1997:352).

Existia a forte crença de que, caso fossem seguidas as diretrizes especificadas por um mestre de *fengshui*, seria possível otimizar a obtenção de riqueza, felicidade, longevidade e procriação para os proprietários da habitação. Esta noção não se resume só às habitações dos vivos, as dos mortos também deveriam obedecer às mesmas regras para alcançar a harmonia.

Ambas as moradias na Geomancia Chinesa são representadas com os conceitos taoistas de *Yin Yang* (阴阳, *yīnyáng*)¹²⁵ e cada uma das energias cósmicas representa uma realidade oposta, a vida e a morte. “A casa dos vivos são apelidadas de casas *yang* (阳宅, *yángzhái*), enquanto que as dos mortos são casas *yin* (阴宅, *yīnzhái*). As moradias dos defuntos eram frequentemente consideradas como de maior relevância do que as dos vivos.” Muitos dos pré-requisitos estavam ligados a crenças supersticiosas relacionadas com espíritos. O sobrenatural era vislumbrado como algo que deveria ser tratado com muito respeito com o fim de não incorrer a consequências desastrosas (Li, Li & Tao, 2009:127).¹²⁶

A terra era, e continua a ser em algumas culturas, equivalente ao valor da vida. Enterrar após a morte significa a reintegração com a natureza, entrando assim o defunto no ciclo natural de continuação e reencarnação. Os restos mortais deveriam ser tratados com muito cuidado, pois a preservação do corpo era a chave para a eternidade e renascimento deste. Ao colocar os entes queridos em lugares favoráveis, estes poderiam ter condições para proporcionar bênçãos à sua família e conseqüente descendência.

À vista disso, “a preocupação com a localização fomentava a competição entre os diferentes descendentes do defunto e outras famílias pelo melhor lugar, a fim de maximizar os seus proveitos. A seleção do local adequado deveria respeitar certos critérios como, por exemplo, a localização em terreno elevado e com solo fértil” (Li, Li & Tao, 2009). A seleção de uma localização apropriada poderia estar a cargo do próprio indivíduo antes da sua morte ou a cargo

¹²⁴ (TdA) O propósito da teoria do *fengshui* é explorar a natureza, adaptar e usá-la naturalmente, criando o melhor para a saúde física e mental das pessoas e para a suas necessidades comportamentais (Li, Li & Tao, 2009:127).

¹²⁵ “O Yin e Yang são duas energias cósmicas complementares totalmente opostas (energia estimulante e a energia moderadora), que, quando existem em harmonia, concedem a saúde e o bem-estar, e, quando estão em desequilíbrio, provocam a doença.” (Lam, 2013:49)

¹²⁶ (Orig.) “事死如生，神也”的观念形成了厚葬之风，将坟墓视为在另一个世界的住所，对“阴宅”的重视有时甚至对于生存时“阳宅”的重视程度。”

da sua família. Existem referências históricas de imperadores selecionarem o seu lugar de repouso ainda em vida.

Um túmulo construído num lugar favorável, onde fosse possível otimizar as energias positivas a favor do falecido, poderia atrair prosperidade e longevidade para toda a família. Antepassados felizes apresentavam-se com maior propensão em interceder favoravelmente pelos seus descendentes junto das divindades.

Em contrapartida, caso fosse edificado num lugar desfavorável, a família poderia ser amaldiçoada pelos espíritos zangados dos seus antepassados. Em chinês este conceito, fortemente associado ao imaginário taoista, apelida-se de *kanyu* (堪輿, *kānyú*) e pode ser traduzido como presságio geomântico.

Por outras palavras, o mausoléu construído numa localização cuja tipologia fosse auspiciosa, em equilíbrio com os Cinco Elementos (五行, *wǔxíng*)¹²⁷ e com o *Yin Yang*, traria graças para a família. O antagónico convidaria à desgraça por gerações. Portanto, é possível observar-se uma inter-relação entre a Piedade Filial e a Geomancia chinesa na morte.

A escolha de uma localização adequada implicava muita atenção e esforços por parte de toda a família, pois não era só apenas o repouso do defunto que estava em jogo, mas sim toda a reputação da família na sociedade da época. Para ajudar nesta árdua tarefa existiam mestres especializados que, de acordo com as competências adquiridas através da experiência e intuição, escolhiam o local mais adequado. Estes calculavam a data de aniversário do dono da casa para ver se os seus elementos se alinhavam com os elementos que circundam a sua moradia (Bruun, 1996).¹²⁸

De acordo com Wang no seu livro, *Imperial Mausoleums and Tombs, Ancient Chinese Architecture*, a geomancia chinesa, para além da sua componente supersticiosa, demonstra na sua teoria e método a presença de conhecimentos nas mais variadas áreas das ciências:

Embora esta teoria ser permeada com fortes crenças supersticiosas, com um estudo cuidadoso da sua teoria e prática, conseguimos verificar que contém muito mais conhecimento nos campos conectados com geologia, geografia, meteorologia, hidrologia, ecologia, paisagismo, estética e psicologia. Espaços naturalmente fechados, virados ao sol, no sopé das montanhas e adjacentes a águas são os locais básicos de seleção de canteiros de obras. É um requerimento básico no planeamento e conceção construir edifícios em conjunto com montanhas, rios ou lagos em torno deles e dessa maneira ter um impacto visual agradável na paisagem (Wang, 1998:120).¹²⁹

¹²⁷ (NdA) Na cultura tradicional chinesa, existe a teoria de que o mundo é composto e influenciado pelas relações entre os cinco elementos: madeira (木, *mù*); fogo (火, *huǒ*); água (水, *shuǐ*); terra (土, *tǔ*); metal (金, *jīn*). Este é um dos elementos característicos do Taoísmo que foi introduzido na crença popular confucionista por volta da Dinastia Han.

¹²⁸ ver n°9 da Bibliografia

¹²⁹ (Orig.) "Although the theory is permeated with strong superstitious beliefs, through careful study of its theory and practice, we can see that it contains much knowledge in the fields connected with geology, geography, meteorology, hydrology, ecology, landscaping,

Independentemente do estatuto social ou das suas posses, este elemento é considerado uma parte crucial da cultura fúnebre tradicional chinesa. Circunstâncias exteriores como instabilidade social, guerras, falta de localizações apropriadas na topologia local e até condições climatéricas adversas (como a precipitação) afetava a seleção dum lugar frutuoso. Todavia, a população continuou a recorrer a este método, adaptando-o para uma realidade diferente da de outrora.

O clima de mudança sentido na China da segunda metade do século XX afetou muitas das conceções tradicionais da cultura chinesa. Durante o período de esforços de modernização, levados a cabo no período do Grande Salto em Frente (大跃进, *Dàyuèjìn*, 1958-1960)¹³⁰, o *fengshui* foi temporariamente proibido sob o pretexto de que se tratava de práticas supersticiosas. A população, nomeadamente zonas mais rurais, continuou a consultar os mestres nos seus assuntos.

A meados da década de 60, com o reconhecimento do desastre das medidas aplicadas num esforço de modernização rápida a curto prazo, o governo voltou atrás nalgumas das suas interdições, permitindo assim novamente a prática aberta do *fengshui*. Sem embargo, na segunda metade da mesma década, no decorrer da Revolução Cultural (文化大革命, *Wénhuà Dàgéming*, 1966-1976)¹³¹, voltou a ser alvo de reprovação intensa, sendo os seus mestres alvo de perseguições e os seus materiais de ofício destruídos.

Já nos anos 70, a prática voltou a ser abertamente praticada em algumas províncias, mas sem o fervor de outrora. O pouco do conhecimento literário e das ferramentas que sobreviveram até aos dias contemporâneos fora escondido e/ou transmitido oralmente por mestres já com uma idade avançada aos seus aprendizes.¹³²

Até aos tempos de hoje, a prática tem vindo a ser tolerada pelo Governo, mas seria imprudente considerá-la imune de perseguições. O seu papel na planificação urbanística adaptou-

aesthetics and psychology. Natural enclosed spaces, facing the sun, sitting at the foot of mountains and adjoining waters are the basic guidelines in selection of sites for construction. It is a basic principle in planning and designing to have buildings built in co-ordination with surrounding mountains, rivers or lakes and thus have a better visual effect on the landscape."

¹³⁰ (NdA) Num esforço de modernização célere da economia e de tornar a China uma das nações mais poderosas no mundo, Mao Tse-tung (毛泽东, *Máo Zédōng*) tomou algumas medidas para desenvolver a agricultura e a indústria ao mesmo tempo. Através da mobilização da sua extensa mão de obra, nomeadamente através da coletivização da agricultura em comunas (人民公社, *Rénmín Gōngshè*). O objetivo era conseguir alcançar o poder da Inglaterra no espaço curto de 15 anos. No entanto, devido a uma sucessão de políticas desafortunadas neste período, as consequências para a economia foram desastrosas, e resultaram na morte de milhões de chineses por fome severa.

¹³¹ (NdA) A Revolução Cultural foi um movimento sócio político radical caracterizado pelo poder militar, terrorismo, purgas intensas e pela reestruturação do sistema educativo.

¹³² ver nº9 da Bibliografia

se para uma realidade mais capitalista, onde a maximização do lucro e diminuição dos problemas é uma prioridade.

Tal como sumariza Ole Bruun no seu artigo *The Fengshui Resurgence in China: Conflicting Cosmologies Between State and Peasantry*, publicado na edição nº 36 de julho de 1996 do *The China Journal*: “o regime tentou inicialmente erradicar a cosmologia tradicional, como também remover as condições socioeconómicas onde florescia. As reformas económicas inspiraram a integração de elementos da cosmologia indígena na ideologia do mercado capitalista” (Bruun, 1996:63).

No panorama atual, a adaptação passou da construção de um singular mausoléu para a aparição de cemitérios jardim comunitários em vários pontos do país. Estes seguem as linhas definidas pelo *fengshui* na sua estrutura paisagística, desenvolvendo assim um espaço sustentável em equilíbrio com a natureza para a realidade moderna.¹³³ Num momento atual da história, onde o método tradicional de inumação está interdito em prol do desenvolvimento territorial e económico, este novo género de cemitérios no país apresenta-se como uma solução mais ecológica e um meio termo entre a cultura do passado e a sustentabilidade do futuro.

2.5. Breves reflexões sobre algumas correntes religiosas

A questão sobre o que o futuro reserva após a morte é, desde tempos antigos, motivo de debate e de especial atenção para a sociedade humana. O que acontece à alma após a morte sempre invocou inúmeras interpretações, estando a sua maioria interligada com a crença religiosa de uma comunidade.

Independentemente da crença religiosa, o ser humano procura alcançar o que considera ser uma “Boa Morte”, o cenário mais idílico de transição para Outro Mundo de cada comunidade humana. Para tal, com este objetivo em mente, durante a vida do indivíduo, certos comportamentos e práticas são definidos como padrão a seguir. Estes podem ser direcionados para a preparação da alma e/ou do corpo.

A morte e a forma como esta é interpretada e experienciada pela comunidade varia de acordo com o ambiente em que esta se encontra e essas interpretações variam. Para além das diferenças desencadeadas pelo diálogo com o meio geográfico ou pelo progresso tecnológico e social da comunidade, a crença desempenha um papel crucial nas tradições e práticas na esfera

¹³³ ver nº39 da Bibliografia

cultural. Esta crença nem sempre tem de ser religiosa, sendo que as comunidades podem acreditar em certos elementos e estes não constituírem uma religião.

Porém, uma religião representa um conjunto de crenças acreditadas como dogma por um conjunto de adeptos, sendo a linha entre crença e religião ténue. Da mesma forma, os rituais religiosos encontram-se em constante transmutação para se adaptarem à realidade em vigor naquele período específico. Em espaços onde o intercâmbio cultural entre diferentes realidades religiosas floresceu assistiu-se ao diálogo, à partilha e assimilação de elementos característicos de uma religião por outra.

Tendo isto em mente, neste subtópico serão brevemente analisadas as semelhanças e disparidades entre as principais crenças religiosas presentes em Portugal e na China: o Confucionismo, o Budismo e o Cristianismo. Uma nota de reparo é essencial para efetivamente compreender o papel do Confucionismo, pois este trata-se de uma escola ideológica e das regras por ela definidas. No entanto, mesmo não sendo uma religião, o conjunto de normas por esta definidas afetam todos os setores da vida de um indivíduo. A morte não é exceção, nomeadamente graças à sua interligação com o ancestral culto aos antepassados.

2.5.1. Budismo

O Budismo originou-se na Índia há mais de 2500 anos. É considerada uma das religiões mais antigas e influentes no mundo, com milhões de adeptos espalhados por todos os cantos do mundo, mas com uma concentração mais sentida na Ásia. Esta religião baseia-se nos ensinamentos de Buda Shakyamuni, que partiu dos conceitos hindus de carma e reencarnação, adicionando-lhes a componente da intenção por detrás do ato, e consequentemente, o sofrimento. De acordo com Kenneth Ch'en no seu livro *Buddhism in China: A Historical Survey*.

A palavra "carma" significa ação ou ato. Cada ato produz um resultado ou fruto; uma boa ação produz um bom fruto; a má, produz um mau fruto. O processo opera automaticamente sem a intervenção de nenhum agente sobrenatural a fazer a escolha. "Carma" para os indianos significa a ação realizada e o seu consequente resultado. A esta conceção Buda fez uma adição significativa. Ele ensinou que o carma envolvia não só a ação e a recompensa, mas também a intenção por detrás da ação. (...) A definição budista para "carma" é, portanto, a intenção em conjuntura com a ação corporal que sucede a intenção (Ch'en, 1964:4-5).¹³⁴

¹³⁴ (Orig.) "The word "Karma" means deed or act. Every act produces a result or fruit; good deed produces a good fruit; an evil deed, an evil fruit. The process operates automatically without any supernatural agent sitting in judgment to render a decision. "Carma" to the Indians means the deed performed and the results that arise from it. to this conception of Karma, the Buddha made a significant addition. He taught that Karma involved not just the deed and the reward but also the intention behind the deed. (...) The Buddhist definition of "Karma" is therefore "intention plus the bodily action that follows the intention."

Devido à sua capacidade de adaptação consoante a realidade cultural da comunidade em que se encontra, existe uma panóplia de diferentes formas de Budismo. De país para país variam as tradições, contudo, todas acreditam nos mesmos conceitos na sua essência.

Desde tempos antigos, o Budismo foi reconhecido pela sua afinidade intimista com a morte. A morte não é vista como a conclusão da vida, mas meramente como o prelúdio para uma nova existência. Todos os seres vivos coabitam num ciclo perpétuo de reencarnação e a identidade da sua existência futura é determinada pelo carma acumulado na vida anterior.

Dependendo do seu comportamento anterior a alma pode andar para cima como para baixo na estrutura dos mundos presente no ciclo do cármico budista. “No Budismo há cinco estados de existência no ciclo cármico: divindade, homem, animal, espírito esfomeado e habitante do Inferno. Os três primeiros são considerados bons e os dois últimos maus” (Ch'en,1964:5).¹³⁵ Este ciclo de permanente impermanência e transmutação faz parte do tecido canónico do Budismo, pois:

De acordo com o carma do passado, o ser vivo atravessa repetidos renascimentos num ciclo de existência e assume uma forma diferente em cada renascimento. Para os budistas a vida de um indivíduo começa com um início sem um passado e irá estender-se por um futuro sem fim (Ch'en, 1964:5).¹³⁶

A prática religiosa é direcionada para a obtenção de carma positivo através de boas ações e orações. Os rituais são para que a travessia pelo Inferno e o julgamento entre este plano e o de uma nova existência seja feito de forma tranquila. Dependendo da variante do budismo, esta transição pode processar-se de formas ligeiramente distintas. O Budismo Mahayana introduziu o conceito de *Nirvana*, no qual o objetivo final da alma é quebrar o ciclo e alcançar o *Nirvana*, ou seja, o Vazio. Confira-se:

A fuga do ciclo é o *nibbana* (sanskrit *nirvana*), para os budistas a suprema alegria e libertação final. É o cessar do sofrimento: a Terceira verdade. O desejo e ignorância findam de existir. Tal como quando a causa de uma enfermidade é removida, o estado de saúde regressa, quando a causa de sofrimento desaparece, o *nibbana* acontece. O indivíduo que atinge a última meta experiência grande felicidade. Todas as dúvidas e fardos extinguem-se. A sua mente fica livre do preconceito e da complicação. Ele tem um firme conhecimento da liberdade e libertação (Cousins, 2010).¹³⁷

¹³⁵ ver nº58 da Bibliografia

¹³⁶ (Orig.) “According to the Karma of the past, a living being will undergo repeated rebirths in the cycle of existence and assume a different form in each rebirth. To the Buddhist the life of an individual started from a beginningless past and will extend into the endless future.”

¹³⁷ (Orig.) “The escape is nibbana (Sanskrit nirvana), for the Buddhist the supreme bliss and the final liberation. This is the ceasing of suffering: the third truth. Craving and ignorance are ended. Just as when the cause of disease is removed the state of health returns, so when the cause of suffering is removed nibbana ensues. The individual who reaches this final goal experiences great joy and

Erroneamente, o *Nirvana* tem sido interpretado por quem não está familiarizado com o Budismo como o equivalente direto do Céu/Paraíso na religião cristã. Apesar de serem considerados metas a se alcançar para atingir a Boa Morte” em ambas as religiões, não são assim tão semelhantes. No universo budista também existe Paraíso, todavia, este é apenas mais um dos mundos do ciclo de reencarnação, sendo um dos mais elevados.

Tendo em conta a crença de que o corpo defunto deixar de ter utilidade para este após a sua morte, não existe necessidade da sua conservação na íntegra como acontece noutras religiões. A forma de deposição deste varia um pouco dependendo da variante do Budismo.

A cremação é considerada um dos métodos mais usuais de lidar com os restos mortais. Acredita-se que a purificação através da elevação das cinzas tem efeitos benéficos para a passagem pelo outro mundo até à próxima existência. O tratamento dado ao corpo é visto, deste modo, como o corte/separação com as ligações terrenas que poderiam prender a alma na terra e não permitir uma passagem tranquila.

De certa forma, o corpo é a representação física das ligações com a vida terrena. Em algumas culturas asiáticas é vislumbrado como um elemento perigoso, ao qual muita atenção e cuidado deve ser prestado. Após a morte e partida da alma, o corpo torna-se num invólucro vazio vulnerável aos desejos de espíritos malignos. Igualmente, caso os procedimentos funerários não tenham sido realizados ou realizados corretamente, o corpo pode impedir que a alma do defunto avance para a próxima fase.

Em casos extremos, caso a pessoa tenha morrido de forma abrupta ou embrenhada em sentimentos negativos como raiva, inveja ou vingança, (as almas) podem transformar-se em espíritos malignos perigosos para os vivos, sendo este pormenor usado e reutilizado inúmeras vezes na ficção.

2.5.2. Confucionismo e Taoísmo

A religião chinesa, no seu contexto atual, visa integrar o indivíduo na família e comunidade:

Popularmente a religião na china apresenta uma amálgama de três ensinamentos Religiosos que influenciam o cotidiano da população: o Confucionismo, que regula os ritos de passagem e conduta moral da vida pública; o Taoísmo, que regula

happiness. All doubts and burdens are gone. His mind is free from prejudice and complication. He has a firm knowledge of freedom and liberation.” ver nº26 da Bibliografia

os festivais celebrados, e cura os enfermos; o Budismo, que invoca um sentido de compaixão na vida no presente e na salvação na vida após a morte. (Saso, 2010).¹³⁸

As etapas mais importantes da vida tais como o nascimento, maturação, casamento e funeral são reguladas desde a Dinastia Han pela sumptuosidade e por uma conduta Confucionista intrinsecamente ritualizada.¹³⁹

O Confucionismo originou-se durante a Dinastia Han, baseado nos ensinamentos de Confúcio (孔子, *Kǒngzǐ*) do reino de Lu (魯國, *Lǔ Guó*). Já este baseia-se na tradição ritual presente na china antiga. O pensamento confucionista considera que as convenções governam as ações e que a hierarquia leva à harmonia e coordenação.

Um dos principais pilares do pensamento confucionista prende-se com a sua ligação com o conceito de piedade filial (孝, *xiào*). A família é uma das instituições mais importantes no tecido social e o respeito pelos antepassados e pelas tradições são considerados essenciais para o seu bom funcionamento. O Confucionismo adotou a convenção anterior do poder dos antepassados, conferiu-lhe um estatuto de destaque na sociedade. Os descendentes têm como dever ser filiais para com os seus familiares mais velhos, respeitando-os e honrando-os mesmo após a sua morte.

A relação do Confucionismo com a morte foi, em larga medida, influenciada pela tradição ancestral do culto aos antepassados de dinastias anteriores e da sua interação com outras escolas de pensamento como por exemplo a taoista, nomeadamente a sua vertente religiosa de Taoísmo Religioso. Durante a Dinastia Han o Confucionismo foi adotado como ideologia estatal, tendo como foco a piedade filial, as tradições e no ritual.

Com o passar do tempo a elite enveredou por uma vertente mais mística e sobrenatural, enquanto uma vertente do Taoísmo Religioso foi adotada e adaptada à crença popular (Koster, 2014).¹⁴⁰ É possível verificar-se heranças da tradição oral xamanista da China antiga no seu tecido doutrinal e com isto influência o emprego e sobrevivência de outros elementos culturais como o culto dos antepassados.

O Taoísmo Religioso aplica muito dos elementos do pensamento filosófico de Laozi (老子, *Lǎozǐ*), cruzando-os com elementos da doutrina espiritual numa estrutura extensa hierárquica de rituais.¹⁴¹ O misticismo e a crença no sobrenatural, são características constantes desta vertente religiosa. No Taoísmo existe a crença num eterno ciclo de progresso/esclarecimento e

¹³⁸ ver n°26 da Bibliografia

¹³⁹ ver n°26 da Bibliografia

¹⁴⁰ ver n°32 da Bibliografia

¹⁴¹ ver n°6 da Webgrafia

renascimento, no qual a pessoa é capaz de, através de práticas de conservação da força vital (气, *qi*), como meditação, cultivar uma união eterna com o Cosmos e, assim, alcançar uma condição de harmonia natural com o Caminho (道, *dào*).

Na estrutura cosmológica presente no Taoísmo Religioso existem três mundos: Céu, Terra e Submundo. Cada um é povoado por diferentes seres como humanos, criaturas místicas, divindades, demónios, etc. Consequentemente, esta ideia também influencia o método confucionista. Após a morte, a alma desce ao submundo onde é purgada da escuridão e dos seus pecados antes de ser libertada nos céus. Este período é considerado bastante perigoso para os vivos, caso estes não sejam capazes de providenciar orações e oferendas de comida à alma do falecido. Esta pode tornar-se numa alma faminta e degenerar num espírito maligno, causando enfermidade ou pior aos vivos.

Os Confucionistas Han compreendiam o mundo à sua volta como um organismo governado pelo perpétuo ciclo dos movimentos que governam o Cosmos, o Yin Yang (阴阳, *yīnyáng*) e pelos cinco elementos (五行, *wǔxíng*). Estes incorporaram estas teorias cosmológicas nas suas explicações dos ciclos históricos e de sucessão dinástica, sendo que cada dinastia tinha elementos associados (Koster, 2014).¹⁴² Era teorizado que uma alteração do equilíbrio de qualquer um dos elementos iria ressoar nos restantes.

A atenção dedicada à questão do destino dos mortos após o seu perecimento intensificou-se, principalmente a atenção concedida à construção de uma boa campa que permitisse a prevenção de qualquer mal da alma terrena (魄, *pò*) e para que a outra parte da alma (魂, *hún*), mais leve, pudesse ascender às nuvens. A parte terrena mantinha-se na campa ou perto desta (Koster, 2014).

A crença no conceito de julgamento após a morte à imagem espelhada do sistema burocrático do mundo dos vivos desenvolveu-se, sendo que a importância das oferendas como forma de suborno e textos sobre as boas ações do defunto para o Senhor dos Mortos passaram a ser incluídos nos túmulos dos Han.

Durante a Dinastia Ming tal questão recebeu um novo vigor com o Neo Confucionismo, a sociedade deveria obedecer a normas de natureza mais rígida de conduta ritualizada adequada para cada indivíduo. Questões relacionadas com assuntos familiares como a organização do

¹⁴² ver nº32 da Bibliografia

funeral e o luto apropriados estavam especificadas no livro *Rituais da Família* de Zhu Xi (朱子家礼, *Zhūzi jiā lǐ*).¹⁴³

Até à primeira metade do século XX, o costume fúnebre tradicional encontrava-se altamente ritualizado, sendo que cada uma das suas fases era muito bem estruturada de forma a demonstrar o mais alto respeito filial e, simultaneamente, proceder a uma exibição de estatuto e reputação dentro da comunidade.

Durante a segunda metade do mesmo século ocorreram algumas alterações na importância dada à religião e ao seu contributo na morte derivadas de um período conturbado de instabilidade sociopolítica e da crescente secularização do setor mortuário. Após a política de portas abertas, onde a China se abriu ao investimento estrangeiro e progresso económico, Deng Xiaoping (邓小平, *Dèng Xiǎopíng*) permitiu até um certo grau de liberdade na prática religiosa na China.

É, no entanto, de extrema importância mencionar que esta liberdade se apresenta altamente regulada a um nível oficial. As pessoas podem praticar a sua religião desde que em concordância com o governo. A partir deste ponto a religião passou a ser vista como um elemento mais festivo do que doutrinal, tendo passado a ser a celebração da passagem do tempo.¹⁴⁴

Certos rituais associados a práticas religiosas continuam a ser praticados de formas direcionadas para o bem da sociedade. As relações familiares com a cultura continuam a ser motivo de lembrança e reavivamento social. A religião é vista como um aspeto cultural de forte importância para o fortalecimento das relações humanas e dão significado e alegria à passagem da vida e da morte.

“Na atualidade os costumes funerários na China podem ser variados e dispendiosos, seguindo as formas do Taoísmo e Budismo do passado, ou completamente ao método ocidental de funeral numa igreja ou câmara ardente” (Saso, 2010).¹⁴⁵ Embora na sua execução integra o método fúnebre tradicional entrar em conflito com variantes de natureza sociopolítica e económicas, certos elementos tradicionais continuam a ser praticados.

Um dos mais notáveis exemplos relaciona-se com a importância dada à preparação do corpo, o seu depósito e selagem no caixão. O corpo deverá ser lavado ritualmente e depois colocado no interior do caixão. Sobre este, camadas de dinheiro dos espíritos branco ou talismãs

¹⁴³ ver nº53 da Bibliografia

¹⁴⁴ ver nº9 da Bibliografia

¹⁴⁵ ver nº26 da Bibliografia

são postos, juntamente com o papel simbólico de purificação e proteção contra decomposição e influências malignas.¹⁴⁶

2.5.3. Cristianismo

O Cristianismo é uma religião monoteísta baseada nos ensinamentos de Jesus Cristo, o filho de Deus. Considerado uma das religiões mais praticadas do mundo com milhões de praticantes, crê-se que esta religião tenha originado há mais de dois milénios de anos atrás na província da Judeia. Devido à sua grande componente judaica era inicialmente considerado uma derivação do judaísmo, sendo os ensinamentos desta representados através de componentes referidos no Antigo Testamento. Já os ensinamentos após o nascimento de Jesus representam o novo testamento.

No início da história da Igreja, a religião cristã propagou-se pelos meios mais discriminados da sociedade da época. Tendo isto em mente, a mensagem litúrgica base demonstra que independentemente do estatuto, caso reconhecessem o poder de Deus e se arrependessem dos seus pecados originais, teriam a oportunidade de alcançar um lugar junto de Deus. Por outras palavras, mesmo os mais marginalizados da sociedade poderiam alcançar a salvação. Apesar da ideia base do Cristianismo se manter relativamente unânime em todas as principais Igrejas, os rituais e orações entre estas muitas vezes divergem, e em alguns casos, são contraditórios. Tendo isto em mente, o foco deste subtópico será direcionado nomeadamente para o comportamento da Igreja Cristã Católica Romana (igreja da maioria da população cristã portuguesa) e a variante chinesa.

Tal como noutras religiões, a Morte, nomeadamente o destino da alma na vida após a morte é alvo de grande atenção. As almas dos fiéis não desaparecem/morrem, mas sim transcendem para a vida eterna junto de Deus. É através da fé em Jesus Cristo e em Deus todo poderoso que as pessoas têm acesso aos Céus/ Paraíso. “Sê fiel até à morte e dar-te-ei a coroa da vida.” Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas. Aquele que vence a não será vítima da segunda morte” (Ap 2,1-3,22). A morte para o Cristianismo interliga-se com o conceito de ressurreição e este só é alcançado através da fé e do perdão.

No Cristianismo primitivo a morte era vislumbrada com alegria. A morte não representa o fim, é simplesmente um estado finito, onde a alma entra nas graças de Deus e espera o dia onde

¹⁴⁶ ver nº26 da Bibliografia

a alma se juntará à carne no dia do fim do mundo. Na atualidade, a crença cristã prende-se com o caráter mais metafórico da ressurreição. O indivíduo não espera uma literal ressurreição do corpo, mas sim que a sua alma se despenda do pecado e se eleve aos céus.

A realização de boas práticas cristãs possibilita o acesso a esta boa morte. A prática e rituais cristãos apresentam-se direcionados para o reconhecimento, arrependimento do pecado e do perdão para alcançar a salvação. Desde os tempos da Igreja Primitiva o perdão dos pecados tem vindo a ser considerado um dos componentes principais de toda a doutrina.

O indivíduo encontra-se, desde nascença, corrompido pelo pecado original, sendo que deve reconhecer e arrepender-se das suas falhas e pedir o perdão junto de Deus. O desprendimento do pecado, orienta a alma para a salvação. Após os sacramentos do batismo e da eucaristia/comunhão, os sacramentos do confesso e o da santa unção são dos mais importantes pois permitem oferecer ao moribundo uma oportunidade de se arrepender perante Deus e assim obter o atenuar ou absolvição dos seus pecados.

É possível verificar-se uma certa semelhança entre o Budismo e o Cristianismo no seu papel doutrinal da prática de boas ações dos crentes. De uma certa forma, a doutrina das bem-aventuranças no Cristianismo e os pecados mortais demonstram o papel que no Budismo se determina como Carma.

Porém, estes não determinam o destino da próxima existência no ciclo, mas sim local onde a alma permanecerá para eternidade. A acumulação de boas ações em detrimento das más pode ajudar a alma a alcançar o destino mais favorável, o Paraíso. Caso acumulassem más ações e estivessem impregnados do pecado teriam como destino o Inferno. Durante a época medieval, por invenção da Igreja, surgiu um meio termo entre o Paraíso e o Inferno, o Purgatório.

O Inferno é, de acordo com o imaginário coletivo, “lugar sem retorno” e de sofrimento absoluto, onde os condenados cumprem castigos pelos seus pecados, para toda a eternidade separados de Deus (Fibramo, 2011).¹⁴⁷ Por outras palavras, existe a crença de que as almas que vão para o Inferno perdem a oportunidade de se juntarem a Deus e ressuscitarem no fim dos tempos.

Em contrapartida o Paraíso, ou Céu, é visto “como um estado de eterna felicidade para os bem-aventurados” (Fibramo, 2011:126)¹⁴⁸ junto de Deus. A Eternidade junto de Deus é considerada como o ponto mais alto da vida de qualquer fiel praticante, alcançar a salvação.

¹⁴⁷ ver n°18 da Bibliografia

¹⁴⁸ ver n°18 da Bibliografia

Todavia, no período medieval da história europeia surgiu um novo espaço onde a alma poderia ir, o Purgatório. Em algumas religiões como no Budismo, o Inferno também tem uma componente de redempção após o cumprimento dos castigos, sendo que depois a alma poderá avançar para outra fase. Este aspeto na crença cristã entra no património do Purgatório.

Neste estado intermediário entre o Céu e o Inferno, “as almas dos que morrem em pecado não mortal se arrependem e se purificam, antes de ser admitidas à visão beatífica do paraíso” (Fibramo, 2011:125).¹⁴⁹ O castigo aplicado neste lugar é considerado como uma grande provação de sofrimento para a alma.

As almas podem ser ajudadas através das orações dos fiéis e pela oferenda eucarística de esmolas que é consagrada durante a cerimónia em benefício destas. Nem todas as Igrejas acreditam no dogma do Purgatório. Para algumas das Igrejas Protestantes, com a exceção da mediação de Jesus, a salvação da alma não está relacionada com a intercessão exterior e depende de cada um.

Para o Cristianismo, a forma tradicionalmente considerada adequada para lidar com os restos mortais do defunto é através da inumação. O corpo do defunto deve ser enterrado com a maior solenidade em solo sagrado. A componente terrena do homem, ou seja, o seu corpo é considerado parte importante para a altura da sua ressurreição.

De acordo com as escrituras antigas, nomeadamente com as descritas no livro do Apocalipse na Bíblia, as almas no dia do Juízo Final unir-se-ão de novo com os seus corpos terrenos e passarão pelo último julgamento. Aqueles que o sucedem poderão habitar o reino prometido de Deus na nova existência. A crença de que no Juízo Final a divisão entre a terra e os céus, entre os vivos e os mortos, deixará de existir e todos os que estiverem nas boas graças do senhor ressuscitarão e farão parte deste novo reino divino continuam bastante presente no pensamento dos fiéis dos tempos atuais.¹⁵⁰

Durante vários séculos, a Igreja defendeu uma interpretação bastante literal desta ressurreição da carne, sendo que alguns dos rituais fúnebres mais antigos em vigor tinham por norma assegurar a não profanação do cadáver do defunto através da implementação de algumas proibições e eventuais tabus sociais.

Nos tempos atuais, esta questão é vista num panorama mais metafórico. Com a evolução social da sociedade contemporânea, certas reformas tiveram de ser realizadas para que esta fosse capaz de sobreviver numa realidade bastante diferente à experienciada anteriormente. Este

¹⁴⁹ ver n.º 18 da Bibliografia

¹⁵⁰ ver n.º 11 da Webgrafia

processo de adaptação às novas realidades é o que permite que as religiões mais antigas ainda sejam capazes de manter-se relevantes, mesmo milénios de anos após a sua criação.

Do ponto de vista fúnebre, alterações foram sentidas tanto a nível litúrgico, como do próprio tratamento do defunto. Nos anos 60, o Papa Paulo VI (pontificado 1963-1978) levantou a proibição centenária da cremação e que os sacerdotes pudessem realizar os rituais finais nas cerimónias dos fiéis cremados.¹⁵¹ Para as sociedades ainda demarcadas ao longo dos séculos por uma fé mais tradicionalista do Cristianismo, como por exemplo a portuguesa, tal continua não sendo muito bem aceite pela facção mais conservadora da sociedade.

Caso os fiéis assim o preferirem poderiam optar pela cremação ao invés da tradicional inumação desde que estes continuem a expressar a sua crença na ressurreição e não tenham motivos alternativos relacionados com superstições. Com isto em mente, existe a condenação por parte da Igreja pelo costume de espalhar as cinzas, pois consideram que não é um costume da crença católica. A posição da Igreja Católica é que estas devem ser tratadas com respeito, com a sua conservação em cemitérios ou lugares sagrados.^{152 ; 153} Apesar de pulverizados, aqueles continuam a ser os restos mortais de alguém. Merecem ser tratados com dignidade.

2.5.4. Diferenças fúnebres iniciais do Cristianismo na China

Durante o século XVI e XVII o Cristianismo propagou-se ao Reino do Meio. Os primeiros esforços missionários da Igreja pretendiam aplicar o sistema cristão europeu da época. A diáspora entre o sistema tradicional e o sistema europeu provou como ser motivo de fricção entre a população e os jesuítas. A austeridade do Cristianismo da época e repudição pela força missionária dos costumes fúnebres chineses causaram diversos entraves na propagação da doutrina cristã numa fase inicial. Para os missionários, a natureza de extravagância e opulência dos funerais chineses da época, alicerçada pela nuvem de misticismo de adoração dos espíritos e dos antepassados, era vista com maus olhos (Standaert, 2008)¹⁵⁴.

Os métodos fúnebres presentes em ambas as culturas, principalmente neste momento da história, apresentavam-se bastante distintos. O que numa era considerado elemento essencial, a outra repudiava como tabu. Um excelente exemplo disto é a próprio lugar de repouso do defunto. Tradicionalmente, a partir da época medieval na Europa, os corpos dos fiéis eram sepultados em

¹⁵¹ ver n°9 da Webgrafia

¹⁵² ver n°10 da Webgrafia

¹⁵³ ver n°28 da Webgrafia

¹⁵⁴ ver n°53 da Bibliografia

solo sagrado, nas imediações da igreja ou, o mais frequentemente realizado, dentro desta. As pessoas acreditavam que quanto mais perto do altar mor estivessem mais próximo de Deus se encontravam.

Em contrapartida, na cultura chinesa a localização da sepultura do defunto era tida em grande consideração para que o espírito deste pudesse descansar e atrair bênçãos para os seus. Tendo em conta que o túmulo era considerado uma segunda habitação, uma casa dos mortos, esta deveria estar afastada da casa dos vivos para evitar qualquer tipo de desgraça. É considerado um grande tabu cultural a presença do túmulo do morto no mesmo espaço dos vivos.

Com o passar do tempo os jesuítas começaram a adaptar a forma como missionar a doutrina cristã em concordância com a realidade chinesa. O método foi-se alterando com a incorporação de certos elementos culturais locais. Por outras palavras, a adaptação do Cristianismo no tecido cultural chinês alicerçou-se no esforço de justificar certos dos seus elementos com recurso a correspondentes semelhantes na cultura chinesa. Desde que tais estivessem em concordância com o cristianismo e não opusessem a crença num só verdadeiro Deus, eram tolerados pelos missionários jesuítas (Standaert, 2008).¹⁵⁵

Por exemplo, um dos elementos mais reconhecidos da cultura chinesa, o culto dos antepassados, foi adaptado para encaixar-se numa justificação cristã, sendo que a sua integrante mística de antepassados como divindades foi repudiada pelos missionários como idolatria supersticiosa. As oferendas fúnebres monetárias e alimentares deveriam ser distribuídas pelos pobres e mais necessitados da comunidade.

O Cristianismo na China, nomeadamente em relação ao cerimonial fúnebre, desenvolveu uma componente fortemente comunitária. As cerimónias importantes eram organizadas pela comunidade, e esta tomava conta das carências religiosas de todos os seus elementos. De uma certa forma as comunidades cristãs chinesas congregam-se da mesma forma como as paróquias cristãs se congregam. Enquanto em Portugal naquela altura, a preparação do funeral recaia maioritariamente ao encargo singular da família, dentro das comunidades cristãs chinesas, desde cedo foram criadas instituições especializadas para tratar dos funerais e das viúvas (Standaert, 2008).¹⁵⁶

¹⁵⁵ ver n°53 da Bibliografia

¹⁵⁶ ver n°53 da Bibliografia

Capítulo III- Festivais associados à morte na cultura portuguesa e chinesa

3.1. Dia de Todos os Santos

No calendário cristão existem certas datas consideradas de elevada importância no cânone da Igreja. Para além do Natal e da Páscoa, o Dia de Todos os Santos, também conhecido pelo nome Comunhão de Todos os Santos, e o Dia de Fiéis Defuntos são das quadras mais importantes na vida religiosa de um cristão praticante. Todavia, esta festividade não ocorreu sem nenhum percalço na história da Igreja e da Humanidade.

Em Portugal, passou por um processo evolutivo de grandes alterações nos séculos mais recentes da história nacional. O feriado de Todos os Santos já foi banido e restituído mais do que uma vez. A sua origem e importância tem sido alvo de interpretações erróneas pela falta de conhecimento comum da maioria da população. Frequentemente, os costumes do Dia de Todos os Santos são confundidos com os costumes do Dia dos Fiéis Defuntos. Apesar da proximidade temporal entre as datas, não são a mesma coisa.

Desde os primórdios do Cristianismo, o culto dos santos reduzia-se ao dos mártires¹⁵⁷. A veneração dos santos, mais em concreto dos mártires, é um fenómeno eclesiástico enraizado nas escrituras e nas práticas da Igreja da primeira metade do século II. Sem um dia fixo no calendário, as Igrejas ocidentais e orientais realizavam comemorações de propósito dedicadas a estes santos mártires em dias diferentes. A uma certa altura, com o passar dos tempos, o número de santos aumentou e houve a necessidade de se criar um dia de celebração para todos.

Desde o início, a Igreja defendeu vigorosamente e explicitou a motivação por detrás da realização deste culto de veneração aos santos, tal é especialmente marcante durante o período de crescimento do Protestantismo e das objeções deste perante a veneração dos santos. Continuamente enfatizou o exemplo destes homens e mulheres que dedicaram a sua vida derradeiramente à vontade divina como testemunho e exemplo a seguir e imitar na vida de um cristão em plena comunhão com a virtude de Deus.

No início do século IX, a 835 d.C., o papa Gregório IV (pontificado 827-844) fixou no dia 1 de novembro a festa dedicada aos santos, com o objetivo de unificar todas as datas díspares de

¹⁵⁷ (NdA) Alguém que entrega a sua vida fatalmente em favor da crença, de uma fé ou de alguma pessoa.

todas diferentes Igrejas numa só. Após algum tempo foi adotada por todas as Igrejas Católicas Ocidentais.

Já no século XV, o papa Sisto IV (pontificado 1471-1484) elevou esta data a uma das mais importantes e solenes no calendário católico cristão, ao patamar da solenidade das celebrações da Natividade e da Páscoa¹⁵⁸, respetivamente o nascimento e a morte e ressurreição do filho de Deus, Jesus. Outrossim, passou a ser um momento considerado de cariz obrigatório no que diz respeito à presença dos fiéis nas celebrações especiais da Eucaristia. As cerimónias realizadas neste dia são bastante regularizadas, seguindo um molde solene definido.

No dia um de novembro de 1755 aconteceu um dos desastres naturais mais catastróficos da história moderna Europeia. Um massivo terramoto, sucedido por um maremoto e diversos incêndios, destruiu três terços da cidade de Lisboa e vitimou milhares de pessoas e deixou outros mais feridos. Muitas das vítimas encontravam-se dentro das igrejas a celebrar as celebrações do dia de todos os santos.

Devido às proporções catastróficas do desastre natural, milhares de pessoas ficaram desalojadas, muitas das quais com as suas famílias desfeitas, a coabitar na fome e miséria. As crianças, na sua maioria órfãs após o acontecimento, corriam as ruas a bater porta a porta, pedindo o “Pão por Deus” para receber comida.

Desde então, nas regiões do centro sul de Portugal, o costume, no dia um de novembro, das pessoas rumarem porta a porta a pedir o “Pão por Deus” prolongou-se até aos tempos atuais. Na cultura tradicional portuguesa, este costume assemelha-se bastante ao das janeiras, com a únicas distinções sendo a origem e altura do ano, um realiza-se no início de novembro, o outro durante o mês de janeiro.

É importante aludir para um talvez possível paralelismo entre este costume português com um antigo costume medieval realizado nas ilhas bretãs na noite da véspera de Todos os Santos. Por altura da ocasião as pessoas dirigiam-se de porta a porta, a pedir uns bolinhos chamados de bolos das almas¹⁵⁹ pelas almas.

A prática em si tem origens celtas, já que era nesta altura do ano em que o festival celta de *Samhain* decorria. Este festival demarcava o arranque do inverno no calendário lunar e tinha dois objetivos principais: apaziguar os espíritos do outro mundo e pedir abundância nas colheitas futuras. Do mesmo modo do que ocorria durante o Festival *Shangsi* (上巳, *Shàngsì*) na China

¹⁵⁸ ver n°22 da Webgrafia

¹⁵⁹ (Orig.) *Soul cakes*

Antiga, existia o costume de acenderem o “primeiro fogo” e assim celebrarem a renovação da vida.

Os povos celtas acreditavam que durante este período do ano o véu entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos encontrava-se mais enfraquecido, permitindo assim uma comunicação intermúndios. Tratava-se, efetivamente, de um momento onde a comunidade recordava a memória os seus antepassados.

Portugal ainda partilha de alguns vestígios culturais celtas deixados há milénios de anos pela permanência de curta duração de alguns povos celtas na Península Ibérica. Certos elementos culturais, nomeadamente no furor místico e na crença espiritual dos espíritos, permaneceram, em número reduzido, adaptados à realidade cristã. Tudo que não fosse de acordo com o dogma da Igreja era negado e antagonizado como adoração do Diabo e contra Deus.

Todavia, com o passar do tempo, como o que aconteceu com outras das práticas relacionadas com esta data, perdeu o seu simbolismo religioso e na atualmente as pessoas neste dia disfarçam-se e vão porta a porta recolher doces. A véspera passou a ser considerada uma festa secular de Dia das Bruxas.

Até meados da implementação da Primeira República, o Dia de Todos os Santos era considerado feriado, porém, com instauração do novo regime, perdeu o seu estatuto. Parte da razão possivelmente relaciona-se com o esforço do Governo em separar a influência da Igreja das organizações do Estado. Por exemplo, nas escolas deixou de ser obrigatório a presença de um crucifixo na parede de cada sala de aula. Nos tempos atuais, tal singularmente continua a ser observado em colégios privados religiosos. O seu estatuto como feriado no calendário português foi restituído no Estado Novo¹⁶⁰, quando este fez uma reforma dos feriados.

Em 2012, uma crise económica acentuada colocou o país perto da bancarrota. Em prol de um esforço nacional para sair da recessão profunda, o governo viu-se obrigado a um corte dos feriados, civis e religiosos. Este corte não foi considerado como uma medida permanente, tinha um cariz temporário, sendo que estaria unicamente em vigor até 2018.¹⁶¹

Consequentemente, todos os rituais referentes ao Dia de Todos os Santos foram praticados por muitos portugueses no domingo anterior à data. Entretanto, graças aos esforços

¹⁶⁰ (NdA) O Estado Novo foi um período político autoritário direcionado à direita instituído sob a direção de António Salazar, que vigorou entre 1933 a 1974. Este partilhou algumas características com os estados fascistas que na altura vigoravam na Itália e na Alemanha, porém mais alicerçado num ideal de “retorno às origens”. Ou seja, este tinha como sua ideologia muito conservadora, apoiada nos princípios tradicionais de Deus, da Pátria, da Autoridade, da Hierarquia, etc.

¹⁶¹ ver nº25 da Webgrafia

coletivos do Governo e da população, em 2016 todos os feriados cortados foram repostos, dois anos mais cedo do que anteriormente previsto.¹⁶²

Identicamente ao que é possível visualizar-se na China durante o *Qingming* (清明节, *Qīngmíng jié*), no Dia de Todos os Santos as pessoas deslocam-se até ao cemitério para visitar a campa dos seus entes queridos e amigos já defuntos. Tradicionalmente, este dia solene é passado em oração. As famílias no fim de semana anterior ao feriado têm por hábito limpar as pedras sepulcrais, tirando-lhes as marcas da sujidade, e de colocar sobre o ataúde as suas oferendas de flores e círios.

3.1.1. Dia de Fiéis defuntos ou de Finados

A história do Dia de Todos os Santos e do Dia de Fiéis Defuntos, estiveram interligados desde o início. Apesar de terem costumes congéneres, quase idênticos, é de cariz erróneo considerá-los a mesma festividade. Um apresenta-se direcionado para relembrar e celebrar todos os santos e mártires do cânone da igreja cristã, enquanto que o outro se encontra reservado para relembrar, prestar homenagem e carinho a todos os que faleceram desde os inícios dos tempos até agora.

No Dia de Fiéis Defuntos os cristãos têm o costume antigo de rezar em conjunto por todos mortos com a intenção de que ninguém esteja desamparado após a morte. As origens concretas desta data são desconhecidas.

Já na altura da Igreja primitiva, existia o costume de rezar pelos mortos, porém, não era visto com o mesmo nível de importância facultada às orações pelos mártires. Ao fim de vários séculos, os líderes da Igreja chegaram à conclusão de que os defuntos tinham necessidade de orações na sua nova existência na eternidade.

Em particular durante a Idade Média, surgiu um termo novo dentro da estrutura religiosa da vida após a morte, um meio termo para aqueles que ainda não tinham sido julgados, o Purgatório.¹⁶³

Os finados encontravam-se no Purgatório, no intermédio entre o Céu e a Terra, a aguardar julgamento pelos seus pecados. As preces dos vivos começaram a ser vistas como auxiliares

¹⁶² ver nº26 da Webgrafia

¹⁶³ “O Purgatório é o estado e lugar intermediário onde as almas dos que morrem em pecado não mortal se arrependem e se purificam, antes de serem admitidas ao paraíso” (Fibrano, 2011:125).

na travessia perigosa da alma no Além. Estas eram proferidas com o intuito de ajudar as almas vulneráveis de serem arrebatadas pelos demónios caso não tivessem as orações dos devotos.

Na Idade Média, os monges da Ordem de Cluny¹⁶⁴ começaram a dedicar orações e celebrações aos defuntos como acontecia já com os santos e mártires da Igreja. À medida que décadas avançavam, também se observou a necessidade da existência de uma data fixa para tal. Uma data com cerimónias específicas foi implementada no século IX, quando o quinto Abade de Cluny (994-1049), santo Odílio de Cluny, declarou que em Cluny e nos seus mosteiros, o dia dois de novembro fosse dia de Fiéis Defuntos.¹⁶⁵

Na sua fase inicial, a data era meramente reconhecida nas regiões circundantes do mosteiro de Cluny, mas, pouco a pouco, foi-se espalhando com a integração de mais mosteiros ao movimento reformista da Igreja medieval liderado por Cluny. Nos séculos XIII e XIV já era possível identificar-se um pouco por toda a parte do território que compunha a esfera de influência da Igreja Católica.

Em grande medida, a propagação dos rituais pertencentes ao Dia de Fiéis Defuntos pode ser considerada como uma consequência da Reforma Cluniense durante a Idade Média. É imprudente acreditar que um movimento religioso com milénios de anos tenha só assistido a um punhado de momentos singulares de reforma desde a sua inepção. Na realidade, foram vários os períodos de reforma que indubitavelmente influenciaram a longevidade da Igreja e a mutação e diferenciação de práticas e costumes religiosos entre a Igreja Ocidental e a Igreja Oriental.

Até à Reforma Romana levada a cabo pelo Papa Pio X (pontificado 1903-1914)¹⁶⁶, o Ofício¹⁶⁷ dos Defuntos¹⁶⁸ juntara-se à Oitava¹⁶⁹ de Todos os Santos. Desde 1913, foi provido de ofício especial. Todavia, muita gente liga ambos os dias, de Todos os Santos e dos Fiéis Defuntos, num só, sendo costume visitar os cemitérios. Como já foi dito, hodiernamente, a população geralmente

¹⁶⁴ (NdA) Uma ordem religiosa monástica católica originada no seio da Ordem de São Bento O mosteiro beneditino da Ordem de Cluny localiza-se, como o nome indica, em Cluny, perto de Mácon, no sul da Borgonha, França. Na altura da sua fundação em 910 o duque Guilherme de Aquitânia concedeu uma carta que outorgava aos monges, colocando-os sob a proteção especial do papado, o direito de controlar as suas terras e rendimentos. Ou seja, estes estavam protegidos de qualquer intervenção laica ou eclesiástica exterior da de Roma. Em 931, o papa João XI concedeu o direito de controlar todos os mosteiros que se quisesse juntar-se ao movimento de reforma. No seu auge mais de mil mosteiros estiveram associados à Reforma Cluniense (Bickers, 2006).

¹⁶⁵ ver n°40 da Bibliografia

¹⁶⁶ (NdA) O papa Pio IX durante o seu pontificado levou a cabo um conjunto de reformas profundas de modernização e renovação da Igreja. Para uma época em que as doutrinas tradicionais incompatibilizavam-se com as novas ideias do liberalismo, modernismo e todas a suas derivações políticas, alterações profundas a nível administrativo, de reforço da autoridade moral e espiritual dos pontífices foi uma necessidade.

¹⁶⁷ (NdA) Ofício é oração religiosa.

¹⁶⁸ (NdA) O Ofício de Defuntos é um dos ofícios fúnebres e integra-se na Liturgia das Horas ou Ofício Divino (missa). Está dividido em quatro partes: o Ofício de Leitura; Laudes; Hora Intermédia; Vésperas.

¹⁶⁹ (NdA) De acordo com Secretariado Nacional da Liturgia, a Oitava refere-se à semana que se segue às celebrações importantes, prolongando assim a sua celebração. Atualmente, no calendário renovado cristão só existem duas oitavas, a Oitava de Páscoa e a Oitava de Natal.

usufrui do um de novembro ou do domingo seguinte para prestar os devidos respeitos aos falecidos, porém, o dia dois de novembro é a data oficial para prática dos costumes fúnebres.

Apesar da sua importância relevante na cãnone cristã católica, o dia dois de novembro não goza do mesmo estatuto de feriado como o dia um de novembro. Atualmente o Dia de Todos os Santos é considerado um dia sagrado de obrigações, enquanto que o Dia dos Fiéis Defuntos não o é. Conseqüentemente, este último é frequentemente ignorado nos tempos de hoje em prol da disponibilidade e conveniência do feriado nacional. Devido à grande similaridade de práticas realizadas em ambos os dias, são inúmeros os que escolhem o Dia de Todos os Santos como ocasião apropriada para homenagear os seus entes queridos já falecidos. Atualmente, não são muitos os que reconhecem o seu real estatuto no calendário religioso.

Tradicionalmente, tanto o dia um de novembro como o dois de novembro são dias de profunda oração solene oração. Este período é considerado de grande relevância a participação dos fiéis nas cerimónias eucarísticas. Até à Primeira Guerra Mundial (1914-1918), os clérigos autorizados pela Igreja a presidir estas celebrações importantes eram poucos. No entanto, com os efeitos devastadores da guerra e o número elevado de casualidades, o Papa autorizou a que estas fossem presididas por todos os eclesiásticos.

A prática de sufrágios em nome dos santos e das almas pelos fiéis é tida como fundamental. Os cristãos creem que as suas orações são ferramentas impulsionadoras para auxiliar a sua alma imortal a não permanecer presa no pecado original e por conseqüente, evitar as garras do Inferno após a morte. Portanto, existe um conjunto pormenorizado de salmos e orações a utilizar neste período. Uma das mais reconhecidas e utilizadas nas celebrações solenes do Batismo, Páscoa, Dia de Todos os Santos e funeral é a Ladainha dos Santos¹⁷⁰, uma prece extensa onde são invocados vários santos e pedido que estes roguem pelas pessoas.

As orações tinham como propósito, auxiliar as almas que se encontravam no Purgatório alcançar o descanso eterno no Paraíso. O Inferno na religião cristã é visto como um lugar do imaginário coletivo, onde o tormento sem escapatória do sofrimento absoluto é uma realidade a temer. Durante muito tempo foi considerado lugar de castigo para todos aqueles que não seguissem o percurso considerado correto cristão, como por exemplo para os ateus, libertinos, etc. Só após o Concílio Vaticano II passou a ver vislumbrado como um local onde o condenado estava definitivamente separado de Deus (Fibrano, 2011).¹⁷¹

¹⁷⁰ ver Anexo 3

¹⁷¹ ver nº18 da Bibliografia

É importante mencionar que não existe nenhuma referência bíblica de nenhum destes dois dias solenes, sendo que são invenções da Igreja ao longo dos tempos. Ironicamente, certas passagens até recomendam o oposto, evitar rituais que colocassem os vivos em contacto com os mortos.

3.1.2. Oferendas

Na tradição portuguesa relativa ao papel das oferendas fúnebres, devido à sua grande vertente influenciada pelo cristianismo, a principal oferta dada é a oração. Como em todas as religiões, a oração serve como mecanismo figurativo de ponte direta para com as divindades. Para além das orações, os portugueses oferecem ramos de flores e velas aos santos e aos seus defuntos. Salvo do seu papel pragmático na omissão de maus odores expelidos pelo defunto após a sua morte, as flores desempenham um trabalho símbolo e de metáfora.

As flores sempre tiveram estatuto elevado no foro religioso e cultural das sociedades. Na religião, as flores participam intensamente na representação concreta dos conceitos abstratos da fé, uma vez que em cada doutrina existe um conjunto específico de flores associadas. Muitas flores e especiarias na religião cristã estão associadas a episódios bíblicos e são consagradas a Deus, ao culto Mariano¹⁷² ou a alguma virtude celebrada na religião cristã. Por exemplo, como acontece com o lírio branco, este encontra-se muitas vezes associado à imagem de pureza e, assim sendo, associado ao culto da Virgem Maria, mãe de Jesus, na decoração e representação iconográfica.

Tendo isto em mente, para além do seu carácter prático nos rituais fúnebres nas questões relativas à purificação do ar dos odores da morte, a sua oferta em funerais, nas datas importantes e nas visitas ocasionais das pessoas são consideradas importantes. Os arranjos elaborados florais são uma mensagem não verbal ou escrita do sentimento dos vivos para com os defuntos.

No início de novembro, nos dias de Todos os Santos e de Todos os Fiéis Defuntos, é bastante comum observar-se as famílias portuguesas a transportarem consigo até às campas e/ou jazigos dos seus familiares e amigos já falecidos, um buquê e/ou coroas de flores. Estas são das mais diversas qualidades e tonalidades, sendo que, através do seu simbolismo, prestam homenagem aos mortos, simbolizando a sua relação afetiva, como também são representações físicas da perda e luto dos vivos.

¹⁷² (NdA) Culto da Nossa senhora Virgem Maria, Mãe de Jesus

Outra oferenda recorrente são velas de cera conhecidas como círios. Este género de velas encontrasse um pouco por todas as esferas religiosas do mundo, pois simbolizam a luz (Chevalier & Gheerbrant, 1997).¹⁷³ Crê-se que seja uma representação da ligação entre o mundo espiritual e o mundo concreto mortal dos vivos, pois:

O simbolismo da vela está ligado ao da chama. *Na chama duma vela todas as forças da natureza estão activas*, dizia Novalis. A cera, a mecha, o fogo, o ar que se unem na chama ardente, móvel e colorida são em si uma síntese de todos os elementos da natureza. (...) Igualmente, as velas que ardem perto do defunto os círios acesos simbolizam a luz da alma na sua força ascensional, a pureza da chama espiritual que sobe para o céu, a perenidade da vida pessoal chegada ao seu zénite (Chevalier & Gheerbrant, 1997: 678-679).¹⁷⁴

No caso do Cristianismo, existe uma panóplia de velas a utilizar em contextos diferentes, e cada uma desempenha distintos papéis simbólicos importantes. Estas diferem desde as velas típicas para alumiar as celebrações eucarísticas, as velas do Batismo, os círios usados nos cemitérios, o círio pascal, etc.

Ao longo da história da Igreja as velas, principalmente os círios, foram alvo de várias medidas reguladoras apertadas em relação à sua utilização. Curiosamente, algumas dessas medidas contradizem a prática na sua atualidade. Um exemplo de tal é possível de ser encontrado no Concílio de Elvira ou *Eliberi* (Granada), realizado no início do século IV, onde no ponto 34 fazem advertência de “que não se acendam círios no cemitério” durante o dia, sob pena de excomunhão, pois pode ser incomodativo para os espíritos dos falecidos.¹⁷⁵

Num ponto de vista mais pragmático, esta medida tinha como propósito evitar que as pessoas utilizassem os espaços sagrados para outros propósitos considerados menos dignos, como os relacionados com práticas religiosas pagãs ou com bruxaria.

Os círios cemiteriais têm a aparência comum de uma vela branca ou amarela dentro de um copo, usualmente vermelho ou transparente. Apesar do vermelho ser a tonalidade mais frequentemente escolhida pela população portuguesa, existe uma variedade de tonalidades desde o azul, branco, passando pelo amarelo, verde, e até mesmo cor de rosa.

Ademais, é possível encontrar círios com gravuras de Santos e/ou da Virgem Maria acompanhadas por uma pequena oração. Estes também podem ou não possuir uma tampa metálica com orifícios redondos no topo que protege a chama de distúrbios provocados pelo vento

¹⁷³ ver nº10 da Bibliografia

¹⁷⁴ ver nº10 da Bibliografia

¹⁷⁵ “34º - *Que se não acendam círios no cemitério. Durante o dia não se devem estar acesas no cemitério velas de cera, porque se não devem inquietar os espíritos dos santos. O que não observar este preceito seja privado da Comunhão da Igreja.*” (De Almeida, 1971:14-15)

ou pela precipitação. O círio predileto somente depende da escolha pessoal e da disponibilidade económica de cada um.

Na atualidade, já é possível encontrar-se alternativas mais ecológicas a pilhas ou a energia solar dos círios tradicionais. O simbolismo da chama acesa permanece sem as desvantagens do fogo real. Motivos do foro económico podem ter sido uma das causas por detrás do aparecimento desta variante de círios. A curto prazo um círio tradicional é um pouco mais barato do que o seu correspondente a pilhas ou a energia solar. Todavia, a longo prazo, o montante das despesas é capaz de ser superior ao investimento inicial das opções consideradas mais verdes. Outra razão a favor é a sua longevidade sem interferência humana. Numa época em que, nas áreas urbanas, as pessoas visitam com cada vez menos frequência as campas dos seus entes queridos, ou por motivos de incompatibilidade de horários ou (possivelmente) por desinteresse, uma opção mais duradoura de círio é vista como uma mais-valia.

Similarmente, é necessário pensar na vertente ambientalista do impacto dos círios no planeta. Atualmente existem estudos que comprovam os dos impactos negativos causados pelo costume fúnebre dos círios ao longo de séculos de uso no ambiente de uma determinada região.

3.2. O Festival Qingming

O Festival *Qingming* (清明节, *Qīngmíng jié*), cuja tradução literal em português é “Festival do Grande Brilho”, é um dos feriados mais importantes do calendário chinês. Este decorre a 105 ou 106 dias depois do Solstício de inverno e quinze dias depois do equinócio da primavera, na quinta divisão solar (节气, *jiéqì*).¹⁷⁶ Normalmente, celebra-se no início da terceira lua, podendo, por vezes, celebrar-se no fim da segunda lua. No calendário gregoriano, este Festival realiza-se no início do mês de abril.

É largamente considerado como uma época de oferendas muito importante. Nesta data, as famílias chinesas têm o hábito de regressarem às suas terras natais para procederem à limpeza dos túmulos dos seus antepassados e os homenagearem, através de oferendas de papel, comida, etc. Para além disso, nesta altura, as pessoas não devem confeccionar a refeição utilizando fogo, devendo, por conseguinte, servir comida fria.

¹⁷⁶ (NdA) O calendário chinês, conhecido como “Calendário Agrícola” (农历, *nónglì*) é um calendário lunissolar, ou seja, é um calendário baseado nas fases da lua e nos movimentos do sol. Os meses são lunares, mas o ano é solar. Em combinação com os meses lunares existem divisões solares (节气, *jiéqì*). Cada estação do calendário chinês tem seis divisões solares e cada uma destas corresponde a quinze dias.

Originalmente, este Festival era apenas associado a conceitos de movimento e da renovação da vida durante a primavera, pois esta altura do ano coincide com o início da estação. No entanto, com o passar do tempo, o seu significado interligou-se com o conceito de veneração dos antepassados e com o costume de limpeza dos túmulos e a realização de sacrifícios aos deuses. Em comparação com os feriados portugueses, o Festival *Qingming*, na sua componente mais fúnebre, assemelha-se ao Dia dos Finados e ao Dia de Todos os Santos.

Para além da limpeza dos túmulos e das oferendas aos antepassados e divindades, os chineses aproveitam o *Qingming* para realizarem excursões pela natureza para assim apreciar o verde da primavera e o início de um novo ano, o *Taqing* (踏青, *tàqīng*). É um hábito já bastante antigo. Este feriado era uma das poucas ocasiões em que as famílias deixavam as jovens raparigas saírem de casa sem supervisão apertada e em que muitos jovens aproveitavam para cortejar as futuras parceiras. Nos tempos atuais, é a ocasião adequada para quem vive na cidade de sair da sua rotina e dar um passeio pelo campo:

Este passeio designa-se por *chunyou* (春游, *chūnyóu*), que quer dizer «passeio pela verdura», ou *taqing* (踏青, *tàqīng*), “pisar verdura”. Antigamente, nesta altura, as mulheres e crianças lançavam papagaios de papel e deixavam o vento levá-los para o céu, seguindo a crença popular de que ao largar o fio do papagaio se estava a deitar fora doenças e maleitas (Lam, 2013:59).¹⁷⁷

Por outras palavras, o *Qingming* é tanto uma celebração da vida terrena como também da vida após a morte, na qual todos os membros da família (vivos e mortos) dão as boas-vindas a uma nova primavera. Este Festival serviu igualmente para integrar, ainda que de forma gradual, os costumes do Festival *Shangsi* (上巳, *shàngsì*), também conhecido por o “Terceiro Dia do Terceiro Mês” (三月三, *sān yuè sān*), os do Festival de Comida Fria (寒食节, *Hánshí jié*) e as oferendas de primavera.

De acordo com Brendon e Mitrophanow no seu livro *The Moon Year* de 1982, existem provas de que o *Qingming* possa ter como sua origem o antigo Festival da Primavera, principalmente por causa da correlação encontrada com o nome alternativo deste Festival- *Zhi Shu Jie* (植树节, *Zhishù jié*). Este último corresponde ao atual Dia da Árvore. Eles fundamentam esta afirmação através do argumento de que este costume é uma prática antiga chinesa, onde o Imperador ou príncipe plantava uma árvore no palácio neste dia. Acrescentam também que este costume foi reavivado pelos estudantes universitários chineses que estavam no estrangeiro nos

¹⁷⁷ ver n°34 da Bibliografia

finais do século XIX - início do século XX e posteriormente adaptado para a sua versão atual do Dia da Árvore.¹⁷⁸

No entanto, é relevante salientar que, apesar da incorporação dos costumes e de parte da sua simbologia, os outros Festivais são entidades separadas e continuam a ser celebrados por algumas comunidades rurais. Para podermos compreender o *Qingming*, é essencial também compreender a origem por detrás destes festivais e a sua evolução até aos dias de hoje.

3.2.1. O Festival Shangsi

O Festival *Shangsi* (上巳, *Shàngsǐ*), também conhecido como “Terceiro Dia do Terceiro Mês” (三月三, *sān yuè sān*), é um Festival que se realiza no terceiro dia do terceiro mês lunar. Como o calendário chinês é mais fluido do que o gregoriano, à semelhança da Páscoa, o dia em que se celebra muda de ano para ano, podendo realizar-se no início ou em meados do mês de abril. Atualmente, ainda existem algumas comunidades rurais que praticam alguns dos seus costumes. Certos lugares aproveitam esta altura para realizar as cerimónias de adoração aos antepassados.

O nome desta festividade refere-se ao facto do terceiro dia do terceiro mês ser o primeiro dia si (巳, *sì*)¹⁷⁹ desse mês.¹⁸⁰ A sua origem encontra-se associada ao Taoísmo (道教, *Dàojiào*)¹⁸¹, pois as várias lendas que explicam o seu surgimento fazem parte do universo mitológico taoista.

É uma celebração com origens muito antigas e mitológicas.

Os registos mais antigos que mencionam esta festividade precedem a Dinastia Qin (秦朝, *Qín Cháo*, 221-206 a.C.). Neste dia, o estado de Zheng (郑国, *Zhèng Guó*)¹⁸² tinha como costume neste dia realizar sacrifícios em honra da deusa do casamento e da fertilidade, *Nüwa* (女娲, *Nǚ wā*).

¹⁷⁸ ver nº7 da Bibliografia

¹⁷⁹ (NdA) O carater si (巳, *sì*) é um dos doze ramos da Terra (地支, *dìzhǐ*), sendo o sexto antes do chen (辰, *chén*) e do wu (午, *wǔ*). No calendário tradicional corresponde também ao quarto mês lunar (四月, *sì yuè*), considerada a Lua dos Fantasmas. Este carater assemelha-se foneticamente com o carater para o número quatro (四, *sì*).

¹⁸⁰ (NdA) Em algumas referências literárias antigas, os dias também se apresentam relacionados com os doze ramos da Terra. O identificativo aparenta ter um propósito de orientação temporal para o leitor/ouvinte no contexto do calendário tradicional.

¹⁸¹ (NdA) O Taoísmo (道教, *Dàojiào*) foi desenvolvido por Laozi (老子, *Lǎozǐ*) e complementado por Zhuangzi (庄子, *Zhuāngzǐ*). Um dos pontos principais defende a importância de guiar a própria vida. O homem é visto não como o centro do universo. Este deveria viver uma vida natural em concordância com o Caminho (道, *dào*). A ordem natural das coisas (自然, *zìrán*) é de alta importância. O misticismo e o quietismo são dois conceitos muito associados com o Taoísmo.

¹⁸² (NdA) O estado de Zheng (806–375 a.C.) era um dos estados vassallos da Dinastia Zhou, localizava-se no centro da China Antiga, na atual província de Henan.

Durante o Festival, as pessoas saíam das suas casas e dirigiam-se para as margens dos rios pedir pelo retorno dos espíritos dos seus entes queridos. Porém, era considerado mau presságio os espíritos e fantasmas regressarem à terra dos vivos. Por isso, as pessoas do estado de Zheng consideravam o março lunar azarento e banhavam-se para afastar os espíritos malignos e as doenças. Eventualmente, a prática de evocar familiares evoluiu para um ritual de banhar-se na água para se livrar da má sorte e da doença, bem como para agradecerem aos deuses por promessas que tivessem feito.

Durante as Dinastias Qin e Han (汉朝, *Hàn Cháo*, 206 a.C.-8 d.C.), esta prática persistiu, mas, com o crescente problema da infertilidade, desenvolveu um caráter mais sexual. Os jovens deslocavam-se para a beira rio com o intuito de se envolverem sexualmente. O costume de participar numa excursão como forma de entretenimento terá tido aqui o seu nascimento. Esta era a altura perfeita para as pessoas se divertirem, lerem poesia e beberem à beira rio enquanto tomavam banho para afastar os maus agouros.

De acordo com o livro *Chinese Festival Culture Series-The Tomb-Sweeping Day* de Li Song, publicado em 2015, este defende que alguns historiadores acreditam que este Festival possa ter sido baseado nos contos populares dos reinos de Wei e Jin. Um exemplo desses contos, referido por Li no seu livro *The Tomb-Sweeping Day* de 2015, é contado por Zhou Chu (周处, *Zhōu Chū*) da Dinastia Jin, no seu livro, *Livro das Condições Naturais e Costumes Sociais* (风土记, *Fēngtǔ jì*):

No final da Dinastia Han, três mulheres deixaram o Estado de Yu nos dias Chen (辰, *chén*), Si (巳, *sì*) e Wu (午, *wǔ*) do terceiro mês lunar respetivamente. (...) Infelizmente, todas faleceram durante o parto. Por isso, agora é considerado um grande tabu qualquer mulher não estar em casa e ir para o rio banhar-se para afastar os males (Zhou apud Li, 2015:9-10).¹⁸³

Com o tempo começaram a surgir contos a aconselhar os jovens a abandonar estes costumes, pois podiam trazer infortúnio e morte para a família e morte. Numa pequena reflexão sobre o surgimento de contos preventivos nesta época, é possível discernir-se a crescente influência do Confucionismo (儒教, *Rújiào*)¹⁸⁴ na sociedade chinesa. A estrutura hierarquizada

¹⁸³ (Orig.) “汉末离开虞者有三女，一以三月上辰，一以上巳，一以上午，三日三女乳时并亡。迄今时俗以为大忌，故至是月是日，妇人忌讳不复止家，皆送东流水上就通远地，祈祓自洁濯。”

¹⁸⁴ (NdA) Baseado em parte da tradição ritual, Confucionismo foi desenvolvido por Confúcio, que considerava a seguintes virtudes com alta relevância: a piedade filial (孝, *xiào*), benevolência (仁, *rén*); o ritual (礼, *lǐ*); a justiça (义, *yì*); a sabedoria (智, *zhì*); etc. Este esperava ajudar na resolução do colapso da ordem feudal através do melhoramento moral da sociedade e através do comportamento ritual correto. A partir da Dinastia Han foi considerada como ideologia base estatal. Apesar de períodos atribulados sentidos nas Dinastias seguintes, a sua presença na sociedade não se desvaneceu, e durante a Dinastia Ming recebeu um novo fervor com o aparecimento do Neo Confucionismo.

confucionista dentro da própria família e os papéis detalhadamente definidos de ambos os gêneros entram em conflito com as ideias de tempos anteriores. A posição da mulher na sociedade confucionista é inferior à do homem. O seu papel estava interligado ao da casa e à família. Os comportamentos de cariz sexual de outrora deste Festival de outrora eram considerados um atentado aos valores conservadores da sociedade confucionista. De uma certa forma, os costumes antigos permitiam o mesmo grau de liberdade sexual a ambos os gêneros.

Posteriormente, o Festival *Shangsi* começou a misturar-se com o Festival da Comida Fria e o *Qingming*. As pessoas deixaram de o celebrar, mas algumas das atividades características deste Festival perduraram e continuam a ser praticadas. Por exemplo, o Jogo dos Copos Flutuantes (曲水流觴, *qū shuǐ liúshāng*)¹⁸⁵, os passeios primaveris e os banhos para remover a sujidade.

Na Dinastia Qing (清朝, *Qīng Cháo*, 1644-1912), ainda existia o hábito de ir passear no terceiro dia do terceiro mês. Todavia, não era o único costume característico deste Festival, pois durante esta dinastia, no terceiro de março, muitas celebrações e costumes diferentes eram praticados simultaneamente. Por exemplo, ir dar um passeio, usar uma bolsa-de-pastor (茅菜花, *jiécài huā*) na cabeça, enfeitar os portões com ramos de salgueiro, afugentar os insetos e praticar sacrifícios para os deuses e espíritos.¹⁸⁶

3.2.2. Limpeza dos túmulos

Apesar dos costumes da limpeza dos túmulos e de homenagem de os antepassados serem considerados partes intrínsecas do Festival *Qingming*, a sua realização nem sempre teve uma data específica.

A prática dos sacrifícios dedicados aos deuses e antepassados começou cedo na história da China. Os registos mais antigos da limpeza dos túmulos encontrados datam da Dinastia Zhou Ocidental (西周, *Xī Zhōu*, 1122 - 771 a.C.), com algumas referências à sua prática em túmulos de indivíduos de estatuto elevado. Durante na Zhou Oriental (东周, *Dōng Zhōu*, 770- 256 a.C.) tornou-se num costume praticado por toda a população. Os antepassados alcançaram um estatuto de relevância como agentes de interpelação. Após falecerem, estes tornavam-se em seres divinos

¹⁸⁵ (NdA) É um jogo a realizado pelos letrados da alta sociedade durante algumas das suas festas ao pé da água, onde estes tinham de compor um poema num tempo limite estipulado pela passagem de um copo de vinho a flutuar na sua direção. Este jogo era muito popular na corte chinesa como também na japonesa.

¹⁸⁶ ver n°52 da Bibliografia

e podiam servir de porta vozes dos seus descendentes para com os deuses, auxiliando-lhos assim nos seus conflitos terrenos.

No *Livro de Ritos* (礼记, *Lǐjì*)¹⁸⁷ também existe a menção da prática de rituais fúnebres num diálogo na segunda parte do capítulo Tan Gong (檀弓下, *Tán Gōng xià*)¹⁸⁸, onde este fala da prática de abrir o túmulo e de chorar (Confúcio *apud* Han & Guo, 1987).¹⁸⁹ Confira-se:

Desde o tempo da Zhou Ocidental, foi atribuída grande importância ao funeral, a arranjos fúnebres consoante os membros da família, e a mestres fúnebre responsáveis pelos túmulos do Rei, rainha, aristocracia, eruditos e do povo comum. No Ritos de Zhou, capítulo do departamento da Primavera, no subtópico sobre a família relata: “a campa é sagrada por causa do cadáver”. Assim sendo, o corpo do defunto é uma divindade. Já na Zhou Ocidental existiam costumes fúnebres. Num diálogo entre Yan Yuan e Zǐ Lu no capítulo Tangong do Livro dos Ritos, são mencionados “pranto no túmulo”, “exibição do túmulo” e “Shi” tumular. Os dois primeiros fazem parte da limpeza dos túmulos. O “shi” é a barra horizontal de apoio numa quadriga. Neste caso, é o pórtico tumular até ao túmulo. Este também faz parte dos limites da limpeza dos túmulos (Han & Guo, 1987:145).¹⁹⁰

Durante período correspondente às Dinastias Qin (秦朝, *Qín Cháo*, 221- 206 a.C.) e Han (汉朝, *Hàn Cháo*, 206 a.C.- 8 d.C.), as regras de etiqueta, nomeadamente aquelas que se versavam sobre como se deviam realizar os rituais e sacrifícios, foram introduzidas a toda a sociedade, à semelhança do que acontecia nos túmulos imperiais.

O Imperador Guanwu (汉光武帝, *Hàn Guāng Wǔdì*) da Dinastia Han Oriental (西汉, *Xī Hàn*, 25-220) promoveu a prática dos rituais para homenagear os antepassados como demonstração de piedade filial (孝, *xiào*), componente fundamentalmente presente na estrutura confucionista. Os antepassados eram seres importantes e, sendo venerados, poderiam ajudar os seus familiares com determinados problemas.

À medida que estes costumes se popularizavam, as pessoas começaram a considerar os túmulos como lugar de importância. No livro *Disquisições* (论衡, *Lùnhéng*)¹⁹¹, numa secção onde dialoga sobre os quatro grandes tabus¹⁹², uma das punições aplicáveis aos criminosos era a

¹⁸⁷ (NdA) O *Livro dos Ritos* (礼记, *Lǐjì*) é um dos cinco textos clássicos chineses (五经, *Wǔjīng*), juntamente com o *Livro das Alterações* (易经, *Yìjīng*), o *Livro dos Documentos* (书经, *Shūjīng*), o *Clássico da Poesia* (诗经, *Shījīng*) e os *Anais da Primavera e Outono* (春秋, *Chūnqiū*). Tradicionalmente esta compilação é atribuída a Confúcio e faz parte do cânon confucionista.

¹⁸⁸ (NdA) O capítulo Tan Gong (parte I e parte II) faz parte do Livro dos Ritos e encontra-se entre o primeiro capítulo, “Sumário das leis de propriedade” e o terceiro “As regulações reais”. Este tem o nome de uma pessoa, sendo que existem especulações de que talvez seja o nome do porteiro da escola de Confúcio. É um dos capítulos do *Livro de Ritos* relacionados com a morte.

¹⁸⁹ Ver nº25 da Bibliografia

¹⁹⁰ (Orig.) “早在西周时对墓葬就十分重视, 设家人、墓大夫分别掌管王、侯、卿大夫、士的公墓和庶民的邦墓。《周礼 ● 春官 ● 家人》记载: “凡祭墓, 为尸。” “尸” 就是神主。可见早在西周时已有祭墓之俗。而《礼记 ● 檀弓下》记载颜渊与子路的对话中, 曾提及 “哭墓”、“展墓”、“式墓”, 前两主就是扫墓, 而 “式” 即 “轼”, 轼墓就是凭藉车前横木向坟行记, 也属于扫墓的范围。”

¹⁹¹ (NdA) Escrito por Wang Chong (王充, *Wángchōng*) e publicado o ano 80 d.C.

¹⁹² (NdA) 1º. Não expandir a casa para oeste: Na crença tradicional da orientação da habitação, a direção este era associada com os elementos mais novos da família, enquanto que o oeste era associado com os mais velhos. Ou seja, acreditava-se que uma expansão

proibição de que estes não pudessem visitar os túmulos e prestar sacrifícios aos seus antepassados (Cf. Han & Guo, 1987).¹⁹³

Acreditava-se que o corpo da pessoa era um presente dos seus pais e este deveria ser protegido e permanecer intacto. A partir do momento que tivesse alguma marca corporal que comprometesse a integridade do seu corpo, como aquelas criadas com castigos à base de trabalhos forçados ou com tatuagens, este indivíduo deixava de ser digno de continuar o seu dever filial de oferecer sacrifícios aos antepassados. Consequentemente, era visto como uma desonra familiar.

Durante a Idade Média chinesa (220-589)¹⁹⁴, a sociedade encontrava-se num período conturbado de instabilidade social, repleto de confrontos violentos e senhores da guerra. Mesmo no meio desta instabilidade, as pessoas não dispensaram de cuidar dos túmulos dos seus antepassados. Frequentemente, oficiais destacados em outras zonas do território pediam que lhes fosse permitido, uma vez por ano, regressar à sua terra natal para prestarem respeito aos seus antepassados. Estas viagens, devido à distância, podiam estender-se por cem dias.

Na Dinastia Tang (唐朝, *Táng Cháo*, 618-907), este costume também se tornou popular com a população em geral, sendo que a data do Festival da Comida Fria tornou-se gradualmente na melhor altura para a realização destas práticas. Por decreto imperial, esta tornou-se oficialmente na data para tal e, então, o Festival *Qingming* passou a realizar-se no dia a seguir ao da Comida Fria. Relativamente à limpeza dos túmulos, estes festivais tornaram-se num só.

3.2.3. O Festival da Comida Fria

O Festival da Comida Fria (寒食节, *Hánshí jié*) é um Festival onde as pessoas ingerem como o nome indica, comida fria. Nesta data, durante o dia inteiro, era proibido acender o fogo. Antigamente, existia o ritual de se acender um novo fogo uma vez por ano, sendo o dia deste Festival coincidente com o dia de pausa entre o fogo velho e o fogo novo. Os autores Brendon e

nessa direção chamava a morte para aquela casa; 2º- Aqueles que foram castigados com trabalho duro, como criminosos, estavam proibidos de visitar a campa dos seus antepassados e de lhes prestar sacrifícios; 3º- Não entrar em contacto com as mães após o parto nem com os seus filhos recém nascidos: Acreditavam-se que durante o primeiro mês após o parto ambos estavam muito vulneráveis aos espíritos e doenças, por isso era mau presságio entrar em contacto durante esta altura; 4º- Não criar as crianças nascidas no primeiro ou no quinto mês lunar: existia a crença de que as crianças nascidas nestes dois meses tinham maior predisposição para assassinar os seus progenitores.

¹⁹³ (Orig.) “由于汉代人把祭扫祖先坟墓看得很郑重，所以王充《论衡》四讳》记载有因犯罪判刑者，不可上坟墓祭扫的记俗。” (Han & Guo, 1987: 146)

¹⁹⁴ (NdA) O período Wei-Jin Norte-Sul (魏晋南北朝, *Wèi Jīn Nán-Běi Cháo*) é um dos períodos mais conturbados e célebres da história da China Antiga, composto pelo período dos Três Reinos (三国, *Sān Guó*, 220-256), da Dinastia Jin Ocidental (西晋, *Xī Jīn*, 265-316) e das Dinastias do Sul e do Norte (南北朝, *Nán-Běi Cháo*, 316-589). É considerado por diversos historiadores como sendo a “Idade Média” chinesa.

Mitrophanow, no seu livro *The Moon Year*⁹⁵acreditam que, possivelmente, a sua origem seja uma relíquia dos rituais solenes do culto do sol realizados pelos antigos povos tribais, onde nesta instância marcava o intervalo entre a extinção do fogo velho e o acender do novo.

Igualmente, apontam que “o ritual persistiu até à Dinastia Tang durante a qual uma série de regras de etiqueta com grande significado simbólico foram incorporadas. A cerimónia imperial era praticada por crianças filhas de aristocratas num espaço aberto no palácio imperial. Elas esfregavam dois paus de salgueiro-chorão um no outro e quem conseguisse ser a primeira a atear fogos aos paus recebia um copo de ouro e três pedaços de seda como recompensa. Esta prática cerimonial desapareceu durante a Dinastia Yuan (元朝, *Yuán Cháo*, 1258-1367) com a ocupação mongol.”¹⁹⁶

Como o significado destes costumes se perdeu com a ocupação mongol, surgiram novos mitos para explicarem a sua origem. O Festival da Comida Fria é atualmente associado à lenda de Jie Zitui (介子推, *Jiè Zǐtuī*) e do Duque de Wen (晋文公, *Jin Wéngōng*) do reino de Jin (晋国, *Jin Guó*).

No período da Primavera e Outono (春秋时代, *Chūnqiū Shídài*, 771-476 a.C.), o Duque Xian (晋献公, *Jin Xiàngōng*) do reino Jin, enamorado pela sua segunda mulher, elegeu o filho desta como o seu sucessor e repudiou o da sua primeira esposa. Este chamava-se Chong'er (姬重耳, *Jī Chóngě ěr*) e fugiu para o exílio, acompanhado do seu fiel servo Jie Zitui. Numa primavera, perderam-se numa montanha e a comida começou a escassear. Chong'er, com a fome, quase desmaiou. Por isso, sem que o príncipe notasse, Jie Zitui cortou parte da sua própria perna, cozinhou-a e deu-lha a comer.

Passado algum tempo, Chong'er regressou ao reino de Jin e ascendeu ao trono, tornando-se no Duque Wen. Ele recompensou todos os oficiais que o tinham seguido no exílio e posteriormente ajudado a ascender ao trono, mas esqueceu-se de Jie Zitui. Este tinha decidido não regressar às suas funções e foi viver em reclusão com a sua mãe no interior de uma montanha.

Quando o Duque reparou no seu lapso, foi até à montanha onde Jie Zitui residia. Porém, Jie Zitui não quis encontrar-se com ele. Seguindo as sugestões dos seus conselheiros, o Duque

⁹⁵ (Orig.) “*Its origin, long since forgotten by the common people, was connected with the solemn rite of kindling new fire once a year-an old, old rite, probably a relic of tribal times, when the Han Shih marked the interval between the extinction of the old fire and the lighting of the new.*” (Bredon & Mitrofanov, 1982: 216)

¹⁹⁶ (Orig.) “*Historical records prove that, as late as the T'ang dynasty, new fire was obtained by rubbing two willow-sticks together. The children of courtiers performed the ceremony in the open space before the Imperial palace, he who first set his sticks alight receiving a golden cup and three pieces of silk. The picturesque custom, which died out under the invading barbarian dynasty of the Yüans (A.D. 1260-1368) (...)*” (Bredon & Mitrofanov, 1982: 216)

ordenou que ateassem fogo à montanha numa tentativa de pressionar Jie Zitui a sair. O fogo queimou a montanha durante três dias e três noites, até que na última noite se extinguiu sozinho. Depois do incêndio, o Duque descobriu que o seu servo e a mãe deste faleceram carbonizados ao pé de uma árvore. Quando o Duque viu os cadáveres, abraçou-os. Assolado pelas emoções, o Duque ordenou que fossem feitas tamancas de madeira da própria árvore onde os dois corpos haviam sido encontrados, como recordação para sempre do seu fiel servo. Ademais, decretou que, naquele dia, nenhum fogo poderia ser aceso para cozinhar a comida e o costume ficou conhecido como o Dia da Comida Fria.

Apesar de existirem diversas versões desta história, umas mais romantizadas que outras, a sua essência e moral permaneceram as mesmas: o Dia da Comida Fria surgiu no dia em que Jie Zitui faleceu consumido pelo fogo. Por conseguinte, as pessoas devem ingerir comida fria para honrar a sua memória.

Contudo, os autores Han Yangmin e Guo Xingwen, em 1987, defendem no seu livro, que esta história pode não ser completamente verídica, já que em livros contemporâneos da época não existem referências da existência de Jie Zitui. Durante a Dinastia Han começaram a surgir as primeiras menções no *Livro da Nova Ordem* (新序, *Xīn xù*)¹⁹⁷ e no *Livro da Nova Teoria* (新论, *Xīn lùn*)¹⁹⁸, mas é importante referir que estas eram pouco mais do que algumas palavras, sem alusão à sua morte ou ao seu envolvimento na criação do costume da comida fria.¹⁹⁹

Já num dos registos da Dinastia Han Posterior (后汉, *Hòu Hàn*, 947-951), durante o período dos Dez Reinos e Cinco Dinastias (五代十国, *Wǔdài ShíGuó*, 907-982), o governador provincial de uma das prefeituras de Taiyuan²⁰⁰ reparou que pessoas de diferentes estratos sociais, durante o mês do falecimento de Jie Zitui, seguiam um costume chamado “Proibição do Dragão”²⁰¹ (龙忌之禁, *lóng jì zhī jìn*). Este costume consistia em comer comida fria durante o inverno e de não usar fogo, com receio de ofender o dragão. Os idosos e os doentes estavam dispensados do seu cumprimento, pois não tinham a mesma capacidade de ingerir comida fria como indivíduos saudáveis. Igualmente, existia a crença local de que estes podiam transmitir doenças mais

¹⁹⁷ (NdA) Cronologia histórica editada e compilada pelo erudito Liu Xiang (刘向, *Liú Xiàng*) da Han Ocidental (西汉, *Xī Hàn*, 202a.C.-25), que utiliza a sátira como crítica política. Originalmente tinha trinta volumes, mas até à atualidade só sobreviveram dez.

¹⁹⁸ (NdA) Livro de teoria política redigido por erudito Huan Tan (桓谭, *Huán Tán*) da Han Oriental (东汉, *Dōng Hàn*, 25-220). Também conhecido pelo nome Huanzi Xin Lun (桓子新论, *Huánzǐ Xīnlùn*), apresenta uma coleção de 29 artigos. Durante a Dinastia Qin assistiu a uma reedição considerada mais completa.

¹⁹⁹(Orig) “其实, 这一传说并不可靠, 因为《左传》、《史记》中并无介子推被焚的记载。到了汉代, 刘向《新序》及桓谭《新论》中始提及介子推推被焚事, 仅寥寥数语, 也没有把介子推之死与寒食禁火相联系。” (Han & Guo, 1987:148)

²⁰⁰ (NdA) A cidade Taiyuan (太原, *Tàiyuán*) é a capital da província de Shanxi (山西省, *Shānxī shěng*).

²⁰¹ (TdA)

facilmente se realizassem o costume, um risco para a comunidade no seu todo. Eram muitos os que morriam nesta altura por causa das condições agrestes a que se auto impunham.

Gradualmente, a prática disseminou-se nas áreas em torno de Taiyuan. Um outro detalhe interessante contado por Han e Guo relaciona-se com o facto de que o magistrado que registou este costume ter interpretado erroneamente a altura do ano em que se realizava: não era realizado durante a primavera, mas sim no inverno.

No ano de 206 a.C., o general Cao Cao (曹操, *Cáo cāo*)²⁰² do reino Wei (魏, *Wèi*) tentou proibir este costume com punições pesadas de “seis meses de trabalhos forçados para os chefes das famílias responsáveis, um mês de trabalhos forçados para o oficial local e o um mês de salário suspenso para o magistrado local” (Han & Guo, 1987: 148-149).²⁰³ Sem embargo, tais medidas não obtiveram os resultados pretendidos.

Posteriormente, durante o período da Zhou Posterior (后周, *Hòu Zhōu*, 951-960), ocorreram mais tentativas de veto por parte dos subsequentes Imperadores. Porém, devido a circunstâncias meteorológicas atípicas com consequências fatais, o direito à realização do Festival foi novamente instaurado. O povo chinês acreditava que tais desastres advinham da ira divina por ter sido proibido o Festival em honra da memória de Jie Zitui.

De acordo com Holzman no seu artigo de 1986, *O Festival da Comida na China Medieval*, durante o período das Dinastias do Sul e do Norte (南北朝, *Nán-Běi Cháo*, 316-589), o Imperador Xiaowen (北魏孝文帝, *Běi Wèi Xiào Wéndì*) da Dinastia Wei do Norte (北魏, *Běi Wèi*, 386-534) interditou a realização do Festival no ano de 478 e novamente no ano de 496. Não obstante, pouco tempo depois foi encorajado pelos seus conselheiros a aprovar a sua presença em torno da Montanha Mian (绵山, *Mián shān*).²⁰⁴ Eventualmente, o Festival disseminou-se pela maior parte da China e a sua data foi alterada para o dia anterior ao do *Qingming*.²⁰⁵

Durante a Dinastia Tang, o Festival da Comida Fria evoluiu de festa regional comum para uma festividade de três dias, com a incorporação da veneração dos antepassados, e até à Dinastia Song (宋朝, *Sòng Cháo*, 960-1279), manteve-se como celebração mais importante em paralelo com as outras celebrações acima mencionadas. O Festival *Qingming* acabou por incorporar parte

²⁰² (NdA) O general Cao Cao (曹操, *Cáo cāo*, 155-220 d.C.) foi um general militar e penúltimo chanceler da Dinastia Han Ocidental durante o período dos Três Reinos (三国, *Sān Guó*, 220-265). Famoso pelas suas medidas extremamente severas e controversas, é considerado por alguns historiadores como um ditador e um génio militar.

²⁰³ (Orig.) “魏武帝曹操《明罚令》有：“闻太原、上党、西河、雁门冬室后百五日皆绝火寒食云为子推。”曹操为此下禁绝火令，“令到人不得寒食。犯者，家长半岁刑，主吏百日刑，令长夺一月俸。”

²⁰⁴ (NdA) Montanha localizada na cidade com o mesmo nome, na cidade administrativa de Jiexiu (介休市, *Jièxiū shì*), dentro da cidade-prefeitura de Jinzhong (晋中市, *Jìnzhōng shì*), na área central da província de Shanxi (山西省, *Shānxī shěng*), no norte da China.

²⁰⁵ ver n°27 da Bibliografia

do Festival da Comida Fria e, no final da Dinastia Qing (清朝, *Qīng Cháo*, 1644-1912), este quase se desvaneceu por completo. Atualmente, em algumas zonas do país como Pequim, já não é praticado o costume de comer comida fria.

3.2.4. Oferendas

Na cultura asiática, a vida após a morte, na realidade, é muito semelhante à dos vivos. Todavia, o bem-estar dos defuntos na sua nova existência provém do proporcionado pelos seus descendentes vivos.

Na antiga cultura egípcia existia também uma mentalidade semelhante, razão pela qual as pessoas, quando eram enterradas, levavam consigo tudo o que podia fazer-lhes falta para a vida no além. Na cultura chinesa, tal como na japonesa e na coreana, existe a crença de que, se não for prestado respeito e dadas oferendas, estes espíritos podem tornar-se espíritos malignos e atormentar a vida dos vivos. Faz parte do dever filial proporcionar as melhores condições possíveis aos familiares falecidos através da entrega de algumas oferendas de incenso, dinheiro, comida e réplicas de comodidades feitas de papel. Porém, este não é o seu único objetivo na vida no além.

A vida das pessoas é regida pelo conceito de carma oriundo das religiões indianas. Se o indivíduo for humilde e cheio de compaixão para com as criaturas em sofrimento, ganha carma positivo e a possibilidade de uma próxima reencarnação mais feliz. No entanto, se praticar o oposto, tendo comportamentos negativos e prejudiciais para com ele e para os outros, acumula carma negativo (Cf. Monika & Tworuschka, 2010).²⁰⁶ Todos os comportamentos e ações de carma negativo são julgados com os castigos aplicados no Inferno. As oferendas servem, muitas vezes, como “suborno” aos juizes²⁰⁷ para reduzir a pena no Inferno e fomentar uma reencarnação mais célere e feliz.

Historicamente, os primeiros indícios de oferendas fúnebres encontradas pelos arqueólogos datam de, pelo menos, um milénio atrás. Inicialmente, eram produzidos a partir de pedras, ossos e conchas de cauris (贝, *bèi*).²⁰⁸ Durante o Período da Primavera e Outono (春秋时代, *Chūnqiū Shídài*, 771-476 a.C.), surgiram imitações de dinheiro feitas de metais maleáveis,

²⁰⁶ ver n°56 da Bibliografia

²⁰⁷ (NdA) No Inferno o indivíduo após a morte é julgado por vários tribunais e juizes de variados departamentos responsáveis por todo o tipo de crimes que este possa ter cometido em vida. Os crimes podem ser de diversos níveis de severidade.

²⁰⁸ (NdA) Cauri (*Cypraea moneta*) é uma espécie de molusco gastrópode marinho (caracol marinho) pertencente à família das cipreias (búzios), oriundo de zonas tropicais dos oceanos Índico e Pacífico. No mundo antigo, em certos pontos foi utilizada como uma das primeiras formas de moeda e de comércio. Na China Antiga o caráter para dinheiro/moeda, (贝, *bèi*), principalmente na sua forma tradicional (贝, *bèi*), tem a aparência pictográfica de uma destas conchas.

como o bronze e chumbo, e também réplicas de placas de ouro feitas de barro.²⁰⁹ Eventualmente, estas evoluíram para a versão em papel que existe agora.

O método de envio utilizado entre o reino dos vivos e dos mortos permaneceu o mesmo ao longo dos tempos através do fogo. Acredita-se que, ao queimar as oferendas numa fogueira, estas chegam ao outro mundo e, conseqüentemente, aos antepassados.

Os chineses não queimam qualquer tipo de papel : existe um gênero específico para ser utilizado como oferenda, o *jinzhi* (金纸, *jīn zhǐ*), cuja tradução literal para português seria “papel dourado”, mas é mais coloquialmente conhecido como “dinheiro dos espíritos” (冥币, *míngbì*) ou “dinheiro de incenso” (香钱, *xiāngqián*). Tradicionalmente, é feito de bambu ou de arroz e, dependendo da religião, pode ser decorado com selos, desenhos, padrões contrastivos, etc.

Na sua versão contemporânea, as notas têm impressa a cara do Imperador de Jade (玉皇, *Yùwáng*), o monarca do Céu do universo taoista, ou a cara do Rei do Inferno budista, rei Yan (阎王, *Yánwáng*)²¹⁰. O dinheiro, como elemento simbólico, frequentemente assume a forma de "dinheiro espiritual", que é transmitido através da imolação aos deuses, espíritos e antepassados (Gates, 1987:267).²¹¹

Num outro ponto a mencionar, crê-se que também exista desvalorização da moeda no mundo dos mortos e, anualmente, as quantias que se devem queimar são cada vez maiores. Facto corroborado por Gates quando este afirma que “as lojas onde se pode comprar este dinheiro têm afixadas as quantias a queimar a cada ano astrológico, mas as famílias preferem queimar quantias ímpares.”²¹²

O aumento dos valores deve-se a gostos mais caros dos próprios defuntos e a despesas quotidianas que também são superiores. Porém, as pessoas também creem que o vencimento das pessoas sobe a cada ano.²¹³ O dinheiro queimado pelos familiares equivale a um depósito na conta bancária do defunto no Inferno.

²⁰⁹ ver nº36 da Webgrafia

²¹⁰ (NdA) O rei Yan (阎王, *Yánwáng*), também conhecido pelo nome Yama, é o soberano do Inferno. Esta entidade faz parte do universo mitológico budista, contudo, devido à amálgama religiosa presente na esfera oriental, a sua presença está interligada com entidades divinas de outros universos mitológicos. Crê-se que foi delegado pelo Imperador de Jade (玉皇, *Yùwáng*), soberano do Céu do universo mitológico taoista, para governar o Inferno (地狱, *dìyù*). Ele não só é o rei do Inferno como também julga os mortos. É descrito na cultura popular como tendo uma aparência tenebrosa, pele esverdeada e vestir trajes vermelhos.

²¹¹ (Orig.) “*Money as a symbolic element often takes the form of the “spirit money”, which is transmitted through burning to gods, ghosts, and ancestors (...)*”

²¹² (Orig.) “*...the amounts required for each astrological year are posted in shops that sell spirit money, but “very dutiful mourners” send odd-numbered multiples of the minimum.*”

²¹³ ver nº47 da Webgrafia

Este dinheiro de imitação não é queimado de qualquer forma. As pessoas muito cuidadosamente colocam-no no fogo como se de dinheiro verdadeiro se tratasse. Adicionalmente, existe o costume de dobrar as notas de uma forma específica antes de serem lançadas às chamas.

A mística ancestral do fogo como símbolo divino faz parte do panorama religioso da Humanidade, todas as religiões têm, até um certo ponto, algum ritual ou característica associados a tal realidade. O seu papel na mutação do estado da existência dos objetos de uma natureza terrestre para uma mais espiritual é evidenciado através de variados registos desde tempos milenares. O fogo é um elemento perpetuamente presente em todas as religiões devido à sua dualidade simbólica entre elemento de destruição e elemento purificação e regeneração. Veja-se:

Da mesma forma que o Sol com os seus raios, assim o fogo simboliza, pelas suas chamas, a ação fecundante, purificadora e iluminadora. Mas o fogo apresenta também um aspeto negativo: obscurece e sufoca com o fumo, queima, devora, destrói: o fogo das paixões, do castigo e da guerra. (...) O fogo também, nesta perspectiva, na medida em que queima e consome, um símbolo de purificação e de regenerescência. Encontramos assim, de novo, o aspecto positivo da destruição: nova inversão do símbolo (Chevalier & Gheerbrant, 1997:333).²¹⁴

Voltando para o tópico referente à sua designação. o dinheiro dos mortos foi apelidado pelos ocidentais de “dinheiro do Inferno”, por este ser emitido pelo banco do Inferno. É importante mencionar que o conceito de Inferno no Ocidente é muito diferente do que existe no Oriente. No Ocidente, nomeadamente para as sociedades influenciadas pelo Cristianismo (como a portuguesa), a imagem do Inferno é a de um lugar de penitência, onde quem cometeu pecados é julgado e condenado a uma eternidade de tormento sem redenção. O Inferno chinês é uma amálgama de ideias oriundas do Taoísmo, Budismo, Confucionismo e do folclore religioso tradicional.

No Oriente, o Inferno (地獄, *diyù*) é considerado um ambiente neutro, um local onde todos os que falecem vão parar. Sendo as almas julgadas por distintos tribunais pela sua leviandade em vida, são castigadas de acordo com a severidade dos seus crimes por um período indefinido. Este período depende da pena imposta por cada tipo diferente de crime realizado pelo indivíduo em vida, podendo ser só composto por umas décadas ou por milhares de anos. Cada crime específico, como por exemplo o de não se ser um filho filial, é julgado por um juiz de um departamento distinto. Estes especializam-se numa área particular e, assim, são capazes de melhor analisar a culpabilidade ou a inocência do réu relativo àquele caso em concreto.

²¹⁴ ver n°9 da Bibliografia

Originalmente, o número de departamentos do Inferno era elevado, à imagem espelhada da sociedade chinesa do mundo dos vivos nas últimas dinastias, com uma estrutura burocrático-judicial extremamente complexa. Atualmente, crê-se que o Rei Yan (閻王, *Yánwáng*) diminuiu o número de tribunais para apenas doze, sendo cada um presidido por um dos doze animais do Zodíaco Chinês. Após cumprirem a pena e, caso a mereçam, é proporcionada aos defuntos a oportunidade de reencarnar.

Existe a crença de que as transações entre as pessoas e seres sobrenaturais influenciam o renascimento e dão a cada pessoa um destino diferente (Gates, 1987:267). As pessoas contraem uma dívida cármica com os deuses. Por outras palavras, começam uma nova reencarnação com um saldo cármico negativo após a obtenção de um novo corpo, e, dependendo do seu comportamento no mundo dos vivos, esta pode ser extensa ou não. Em vida, é essencial esta dívida ser abatida através de boas ações/ comportamentos corretos, orações e oferendas nos templos.

Contudo, meramente uma pequena parcela desta é paga durante este período. Enquanto o indivíduo estiver vivo, as suas ações e comportamentos vão contribuir para o aumento da sua dívida cármica. O dinheiro dos espíritos oferecido pelos familiares serve também para a pagar e os presentes ofertados (ou “suborno”) aos juízes do outro mundo são-no com o intuito de acelerar o processo de reencarnação.

No artigo *Money for the Gods*, Gates explica esta situação de uma forma muito compreensiva:

(...) a alma no reino sobrenatural procura o renascimento. em primeiro lugar, no entanto, necessita obter um corpo e um destino pelo qual possa seguir o seu destino cármico. Para tal, deve contrair uma dívida mística que acompanha cada pessoa ao longo da sua vida. esta é a soma adiantada como empréstimo para o espírito que aguarda reencarnação por um dos grandes números de tesouros celestiais(...) parte do valor é utilizado para a compra de um corpo para reencarnação, o resto suporta o custo de um particular destino em vida do indivíduo, um aspeto determinado antes do nascimento (Gates, 1987: 267-268).²¹⁵

São oferecidas réplicas de bens quotidianos de alta qualidade feitas em papel machê, com o mesmo papel de bambu ou arroz utilizado na produção do dinheiro dos mortos. Estes podem ser réplicas de jóias, malas, produtos consumíveis, como álcool e tabaco, e até mesmo prédios ou figuras de belas mulheres. Existe uma regra não oficial da sociedade chinesa de que estas

²¹⁵ (Orig.) “(...) a soul in the supernatural realm seeks rebirth. First, however, it must obtain a body and a fate through which to pursue its karmic course. To do so, must contract the mystical debt that encumbers each person throughout life. This debt is a sum advanced as a loan to the spirit waiting for reincarnation by one of a large number of celestial treasures (...) Part of the money is used to purchase a body for reincarnation, the rest defrays the cost of the individual's particular lot in life, a matter determined prior to birth..”

réplicas devem ser extravagantes e luxuosas. Aliás, quanto mais caras, melhor. Se o defunto gostava de alguma coisa específica em vida, os seus familiares frequentemente oferecem-lhe uma réplica dessa mesma coisa para uso na vida após a morte.²¹⁶

Também são feitas oferendas de comida e de outros bens de consumo. Os pratos confeccionados são feitos pelas mulheres da família. Os familiares tendem a escolher como oferenda os pratos favoritos dos seus entes falecidos e alguns alimentos com significados especiais relacionados com a família. É importante mencionar que as oferendas de alimentos aos antepassados são efetuadas nas celebrações mais importantes como o Ano Novo Chinês (春节, *Chūnjié*), ou Festival da Primavera, o *Qingming*, entre outros.

Os alimentos normalmente escolhidos como oferenda são: frutos, vinho, chá, uma vasta gama de pratos vegetais e produtos de carne.²¹⁷ Dentro dos pratos de carne, os produtos escolhidos mais frequentemente são de frango e de porco.²¹⁸ Contrariamente ao destino final das outras oferendas, a comida não é cremada e, no término da celebração, a família reúne-se e consome-a.

O incenso também faz parte das oferendas fúnebres. É considerado por muitos como um elemento de culto base essencial em várias religiões, como o Taoísmo Religioso, Budismo, Hinduísmo e Cristianismo. Este destaca-se como sendo um elemento indispensável em cerimónias dedicadas aos deuses e/ou aos antepassados, pois a sua eficácia na comunicação com o céu baseia-se na combustão.

O incenso é um composto resinoso aromático que tem várias formas e tamanhos, como espirais, paus, cones, etc. É utilizado desde a antiguidade para celebrações religiosas, rituais de purificação, para a criação de um estado de espírito entre outros usos. Os devotos têm por hábito proceder a um ritual, onde seguram os paus de incenso acesos com as mãos juntas e inclinam-se perante as imagens sagradas pelo menos três vezes.

Atualmente, com as regulações impostas pelo Governo para reduzir os índices de poluição consequentes do Festival *Qingming*, o ateio de fogueiras é extremamente controlado e, em alguns casos, é até proibido. Apesar da proibição, não significa que as pessoas abandonaram por completo as suas práticas. Alguns continuam a realizar este ritual na rua à rebeldia das ordens diretas do governo chinês.

Para além disso, com os avanços tecnológicos e a mega presença a nível nacional das carteiras digitais como *Wechat Pay* (微信, *Wēixin*) e *Alipay* (支付宝, *Zhīfùbǎo*), surgiu um novo

²¹⁶ ver n°24 da Webgrafia

²¹⁷ ver n°5 da Bibliografia

²¹⁸ ver n°51 da Webgrafia

método de envio das oferendas, o do telemóvel. As campas mais recentes possuem um código QR num dos cantos superiores e as pessoas fazem *scan* deste, sendo depois direcionadas para uma secção na aplicação onde podem enviar oferendas digitais. Este método é um dos mais elegidos por quem não pode regressar à sua terra natal na altura do Festival para cuidar do túmulo da sua família.²¹⁹

Contudo, este novo método revela-se bastante controverso, pois o fogo é uma ponte de ligação muito importante a nível religioso, é o elo entre os mundos. Ao remover-se o fogo da equação, a possibilidade de as oferendas não chegarem ao seu destino aumenta. O papel das oferendas não é só apaziguar os mortos, mas também apaziguar os vivos. Ao poderem continuar a cuidar dos seus no além, as pessoas preservam a sua memória no seu pensamento. Portanto, estas práticas têm o papel de auxiliar a diminuir o impacto da morte e o luto dos que continuam no mundo dos vivos. Assim, a morte não é vista como meramente fatalista e final, mas sim uma continuação da vida noutra plano.

²¹⁹ ver n°55 da Webgrafia

Conclusão

Em virtude do que foi mencionado ao longo desta dissertação acerca do papel cultural da Morte em Portugal e na China, conclui-se que a cultura de uma comunidade e o contexto em que ela se insere encontram-se em permanente transmutação com o objetivo de adaptarem às necessidades da comunidade em cada período temporal na história. O comportamento da comunidade em relação com a morte, apesar de conservar na sua essência os mesmos objetivos desde tempos antigos, na prática, o método fúnebre atual diverge um pouco do realizado pelas gerações anteriores.

Uma das principais conclusões desta investigação académica relaciona-se com o facto de a morte não significar o fim absoluto da existência de um indivíduo. A vida continua após a passagem para o Outro Mundo. Independentemente das diferenças culturais, a sociedade procura justificar a realidade da perda de um dos seus membros através da realização de práticas específicas que, em última instância, servem para reavivar/trazer de volta as memórias de quem já não volta: a Memória é o que mantém viva a pessoa no coletivo comunitário.

A Memória é o principal agente catalisador por detrás da conservação da tradição dentro do prisma mortuário. Ao preservar os costumes através a sua contínua execução no cerimonial fúnebre, também se perpetua no semblante comunitário a importância dada à recordação de quem não está mais.

Durante o primeiro capítulo foi abordada a evolução fúnebre de ambos os países ao longo dos milénios. Ambas as culturas valorizam fortemente a memória do defunto. Tendo em consideração as observações feitas ao longo do capítulo, desde tempos imemoráveis, a Memória, bem como o respeito pelos mortos, ocupa um papel de destaque no tecido cultural tradicional português e chinês. Os impulsionadores de mutação cultural como o clima sociopolítico da sociedade num determinado período, os desenvolvimentos tecnológicos alcançados, influências religiosas, entre outros mais, alteraram os costumes fúnebres. Com o passar do tempo, certos rituais/elementos entraram e saíram de moda.

Ambos os países assistiram a ciclos de sumptuosidade e de simplicidade arquitetónica e decorativa tumular. O constante exercício de enaltecimento do estatuto com recurso a consumos avolumadas de riquezas é uma semelhança interessante entre ambos os países. A mensagem transmitida não verbalmente pela aparência de um túmulo é capaz de influenciar a perceção das gerações futuras e pode servir de mecanismo de recordação duradoura da existência de um

determinado indivíduo. Cerimónias elaboradas, oferendas sumptuosas e complexos tumulares altamente decorados com o maior rigor simbólico são pontos de correspondência para a elite portuguesa e chinesa. Existia um certo entendimento de que estes exercícios de riqueza e poder envolviam mais elementos da comunidade nas celebrações fúnebres, e, por conseguinte, aumentavam as possibilidades de a memória da sua existência perdurar no coletivo comunitário por muitas gerações.

O segundo capítulo realçou algumas semelhanças e diferenças a nível dos costumes e atitudes associados com a morte. A pluralidade de elementos culturais que compõem o ambiente simbólico fúnebre influencia a perceção desta por diferentes culturas. O contexto do meio que rodeia molda o panorama simbólico. Na sua essência, ambos os espectros exprimem o mesmo conjunto de ideias, mas, na prática, alguns pontos divergem consideravelmente na sua execução.

Por exemplo, a nível religioso, demarca-se a crença na vida após a morte e a recompensa/castigo dos atos cometidos em vida como principais pontos de semelhança. A condição da alma e o tratamento do corpo são pontos de diferença. Para algumas crenças, a integridade física é valorizada como elemento crucial para o percurso da alma na sua nova realidade. Enquanto que noutras, após a morte, o corpo já cumpriu o seu propósito e não tem influência sobre a alma do defunto.

Num outro exemplo, num contexto fúnebre, as cores e a flora apresentam significados muito distintos em ambas as culturas. No entanto, existem certas instâncias onde estes se cruzam por influências advindas pelo contacto intercultural entre o Ocidente e Oriente ao longo dos tempos.

Por último, no terceiro capítulo, foram observadas em detalhe as principais festividades fúnebres de ambos os países. Tanto para um como para o outro, é considerada uma altura de recordação dos entes queridos já falecidos. A limpeza das campas/túmulos, as oferendas e orações ocupam uma posição de destaque.

Ao mesmo tempo que, na cultura portuguesa, o Dia de Todos os Santos e o Dia de Fiéis Defuntos têm o seu propósito meramente associado ao culto dos santos e celebração da memória dos defuntos, na cultura chinesa, o Festival *Qingming* apresenta dois propósitos distintos: O primeiro está associado à celebração da memória dos defuntos durante a limpeza dos túmulos. O segundo encontra-se relacionado à milenar prática da apreciação da renovação da vida através da realização de passeios junto da natureza primaveril por paisagens verdejantes.

Dado o exposto ao longo do terceiro capítulo, curiosamente em ambos os países, observou-se uma evolução nas festividades e uma incorporação de costumes e práticas

característicos de outros festejos devido à sua proximidade temporal. Devido à complexidade e considerável extensão desta temática, não foi possível, nesta dissertação, comparar mais exaustivamente a cultura fúnebre de ambas as culturas. Este é meramente o início, esta área demonstra-se rica em pontos ainda por analisar.

Relativo ao estudo da interculturalidade fúnebre entre a cultura portuguesa e a cultura chinesa, existe um forte foco académico dado às relações interpessoais no ponto de vista emocional e ao panorama religioso durante o início e auge do período de missionação cristã na China. Tendo isto em conta, apesar de existir conteúdo académico referente a ambos os países em certos tópicos, noutros menos populares carece consideravelmente do cruzamento de informações. É de carácter necessário a continuação do desenvolvimento de conteúdo referente a esta área da interculturalidade luso-chinesa.

O recurso de fontes primárias é essencial. No entanto, tal circunstância observou-se frequentemente na pesquisa referente à cultura chinesa, devido à idade milenar, existem inúmeras interpretações para certas passagens, o que implica uma análise mais exaustiva dos pormenores para evitar incorrer em erro. Por conseguinte, o período de pesquisa necessário para uma compreensão plena de fontes primárias sobre a temática em chinês acresce substancialmente.

Existem vários elementos culturais fúnebres que merecem uma análise comparativa mais detalhada. A presente dissertação somente mencionou alguns elementos que incorporam a extensa esfera fúnebre. Aspectos associados diretamente com as cerimónias fúnebres, como a sequência de práticas após a morte do indivíduo, o velório, a procissão fúnebre, entre outros, são fortes candidatos a ter em consideração para futuras reflexões. A estrutura do funeral na cultura portuguesa e na chinesa equiparam-se bastante ao ponto de terem vários pontos de concordância. A importância facultada à construção do caixão, uma comparação detalhada do vestuário de luto tradicional são áreas raramente tidas em consideração. Por outras palavras, é possível a realização de futuros cruzamentos caso algum investigador no futuro assim o desejar.

É imprescindível a produção de mais conteúdo de cruzamento cultural luso-chinês para uma maior conscientização das semelhanças e diferenças entre ambos os países. A interação cultural entre Portugal e a China continua a apresentar-se como uma área de estudo subdesenvolvida.

A lacuna no entendimento do outro colmata-se através do exercício da análise crítica da nossa própria cultura, bem como da do outro. Só deste modo será realmente possível entender o

contexto do passado para assim evitar cometer os mesmos erros no presente e construir um futuro de compreensão mútua.

Bibliografia

1. Abreu, A. A. (2010). *O Traje à Vianesa e a Roupa que Vestimos*. Viana do Castelo: Junta de Freguesia da Meadela.
2. Andrade, L. O. & Torgal, L. R. (2012). *Ferriados em Portugal: tempos de memória e de sociabilidade (2.ª edição)* [Versão E-Reader]. Recolhido de = <<http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-1163-1>>.
3. Barroca, M. J. (2003). *A peste negra na epigrafia medieval portuguesa*. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras. Recolhido de = <<https://hdl.handle.net/10216/19695>>. Acedido pela última vez a <18/06/2020>.
4. Bettencourt, A. M. S., & Sampaio, H. A. (2014). *Between the valley and the hill top. Discoursing on the spatial importance of Pego's Bronze Age necropolis, Braga (Northwest of Portugal)*. Estudos Do Quaternário/ *Quaternary Studies*, 0(10). Recolhido do website = <<http://www.apeq.pt/ojs/index.php/apeq/article/view/84>>. Consultado pela última vez a <30/06/2020>.
5. Bianchi, E. (2011). *Taoísmo II*. Dicionários das Religiões. vol 12. Lisboa: Público
6. Bickers, B. W. & Holmes, J. D. (2006). *História da Igreja Católica*. Lisboa, Portugal: Edições70.
7. Brendon, J., & Mitrofanov, I. (1982). *The Moon Year*. Hong Kong: Oxford University Press.
8. Bruce-Mitford, M. (2008). *Sinais e Símbolos, Guia Ilustrado das Origens e dos Significados*. Porto: Dorling Kindersley – Livraria Civilização Editora.
9. Bruun, O. (1996). *The Fengshui Resurgence in China: Conflicting Cosmologies Between State and Peasantry*. The China Journal, volume 36, (julho), 47-65. Recolhido de <<https://doi.org/10.2307/2950372>>.
10. Chevalier, J. & Gheerbrant, A. (1997). *Dicionário dos Símbolos*. Aveiro: Círculo de Leitores. Rainho & Neves, Lda.
11. Chin, A. S. & Freedman, M. & Society, J. C. C. S. R. C. (1970). *Family and Kinship in Chinese Society*. Standford: Stanford University Press.
12. Costeira, C. (2017). *Reflexão acerca dos cossoiros e da fiação nos contextos calcolíticos do Sudoeste da Península Ibérica, partindo do sítio de São Pedro (Redondo)*. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Recolhido de = <<http://repositorio.ul.pt/handle/10451/30460>>. Acedido pela última vez a <18/06/2020>
13. Cui, Y., Song, L., Wei, D., Pang, Y., Wang, N., Ning, C., Li, C., Feng, B., Tang, W., Li, H., Ren, Y, Zhang, C., Huang, Y., Hu, Y. & Zhou, H. (2015). *Identification of kinship and occupant status in Mongolian noble burials of the Yuan Dynasty through a multidisciplinary approach*. Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences, 370(1660). Recolhido de <<https://doi.org/10.1098/rstb.2013.0378>>.
14. De Almeida, F. (1971). *História da Igreja em Portugal IV. História da Igreja em Portugal*. Livraria Civilização. Lisboa: Editora Porto.
15. Diogo, A. M. (2017). *Património Cemiterial: entre a materialidade e o espírito do lugar, Reflexão sobre a valorização e gestão da morte enquanto património artístico, pertença e memória coletiva*. MEMORIAMEDIA, vol.2 (4). Recolhido do website = <<https://review.memoriamedia.net/index.php/cemeterial-heritage>>. Acedido pela última vez <1/07/2020>.
16. Eberhard, W. (2006). *A Dictionary of Chinese Symbols: Hidden Symbols in Chinese Life and Thought* [Versão E-Book]. Recolhido de <<https://www.taylorfrancis.com/books/9780203038772>>.

17. Feijó, R. G., Martins, H. & Pina-Cabral, J. (eds.). (1985). *A Morte no Portugal Contemporâneo: Aproximações Sociológicas, Literárias e Históricas*. Lisboa: Quercus.
18. Fibrano, G. (2011). *Cristianismo II*. Dicionários das religiões. Portugal: MEDIApromo.
19. Figueiredo, A. (2001). *Death in Roman Ibéria: Acculturation, resistance and diversity of beliefs and practices*. In Era – Arqueologia Revista de Divulgação Científica de Estudos Arqueológicos. N°3, Colibri / Era, pp.91-107.
20. Franco, R. M. V. (2017). *Arquitetura funerária, simbolismo e relação com o lugar* [Dissertação de Mestrado]. Retirado do website = <<http://repositorio.ulusiada.pt/handle/11067/2636>>.
21. Fong, M. (1991). *Antecedents of Sui-Tang Burial Practices in Shaanxi*. *Artibus Asiae*, 51(3/4), 147-198. Recolhido de <<https://www.jstor.org/stable/3249666>>.
22. Gates, H. (1987). *Money for the Gods. Modern China*, 13(3), 259-277. Recolhido de <<http://www.jstor.org/stable/189307>>.
23. Greenaway, K. & Saló, E. (Trd.) (1984). *A Linguagem das Flores*. Portugal: Círculo de Leitores.
24. Han, C. (2012). *Cremation and Body Burning in Five Dynasties China*. *Journal of Chinese Studies*.55 (1). The Chinese University of Hong Kong. 1-22 Recolhido de <<http://www.cuhk.edu.hk/ics/journal/eng/toc/no55.html>>. Acedido pela última vez a <22/05/2020>.
25. Han, Y. & Guo X. 韩养民 & 郭兴文. (1987). *Zhōngguó gǔdài jié rì fēngsú 中国古代节日风俗 (Os costumes dos feriados na China Antiga)*. Shaanxi: 陕西人民出版社 *Shǎnxī rénmin chūbǎn shè* (Editora do Povo de Shaanxi).
26. Hinnells, J. R. (2010). *The Penguin Handbook of the World's Living Religions*. Londres, Reino Unido: Penguin Books.
27. Holzman, D. (1986). *The Cold Food Festival in Early Medieval China*. *Harvard Journal of Asiatic Studies*, 46(1), 51-79. Recolhido de <<https://www.jstor.org/stable/2719075>>.
28. Hoy, W. G. (2013). *Do funerals matter? The purposes and practices of death rituals in global perspective* [Versão E-Book]. Recolhido de <<https://doi.org/10.4324/9780203072745>>.
29. Jordan, D. K. (1972). *Gods, Ghosts, and Ancestors: The Folk Religion of a Taiwanese Village*. San Diego, CA:University of California Press.
30. Jorge, S. O. (2003). *Recintos murados da pré-história recente: técnicas construtivas e organização do espaço: conservação, restauro e valorização patrimonial de arquiteturas pré-históricas* [Adobe PDF]. Recolhido de <<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/21217?locale=pt>>.
31. Ki, G. P. & Kiang, K. K. (trd.). (2018). *Origins of Chinese Festivals (2012 Edition - EPUB)* [Versão E-Book]. Retirado do website = <<https://books.google.pt/books?id=gJFuDwAAQBAJ>>.
32. Koster, G. L. (2014). *Course in the History and Culture of China(I): From the Early Neolithic (5000 BC) to the Fall of the Yuan Dynasty (1368)* [Fotocópias]. Recolhido de Universidade do Minho.
33. Lafforgue, G. (1979). *A Alta Antiguidade, das origens a 550 a.C*. Lisboa: Publicações Dom Quixote
34. Lam, S. (2013). *A Herança de Confúcio, Dez Ensaios sobre a China*. Braga: Instituto Confúcio da Universidade do Minho.
35. Lehner, E. & Lehner, J. (1960). *Folklore and symbolism of flowers, plants and trees* [Versão E-Book]. Recolhido do website =

- <https://books.google.pt/books?id=E1MsNloiFOcC&hl=pt-PT&source=gbs_navlinks_s>. Acedido pela última vez a <18/10/2019>.
36. Leitão, F. (2012). *The Visigothic society and its cemeteries*. *Revista de História Da Sociedade e Da Cultura*. 12, 9–23. Recolhido de = <https://doi.org/10.14195/1645-2259_12_1>. Acedido pela última vez a <18/06/2019>.
 37. Lello Universal. (1997). *cinza*. In Dicionário Enciclopédico. (p.558). Porto, Portugal: Lello Editores.
 38. Lello Editores. (1997). *cipreste*. In Lello Universal, Dicionário Enciclopédico (p.558). Porto: Lello Editores.
 39. Li, B. & Li, G. & Tao, K. 李冰 & 李桂文 & 陶愷. (2009). *yóu zhōngguó chuántǒng bìnzàng guān fēnxī chéngshì mù yuán de shēngtài huà shèjì*. 由中国传统殡葬观分析城市墓园的生态化设计. (*Urban Cemetery Design based on Analysis of Chinese Traditional Funeral View*). Recolhido do website = <<http://gb.oversea.cnki.net/KCMS/detail/detail.aspx?filename=JZCS200907042&dbcode=CJFD&dbname=CJFD2009>>. Consultado pela última vez a <18/10/2019>.
 40. Löffler, K. (1911). *St. Odilo*. In *The Catholic Encyclopedia*. New York: Robert Appleton Company. Retirado do website = <New Advent: <http://www.newadvent.org/cathen/11207c.htm>>. Consultado pela última vez a <6/12/2019>.
 41. Lopes, A. M. P., & Pereira, A. M. (2017). *O Luto em Portugal: da Corte à Gente Comum (séculos XV-XVI)*. *Medievalista Online*, (22). Recolhido de = <<https://doi.org/10.4000/medievalista.1360>>. Acedido pela última vez em <10/10/2019>.
 42. Machado, M. C., Couceiro, L., Alves, I., Almendra, R. & Cortes, Maria (2011). *A Morte e o Morrer em Portugal*. Coimbra: Edições Almedina
 43. M.C.A.M. Miranda, comunicação pessoal, 17 de junho, 2019
 44. Marques, A. (1987). *Portugal na crise dos séculos XIV e XV*. 1st ed. Lisboa: editora Presença
 45. Mendes, R. C. (2018). *Viver da morte: a indústria funerária em Portugal*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos
 46. Naumov, G. (2007). *Housing the dead: Burials inside houses and vessels in the Neolithic Balkans*. In *Cult in Context: Reconsidering Ritual in Archaeology*. Retirado do Website = <https://www.academia.edu/986747/Housing_the_dead_Burials_inside_houses_and_vessels_in_the_Neolithic_Balkans>.
 47. Parkes, C.M. & Laungani, P. & Young, B. (coordenação). (2003). *Morte e Luto através das Culturas*. Lisboa: Climepsi Editores
 48. Queiroz, F., & Rugg, J. (2003). *The development of cemeteries in Portugal c.1755-c.1870*. *Mortality*, 8(2), 113–128. Recolhido de = <<https://doi.org/10.1080/1357627031000087370>>.
 49. Rugg, J. (2007). *Defining the place of burial: What makes a cemetery a cemetery?* *Mortality*, volume 5 (3), 259-275. Recolhido de = <<https://doi.org/10.1080/713686011>>.
 50. Santos, J. (2017). *Cor e comunicação: A experiência da cor preta* [Dissertação de Mestrado]. Retirado do website = <<https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/19224>>. Acedido pela última vez a <16/10/2019>.
 51. Shaughnessy, E. L. (2005). *A Antiga China. Culturas e Civilizações*. Madrid, Espanha: Círculo de Leitores.
 52. Song, L. (2015). *Chinese Festival Culture Series-The Tomb-Sweeping Day*. Reino Unido: Paths International. Recolhido de = <<https://books.google.pt/books?id=9YlaDwAAQBAJ>>.

53. Standaert, N. (2008). *The Interweaving of Rituals: Funerals in the Cultural Exchange between China and Europe*. Seattle: University of Washington Press.
54. S. Lam, comunicação pessoal, 16 de janeiro, 2014
55. Sutton, D. S. (2007). *Ritual, Cultural Standardization, and Orthopraxy in China*. *Modern China*, 33(1), 3–21. Recolhido de = <<https://doi.org/10.1177/0097700406294914>>.
56. Tworuschka, M. & Tworuschka, U. (2010). *O Budismo*. Religiões do Mundo, Círculo de Leitores. Lisboa
57. Wang, B. (1998). *Imperial Mausoleums and Tombs*, Ancient Chinese Architecture, Nova Iorque: Springer-Verlag Wien
58. Ch'en, K. (1964). *Buddhism in China: A Historical Survey*. PRINCETON, NEW JERSEY: Princeton University Press. Recolhido de = <doi: 10.2307/j.ctv131bw1p>.
59. Galvany, A. (2012). Death and Ritual Wailing in Early China: Around the Funeral of Lao Dan. *Asia Major*, 25(2), third series, 15-42. Recolhido de = <<http://www.jstor.org/stable/43486144>>.

Webgrafia

1. Aldazábal, J. (n.d.). *oitava*, In Dicionário elementar de liturgia. Secretariado Nacional da Liturgia. Portugal. Recolhido do website = <http://www.liturgia.pt/dicionario/dici_ver.php?cod_dici=292> Acedido pela última vez a <6/12/19>
2. American Institute for Roman Culture. (2011, 26 de jun.). *Ostia Antica Chapter 8: Death and Burial* [ficheiro Video]. Recolhido do website = <<https://www.youtube.com/watch?v=xSqFRYcQCmc>>. Acedido pela última vez a <30/05/2019>.
3. *antas*. (2008-2013). in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha]. Recolhido do website= <<https://dicionario.priberam.org/antas>>. Acedido pela última vez a <13/07/2019>.
4. Asian Art Museum (1999). *Ancient China, From the Neolithic Period to the Han Dynasty*. São Francisco, CA.: Asian Art Museum. Retirado do Website = <<https://education.asianart.org/wp-content/uploads/sites/6/2019/09/Ancient-China-Color-PDF.pdf>>. Acedido pela última vez a <22/05/2020>
5. Ask a Mortician (2017, 29 de set.). *ICONIC CORPSE: The "Diva Corpse" Lady Dai* [ficheiro Video]. Retirado do website <<https://www.youtube.com/watch?v=5OdRTQiUxIQ>>. Acedido pela última vez <15/05/2020>. Acedido pela última vez a <18/05/2020>.
6. BBC. (2009, 12 de nov.). *Religions - Taoism: Religious and philosophical Taoism*. Recolhido do website = <https://www.bbc.co.uk/religion/religions/taoism/beliefs/religious_1.shtml>. Acedido pela última vez a <09/06/2020>.
7. Bovey, A. (2015, 30 de abr.). *Death and the afterlife*. Recolhido do website = <<https://www.bl.uk/the-middle-ages/articles/death-and-the-afterlife-how-dying-affected-the-living>>. Acedido pela última vez a <16/07/2019>.
8. Brito, S. (2018, 1 de nov.). *Como se começou a celebrar o dia de Todos os Santos. Sábado*. Retirado do website= <<https://www.sabado.pt/vida/detalhe/como-se-comecou-a-celebrar-o-dia-de-todos-os-santos>>. Acedido pela última vez a <9/12/19>.
9. Catecismo da Igreja Católica. (n.d.). 2º capítulo, 5, 2ª secção, Respeito com os mortos. Retirado do Website = <https://www.vatican.va/archive/ccc_css/archive/catechism/p3s2c2a5.htm#2301>. Acedido pela última vez a <7/06/2020>.
10. Catecismo da Igreja Católica. (n.d.). 2º capítulo, 5, 2ªsecção, Respeito com os mortos,2300. Retirado do Website = <https://www.vatican.va/archive/ccc_css/archive/catechism/p3s2c2a5.htm#2301>. Acedido pela última vez a <7/06/2020>.
11. Catecismo da Igreja Católica. (n.d.) 2º Capítulo, artigo 7. Retirado do website = <http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/p1s2cap2_422-682_po.html#ARTIGO_7_>. Acedido pela última vez <2/06/2020>.
12. Cemitério Municipal Loures. (n.d.). *Simbologias da arte funerária* [ficheiro Powerpoint]. Retirado do Website = <https://app1.cm-loures.pt/turismocemiterial/wp-content/uploads/Expo_Simbologias.pdf>. Acedido pela última vez a <15/10/2019>
13. China Internet Information Center. (2004). *Ancient Tombs and Mausoleums*. Retirado do website = <<http://english.china.org.cn/english/features/atam/115005.htm>>. Acedido pela última vez a <18/10/2019>.

14. *cista* (2008-2013). in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha]. Recolhido do website = <<https://dicionario.priberam.org/cista>>. Acedido pela última vez a <13/07/2019>.
15. Clamote, F. (2009, 6 de nov.). *Saudades (Scabiosa atropurpurea)* [página Blog]. Retirado do Website = <<http://obotanicoaprendiznateradosespantos.blogspot.com/2009/11/saudades-scabiosa-atropurpurea.html>>. Acedido pela última vez a <17/10/2019>
16. Cleto, J. (Apresentador) & Oliveira, P. (Imagem & Realização). (2018, 30 de out.). *Caminhos da História - Cemitérios do Porto, histórias e estórias* [episódio série televisiva]. In A. Pinto (Prod.), Caminhos da História. Porto: Porto Canal
17. Cleto, J. (Apresentador), & Oliveira P. (Imagem & Realização). (2017, 20 de jun.). *Caminhos da História - Mosteiro de Alcobaça* [episódio série televisiva]. In A. Pinto (Prod.), Caminhos da História. Porto: Porto Canal
18. Cleto, J. (Apresentador) & Oliveira, P. (Imagem & Realização). (2017, 17 de out.). *Caminhos da História -Sepulturas escavas na rocha* [episódio série televisiva]. In A. Pinto (Prod.), Caminhos da História. Porto: Porto Canal
19. *columbário*. (2008-2013). in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha]. Recolhido do website = <<https://dicionario.priberam.org/columb%C3%A1rio>>. Acedido pela última vez a <11/07/2019>.
20. CrashCourse. (2014, 25 de jul.). *Disease! Crash Course World History 203* [ficheiro Vídeo]. Retirado do website = <<https://www.youtube.com/watch?v=1PLBmUVYYeg>>. Acedido pela última vez a <15/06/2019>.
21. Cummings, D. (Apresentador) (2016, 31 de out.). *7 - Halloween Origins*. Timesuck with Dan Cummins. [Podcast]. Retirado do website = <<https://www.stitcher.com/podcast/dan-cummins/timesuck/e/48101816>>. Acedido pela última vez a <30/10/19>.
22. Dias, J.J.A. (autor) & Leal, D. (1989, 1 de nov.). *1º de novembro-Dia de Todos os Santos. Feriados Nacionais* [episódio série televisiva]. Feriados Nacionais. RTP2. Portugal. Recolhido do website = <<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/1o-de-novembro-dia-de-todos-os-santos/>> Acedido pela última vez a <31/10/19>.
23. Dictionary.com. (2020). *Cultural Revolution*. In Dictionary.com. Retirado do Website = <<https://www.dictionary.com/browse/cultural-revolution>> Acedido pela última vez a <31/03/2020>.
24. 風采.Feminine. (2017, 29 de mar.). *Qīngmíng sǎomù: Nǐ zuò duìle ma? Part 1. 清明扫墓：你做对了吗？ Part 1. (A limpeza dos túmulos do Qingming: Tu fazes corretamente? Parte 1)* [ficheiro Vídeo]. Retirado do website = <<https://www.youtube.com/watch?v=YX7E3Ct5w8Q&list=WL&index=94&t=0s>>. Acedido pela última vez a <18/03/2019>.
25. *Feriado de Todos os Santos celebra-se pela última vez até 2018*. (2012, 1 de nov.). Jornal de Notícias. Retirado do Website = <<https://www.jn.pt/sociedade/feriado-de-todos-os-santos-celebra-se-pela-ultima-vez-ate-2018-2860801.html>>. Acedido pela última vez a <5/11/2019>.
26. *Feriados religiosos repostos já este ano*. (2016, 5 de jan.). Jornal de Notícias. Retirado do website= <<https://www.jn.pt/nacional/feriados-religiosos-repostos-ja-este-ano-4964396.html?id=4964396>>. Acedido pela última vez a <6/11/2019>.
27. Ferreira, M.L. (2015, 30 de out.). *A História do dia de Todos os Santos. Que quase morreu com o Halloween*. Observador. Portugal. Retirado do Website = <

- <https://observador.pt/2015/10/30/a-historia-do-dia-de-todos-os-santos-que-quase-morreu-com-o-halloween/>>. Acedido pela última vez a <5/11/19>.
28. *Fiéis Defuntos: Tradição da Igreja é manter restos mortais nos cemitérios ou locais sagrados*. (2019, 1 de nov.). Agência Ecclesia. Lisboa. Retirado do website = <<https://agencia.ecclesia.pt/portal/feis-defuntos-tradicao-da-igreja-e-manter-restos-mortais-nos-cemiterios-ou-locais-sagrados/>>. Acedido pela última vez a <7/06/2020>.
 29. Glosbe. (n.d.). *funesta*, in Glosbe.com latim-português dicionário. Retirado do Website = <<https://pt.glosbe.com/la/pt/funesta>>. Acedido pela última vez a <30/06/2020>.
 30. Glosbe. (n.d.). *res*, in Glosbe.com latim-português dicionário. Retirado do website = <<https://pt.glosbe.com/la/pt/res>>. Acedido pela última vez a <30/06/2020>.
 31. Historia Iuris (2016, 2 de out.) *La lex duodecim tabularum, historiaiuris.com* [ficheiro Vídeo]. Retirado do Website = <<https://www.youtube.com/watch?v=gqKKoP9cjTM>>. Acedido pela última vez a <22/06/2019>.
 32. Historyworks (2012, 24 de ago.). *6. Walking with the Romans: Death and Burial* [ficheiro Vídeo]. Retirado do website = <<https://www.youtube.com/watch?v=xSqFR>>. Acedido pela última vez a <10/06/2019>.
 33. Lu bo. 吕博 (ed.). (2010, 27 de jul.). *zhíyè kū sāng rén yuè shōurù jǐn qībā bǎi yuán bù bèi lǐjiě chéngjiā nán 职业哭丧人月收入仅七八百元 不被理解成家难 (O salário mensal de uma carpideira profissional é apenas de 700-800 yuans)*, *Zhōngxīnwǎng-Chóngqing chénbào 中新网-重庆晨报* (Chinanews.com -Chongqing Morning News). Recolhido do Internet Archive website = <<https://web.archive.org/web/20130617145950/http://society.big5.dbw.cn/system/2010/07/27/052642855.shtml>>. Acedido pela última vez <13/07/2020>.
 34. Monteiro, G. (2012, 10 de nov.). *Simbologia: Perpétua Saudade* [página Blog]. Retirado do Website = <<http://taphophilia.blogspot.com/2012/11/simbologia-perpetua-saudade.html>>. Acedido pela última vez a <15/10/2019>.
 35. Museo Arqueológico Nacional. (n.d.). *Archaeology of the death*. Retirado do Website = <<http://www.man.es/man/en/exposicion/recorridos-tematicos/arqueologia-muerte.html>>. Acedido pela última vez <30/06/2020>.
 36. Nations Online. (n.d.). *Joss Paper*. Retirado do website = <https://www.nationsonline.org/oneworld/Chinese_Customs/joss_paper.htm>. Acedido pela última vez a <26/03/2019>.
 37. Nations Online. (n.d.). *Symbolism of Colors, Associations of The Five Elements in Chinese Beliefs and Feng Shui*. Retirado do Website = <https://www.nationsonline.org/oneworld/Chinese_Customs/colours.htm>. Acedido pela última vez a <16/10/2019>.
 38. OpenLearn from The Open University. (2011, 26 de jul.). *Funerary Monuments - Roman Funerary Monuments (3/7)* [ficheiro Vídeo]. Retirado do website = <https://www.youtube.com/watch?v=m_N7ruHcMMY>. Acedido pela última vez a <10/06/2019>.
 39. Pahl, M J G. (2015, 17 de jun.). *Cult of Saints. MACS 600: Catholic Thought and Culture Through the Ages - Book Presentation* [ficheiro Áudio]. Retirado do website = <<https://www.spreaker.com/user/frmjgpahls/cult-of-the-saints>>. Acedido pela última vez a <20/11/2019>.
 40. Pinheiro, M. P. (Autora & Apresentadora). (2015, 07 de nov.). *Estatuária - Cemitério dos Prazeres* [episódio série televisiva]. In S. Oliveira (Prod.), *Visita Guiada*. Portugal: RTP

41. Pinheiro, M. P. (Autora & Apresentadora). (2014, 23 de ago.). Os Muçulmanos do Al Andalus - Castelo de Silves e Poço Cisterna [episódio série televisiva]. In S. Oliveira (Prod.), Visita Guiada. Portugal: RTP
42. Porto Editora. (2003-2020). *António Nunes Ribeiro Sanches*, in Infopédia. Dicionários Porto Editora. Recolhido do website = <[https://www.infopedia.pt/\\$antonio-nunes-ribeiro-sanches](https://www.infopedia.pt/$antonio-nunes-ribeiro-sanches)>. Acedido pela última vez a <30/07/2019>.
43. Porto Editora. (2003-2019). *Mouros*, in Infopédia, Dicionários Porto Editora. Recolhido do website = <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/Mouros>>. Acedido pela última vez a <16/07/2019>.
44. Porto Editora (2003-2019). *Reconquista*, in Infopédia, Dicionários Porto Editora. Recolhido do website = <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/reconquista>>. Acedido pela última vez a <16/07/2019>.
45. *qiān piān guóxué. 千篇国学*. (2020). *àn qī. 暗泣*. in *qiān piān guóxué. wàn juǎn jīngdiǎn 千篇国学 · 万卷经典*. Consultado de = <<https://cidian.qianp.com/ci/%E6%9A%97%E6%B3%A3>>. Acedido pela última vez a <04/10/2020>.
46. *qiān piān guóxué. 千篇国学* (2020). *kū. 哭* (choro). in *qiān piān guóxué. wàn juǎn jīngdiǎn 千篇国学 · 万卷经典*. Consultado de = <<https://zidian.qianp.com/zi/%E5%93%A>>. Acedido pela última vez a <04/10/2020>.
47. Radio Free Asia. (2015, 6 de abr.). *Chinese Offerings to the Dead go up in Smoke* [ficheiro vídeo]. Retirado do website = <<https://www.youtube.com/watch?v=wRrseByAehA>>. Acedido pela última vez a <20/03/2019>.
48. Sanches, A. N. R. (2003). *Tratado da Conservação da Saúde dos Povos*. Recolhido de = <http://www.estudosjudaicos.ubi.pt/rsanches_obras/tratado_saude_povos.pdf>. Acedido pela última vez a <30/07/2019>.
49. Smithsonian Institution. (2010-2020). *Why Dead Rulers of the Han Dynasty Were Plugged With Jade. Raiders of the Jade Empire* [ficheiro Vídeo]. Recolhido do website = <<https://www.smithsonianchannel.com/videos/why-dead-rulers-of-the-han-dynasty-were-plugged-with-jade/50448>>. Acedido pela última vez a <18/05/2020>.
50. Sociedade Portuguesa de Botânica. (2012-2019). *Cynara cardunculus*. Retirado do Website = <<https://flora-on.pt/?q=Cynara+cardunculus>>. Acedido pela última vez a <17/10/2019>.
51. South China Morning Post. (2015, 25 de mai.). *Hong Kong's Ching Ming Festival... what is it?* [ficheiro Vídeo.] Recolhido de = <<https://www.youtube.com/watch?v=5Lb1XKlxkQ>>. Acedido pela última vez a <20/03/2019>.
52. The History of Spain Podcast. (2019, 30 de mar.). *The Apogee of the Kingdom of the Suebi* [ficheiro Vídeo]. Recolhido de = <<https://www.youtube.com/watch?v=ajU1zs7PQpE>>. Acedido pela última vez a <18/06/2019>.
53. Theobald, U. (2000). *Zhūzi jiā lǐ. 朱子家礼 (Rituais da família de Zhuzi)*. Retirado do website = <<http://www.Chinaknowledge.de/Literature/Classics/zhuzijiali.html>>. Acedido pela última vez <20/04/2020>.
54. Timeline - World History Documentaries. (2019, 13 de abr.). *China's Lost Pyramids (Ancient China Documentary) | Timeline* [ficheiro Vídeo]. Recolhido de = <<https://www.youtube.com/watch?v=JiqGBeyVD8A>>. Acedido pela última vez em <8/10/2019>.
55. vpro world stories. (2018, 13 de dez.). *How in China death rituals like ghost marriage are celebrated* [ficheiro Vídeo]. Retirado do website =

- <<https://www.youtube.com/watch?v=QrfALbb9WSY&index=86&list=WL&t=2s>>. Acedido pela última vez a <28/03/2019>.
56. Wikiwand. (n.d.). *zhǐqián*. 紙錢 (*dinheiro dos espíritos*). Recolhido de = <<http://www.wikiwand.com/zh-cn/紙錢>>. Acedido pela última vez a <28/03/2019>.
57. yellowbridge. (2003-2020). *qi*. 泣 (choro). in yellowbridge. Consultado do website = <<https://www.yellowbridge.com/chinese/character-etymology.php?zi=%E6%B3%A3>>. Acedido pela última vez a <4/10/2020>.
58. Zhi, Dao. (2019). *History of Imperial Mausoleum in China*. Recolhido de = <https://books.google.pt/books?id=YbKLDwAAQBAJ&dq=History+of+Imperial+Mausoleum+in+China+zhidao&hl=pt-PT&source=gbs_navlinks_s>
59. Zhu, Gang 朱钢. (2010, 13 de jan.). *sui chéng fēngsú zhī hǎn. kǒu pó*. 穗城风俗之喊口婆. (*O costume das carpideiras em Cantão*), *Nánfāng dūshì bào*. 南方都市报 (Southern Metropolis Daily). Recolhido do Internet Archive website = <<https://web.archive.org/web/20131005002333/http://gcontent.oeeee.com/8/f2/8f2964fece20703/Blog/2f6/b381e4.html>>. Acedido pela última vez <28/09/2020>.

Anexos

Anexo 1- Breve cronologia da História da China

- Xia (夏, *Xià*) 2100-1600 a.C.
- Shang (商, *Shāng*) 1500-1050 a.C.
- Zhou (周, *Zhōu*) 1050-221 a.C.
 - Período da Primavera e do Outono (春秋, *Chūnqiū*) 1050-770 a.C.
 - Período dos Estados Combatentes (战国, *Zhànguó*) 770-221 a.C.
- Qin (秦, *Qín*) 221-206 a.C.
- Han (汉, *Hàn*) 206 a.c-220 d.C.
- Três Reinos (三国, *Sān Guó*) 220-265 d.C.
- Dinastias do Norte e do Sul (南北朝, *Nán-Běi Cháo*) 265-589 d.C.
- Sui (隋, *Suǐ*) 589-618 d.C.
- Tang (唐, *Táng*) 618-906 d.C.
- Cinco Dinastias e Dez Reinos (五代十国, *Wǔdài Shíguó*) 906-960 d.C. e 902-979 d.C.
- Song (宋, *Sòng*) 960-1258 d.C.
 - Song do Norte (北宋, *Běi Sòng*) 960-1123 d.C.
 - Song do Sul (南宋, *Nán Sòng*) 1123-1258 d.C.
- Yuan (元, *Yuán*) 1258-1367 d.C.
- Ming (明, *Míng*) 1367-1644 d.C.
- Qing (清, *Qīng*) 1644-1911 d.C.
- República da China (中华民国, *Zhōnghuá Mínguó*) 1912-1949 d.C.
- República popular da China (中华人民共和国, *Zhōnghuá Rénmín Gònghéguó*) 1949-

Anexo 2- Mapa da China



Figura 1 China Mike. (2020). China provinces map: outline. [Imagem digital]. Recolhido do website = <<https://www.china-mike.com/china-travel-tips/tourist-maps/china-provinces-map/>>. Acedido pela última vez a <12/06/2020>.

Anexo 3-Ladainha de Todos os Santos

Senhor, tende piedade de nós.

Cristo, tende piedade de nós.

Senhor, tende piedade de nós.

Jesus Cristo, ouvi-nos.

Jesus Cristo, atendei-nos.

Deus Pai do Céu, tende piedade de nós.

Deus Filho, Redentor do mundo, tende piedade de nós.

Deus Espírito Santo, tende piedade de nós.

Santíssima Trindade, que sois um só Deus, tende piedade de nós.

Santa Maria, rogai por nós.
Santa Mãe de Deus, rogai por nós.
Santa Virgem das Virgens, rogai por nós.
São Miguel, rogai por nós.
São Gabriel, rogai por nós.
São Rafael, rogai por nós.
Todos os Santos Anjos e Arcanjos, rogai por nós.
Todas as santas ordens de Espíritos bem-aventurados, rogai por nós.
São João Batista, rogai por nós.
São José, rogai por nós.
Todos os santos Patriarcas e Profetas, rogai por nós.
São Pedro, rogai por nós.
São Paulo, rogai por nós.
Santo André, rogai por nós.
São João, rogai por nós.
Todos os santos Apóstolos e Evangelistas, rogai por nós.
Todos os santos Discípulos do Senhor, rogai por nós.
Santo Estêvão, rogai por nós.
São Lourenço, rogai por nós.
São Vicente, rogai por nós.
Todos os santos Mártires, rogai por nós.
São Silvestre, rogai por nós.
São Gregório, rogai por nós.
Santo Agostinho, rogai por nós.
Todos os santos Pontífices e Confessores, rogai por nós.
Todos os santos Doutores, rogai por nós.
Santo Antão, rogai por nós.
São Bento, rogai por nós.
São Domingos, rogai por nós.
São Francisco, rogai por nós.
Todos os santos Sacerdotes e Levitas, rogai por nós.
Todos os santos Monges e Eremitas, rogai por nós.
Santa Maria Madalena, rogai por nós.
Santa Inês, rogai por nós.
Santa Cecília, rogai por nós.
Santa Águeda, rogai por nós.
Santa Anastácia, rogai por nós.
Todas as santas Virgens e Viúvas, rogai por nós.
Todos os Santos e Santas de Deus, intercedei por nós.
Sede-nos propício, perdoai-nos, Senhor.
Sede-nos propício, ouvi-nos, Senhor.
De todo mal, livrai-nos, Senhor.
De todo pecado, livrai-nos, Senhor.
Da morte eterna, livrai-nos, Senhor.
Pelo mistério da vossa santa Encarnação, livrai-nos, Senhor.
Pela vossa Vinda, livrai-nos, Senhor.
Pelo vosso Nascimento, livrai-nos, Senhor.
Pelo vosso Batismo e santo Jejum, livrai-nos, Senhor.

Pela vossa Cruz e Paixão, livrai-nos, Senhor.
Pela vossa Morte e Sepultura, livrai-nos, Senhor.
Pela vossa santa Ressurreição, livrai-nos, Senhor.
Pela vossa admirável Ascensão, livrai-nos, Senhor.
Pela vinda do Espírito Santo Consolador, livrai-nos, Senhor.
No dia do Juízo, livrai-nos, Senhor.
Pecadores que somos, nós vos rogamos: ouvi-nos.
Para que nos perdoeis, nós vos rogamos: ouvi-nos.
Para que vos digneis governar e conservar a vossa santa Igreja, nós vos rogamos: ouvi-nos.
Para que vos digneis conservar na santa religião o Sumo Pontífice e todas as ordens a hierarquia eclesiástica, nós vos rogamos: ouvi-nos.
Para que vos digneis humilhar os inimigos da santa Igreja, nós vos rogamos: ouvi-nos.
Para que vos digneis conceder a paz e a verdadeira concórdia aos reis e príncipes cristãos, nós vos rogamos: ouvi-nos.
Para que vos digneis confortar-nos e conservar-nos em vosso santo serviço, nós vos rogamos: ouvi-nos.
Para que vos digneis retribuir, com os bens sempiternos, a todos os nossos benfeitores, nós vos rogamos: ouvi-nos.
Para que vos digneis dar e conservar os frutos da terra, nós vos rogamos: ouvi-nos.
Para que vos digneis conceder o descanso eterno a todos os fiéis defuntos, nós vos rogamos: ouvi-nos.
Para que vos digneis atender-nos, nós vos rogamos: ouvi-nos.
Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo, perdoai-nos, Senhor.
Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo, ouvi-nos, Senhor.
Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo, tende piedade de nós.
Jesus Cristo, ouvi-nos.
Jesus Cristo, atendei-nos.